

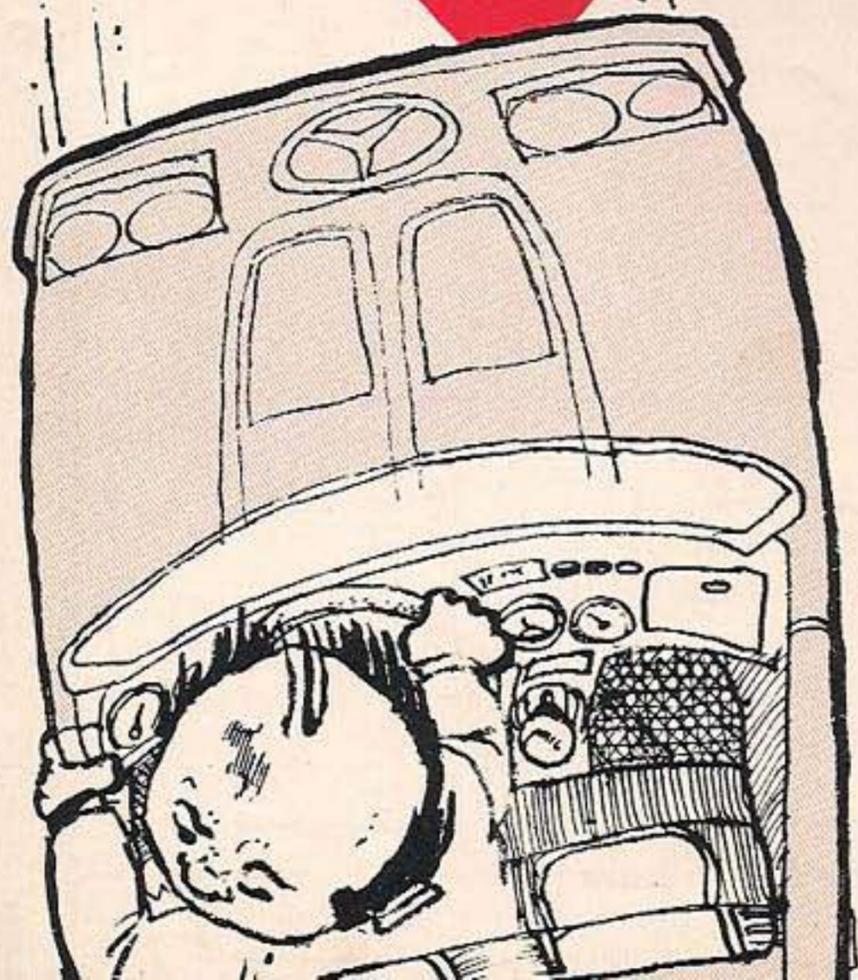
Princípios

Revista teórica, política e de informação

junho/89 Nº 17 NCz\$ 3,50

O SOCIALISMO TRAÍDO:

PERÉSTROÏKA



A volta ao capitalismo, de Krushev a Gorbachev, em dez artigos, de diferentes autores, sobre: os efeitos do revisionismo contemporâneo no movimento revolucionário, o caráter de classe da perestroika, resultados da política soviética no campo econômico, institucional e cultural, a raiz dos conflitos entre as nacionalidades e outros aspectos da realidade atual da URSS.

Inédito no Brasil: o artigo que abalou a perestroika. A crítica da professora universitária soviética Nina Andreieva à política de Gorbachev, veiculada originalmente no jornal "Sovietskaia Rosia".

ÍNDICE

Com a <i>perestroika</i> cai a máscara do regime João Amazonas	Página 3
“Não podemos abrir mão dos princípios” Nina Andreieva	Página 7
Os efeitos do revisionismo sobre a luta revolucionária José Reinaldo Carvalho	Página 15
Particularidades e caráter de classe do revisionismo soviético Umberto Martins	Página 23
<i>Soviets</i> : um milhão de vezes mais democráticos Rogério Lustosa	Página 31
A <i>perestroika</i> ressuscitou o chauvinismo grão-russo Aldo Rebelo	Página 38
<i>Perestroika</i> : nova fase de integração no mercado capitalista mundial Luís Fernandes	Página 45
A experiência da NEP e a farsa histórica de Gorbachev Agenor da Silva e Umberto Martins	Página 52
Gorbachev e seu “moinho satânico” José Carlos Ruy e Antonio Martins	Página 56
O renegado da rua Arbat Carlos Pompe	Página 62

Princípios

Revista teórica, política e de informação

Junho de 1989

NCz\$ 3,50

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Rua Bororós, 51, 3º andar

— São Paulo — SP

CEP - 01320 — Tel. 278-3220

Diretor e jornalista responsável

João Amazonas

Conselho Editorial

João Amazonas

Rogério Lustosa

José Reinaldo Carvalho

Umberto Martins

Número avulso: NCz\$ 3,50 (inclusive atrasados)

Enviar cheque nominal para Editora Anita Garibaldi Ltda.

Atendemos também pelo Reembolso Postal

Composição, Montagem, Fotelito: Editora Jornalística Afa Ltda.

rua Maria José, 334 - Bela Vista - São Paulo

Impressão

Cia Editora Joruês

rua Cardeal Arcoverde, 2.978 - Pinheiros - São Paulo

Diagramação: José Luís Munuera Reyes



Este hambúrguer-gorbachev é uma caricatura genial de Marcia Braga, copiada da Revista "GRÁFICA", n.º 23]

Com a *perestroika* cai a máscara do regime

Dedicamos esta edição da revista *Princípios* à análise do revisionismo soviético, em particular do momento atual da URSS e do movimento batizado por Gorbachev de *perestroika*. A imprensa e os teóricos da burguesia, em comum acordo com os revi-

sionistas, procuram apresentar os acontecimentos que hoje se sucedem naquele país como uma verdadeira "revolução" política, econômica e social, de sentido progressista e democrático. Atribuem a profunda e multilateral crise em que a União Soviética

ca está mergulhada ao sistema socialista e ao mesmo tempo apregoam que as reformas de Gorbachev na direção de um capitalismo aberto e clássico é a única alternativa de solução. A grande burguesia cobre de elogios o atual líder revisionista.

Uma análise rigorosa da conjuntura e da história soviéticas, entretanto, evidenciam que os argumentos utilizados pela burguesia e pequena burguesia para enaltecer e justificar a *perestroika* são falaciosos. Não correspondem aos fatos, em primeiro lugar porque a crise que hoje dilacera a URSS é, na verdade, o coroamento da obra de restauração capitalista iniciado pós a as-

cenção de Kruschev ao poder; e, em segundo, porque as reformas de Gorbachev acentuam ainda mais o caráter capitalista do regime, de onde inevitavelmente provém a crise.

Os artigos contidos nesta revista defendem e ajudam a comprovar esta tese, levantada já faz certo tempo pelos marxistas-leninistas - e contribuem para a compreensão do revisionismo soviético. Na abertura da publicação reproduzimos o prefácio da terceira edição do livro "Socialismo, ideal da classe operária, aspiração de todos os povos", de João Amazonas, escrito pelo próprio autor.

João Amazonas

Neste livro, em terceira edição, o leitor encontrará uma série de artigos e conferências sobre o socialismo e o papel do partido comunista na edificação da nova sociedade. Exalta-se o socialismo científico e a importância da organização de vanguarda da classe operária. Não se trata de propaganda à maneira capitalista para vender produtos e idéias lançados ao mercado. Aqui a propaganda tem o sentido político-ideológico de demonstrar a justeza das concepções de Marx e Engels acerca da inevitabilidade da liquidação do sistema capitalista e da instauração em todo o mundo do regime socialista, em transição para o comunismo.

Entre a segunda edição e a terceira ocorreram fatos gravíssimos na União Soviética e nos denominados países da democracia popular. Fatos que evidenciam o seu distanciamento sempre maior da revolução proletária. É sabido que no 20º Congresso do PCUS, realizado em 1956, adotaram-se decisões que mudavam o rumo revolucionário da URSS. Nikita Kruschev desencadeou esse processo malsão. Foi substituído em 1964 e teve o seu posto ocupado por Leonid Brezhnev. Este seguiu o mesmo caminho do seu antecessor. Esforçou-se, porém, em camuflar as transformações capitalistas que se vinham operando. Alguns anos depois, a União Soviética entrava em crise. Brezhnev morreu e o poder acabou caindo nas mãos de Mikhail Gorbachev. Com ele, as máscaras desceram de vez.

Apareceu no cenário político a *perestroika*, badalada pelo capital financeiro internacional. Daí por diante pôs-se em prática abertamente o sistema capitalista. As antigas formas de estruturação da sociedade, que vinham da época de Lênin e Stálin, já não podiam acomodar o novo conteúdo da orientação revisionista. Gorbachev encarregou-se de abrir o jogo. Passou a predominar a economia de mercado, o lucro voltou a ser o objetivo principal da produção, instalaram-se grandes indústrias do capital estrangeiro que exploram a **mais-valia** dos operários, o sistema de arrendamento de terras foi restaurado. Os sovietes, base da organização estatal criada pelos trabalhadores, converteram-se em parlamentos do tipo burguês. E o partido comunista, totalmente desfigurado, deixou de ser a força dirigente da sociedade.

Nada mais resta de socialismo proletário, científico, na União Soviética. É um país capitalista como outro qualquer, uma superpotência imperialista. A *perestroika* é o esforço feito para consolidar o capitalismo.

Através da renovação do parque industrial, visa colocar a URSS em nível de competitividade capitalista com as outras potências da América, da Europa e da Ásia. Gorbachev fala na paz e prega a redução da corrida armamentista, por enquanto. Adiante, ingressará nos descaminhos da

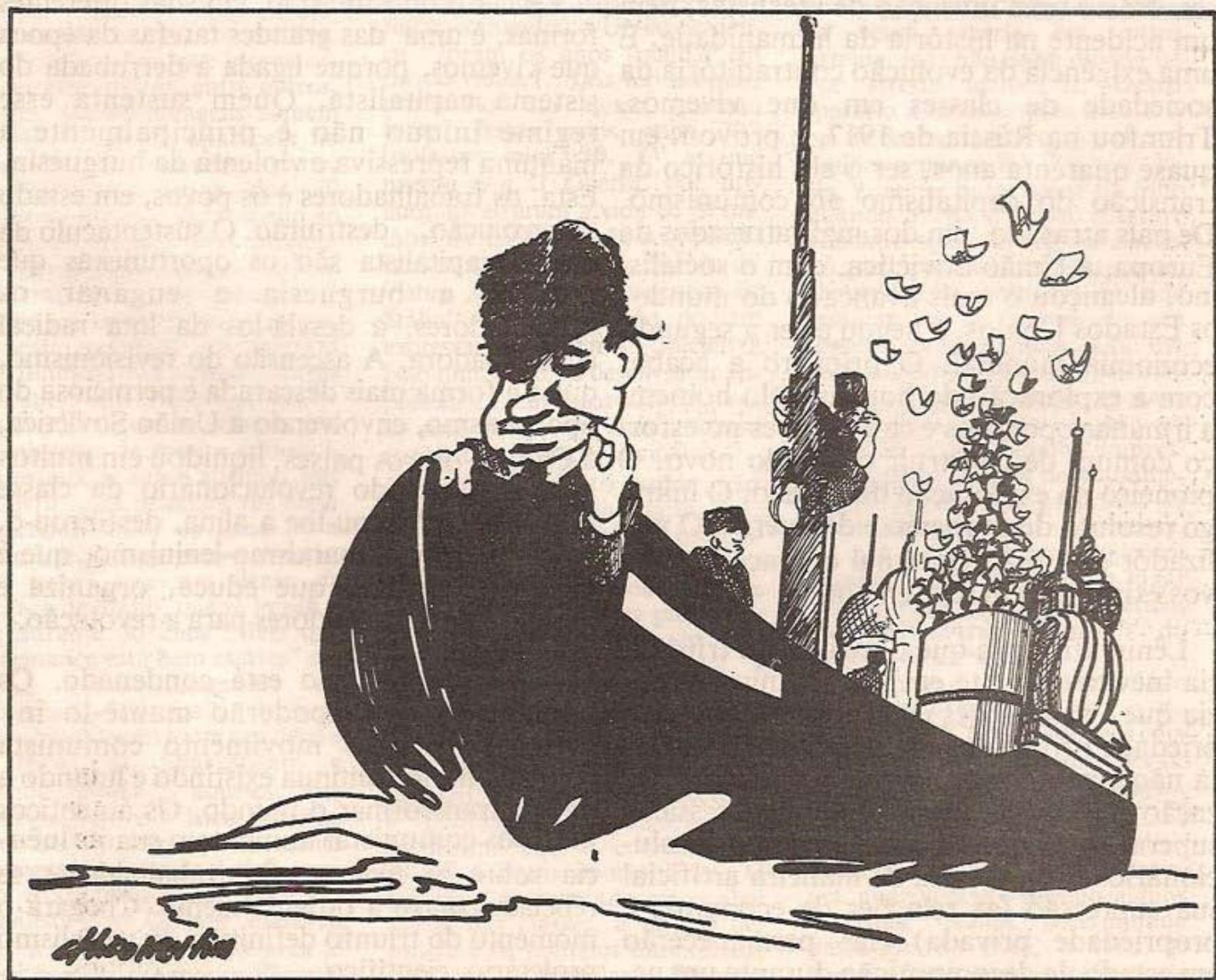
guerra, que é a lógica da concorrência imperialista.

Utilizando o retrocesso verificado na União Soviética, a burguesia faz intensa campanha contra o socialismo, pretendendo confundir os explorados e oprimidos de todo o mundo. Com os meios de comunicação de massa em suas mãos, tenta denegrir as idéias avançadas do proletariado revolucionário e "convencer" o povo que o comunismo fracassou. Tudo de grandioso que foi erigido na URSS, no tempo da ditadura do proletariado, é amesquinçado, menoscabado. Os que se empenharam na construção heróica e vitoriosa da nova sociedade são apresentados como bárbaros, que teriam sufocado a liberdade e assassinado milhões de pessoas. A burguesia procura desmoralizar o poder da classe operária que em sua opinião só cometerá desatinos e atrocidades de toda a espécie.

Quando não podem negar os êxitos, os detratores do socialismo argüem a falta de liberdade, que seria o supremo bem da vi-

da... Mas a liberdade, como a democracia, é um conceito político de classe. Na época do feudalismo, apenas os senhores feudais se consideravam livres. No capitalismo, a verdadeira liberdade existe somente para os ricos, os donos do capital. Os operários e os camponeses, em matéria de liberdade, movem-se no estreito círculo de terro das conveniências burguesas. E diferente no socialismo. Os explorados e oprimidos são emancipados, tornam-se libertos, conquistam o direito de defender seus interesses vitais que se confundem com os da humanidade progressista. Usam esse "supremo bem" para lutar contra os exploradores e construir uma sociedade sem classes e sem Estado na fase do comunismo.

A propaganda mentirosa dos capitalistas produz algum efeito. Pessoas ingênuas em política deixam-se envolver nas artimanhas da burguesia. Em especial a classe média, mas também setores do proletariado. Sem perspectiva, voltam-se para as soluções que pregam o socialismo integrado no capitalismo. Batem palmas à *perestroika*. Não que-



rem ouvir falar de luta de classes, principalmente no plano político. Chegam mesmo a acreditar numa pretensa nova fase de desenvolvimento do capitalismo...moribundo. A vida, entretanto, tem demonstrado que esse socialismo pequeno-burguês não passa de variante da dominação burguesa. Enquanto perdurar o capitalismo, os trabalhadores serão sempre explorados e privados de seus direitos fundamentais.

Os ricos se tornam mais ricos e perdulários, esbanjam fortunas, enquanto os pobres, em número crescente, amargam uma existência de miséria e sofrimentos.

Aí está a realidade indesmentida. A situação da classe operária e dos assalariados em geral, em todo mundo, é angustiante. Milhões de pessoas vivem na extrema pobreza. O capitalismo de hoje assegura condições razoáveis de vida unicamente a uma parcela pequena da comunidade humana.

O socialismo, porém, não morreu, como apregoa a burguesia. Continua a ser sonho e esperança dos proletários de todos os países. Não é uma invenção de idealistas, nem um acidente na história da humanidade. É uma exigência da evolução contraditória da sociedade de classes em que vivemos. Triunfou na Rússia de 1917, e provou, em quase quarenta anos, ser o elo histórico da transição do capitalismo ao comunismo. De país atrasado, um dos mais atrasados da Europa, a União Soviética, com o socialismo, alcançou o mais avançado do mundo, os Estados Unidos. Chegou a ser a segunda economia mundial. O primeiro a acabar com a exploração do homem pelo homem, a irmanar operários e camponeses no esforço comum de construir o mundo novo. O pioneiro na exploração do espaço. O inimigo resolutivo do fascismo e da guerra. O realizador da união fraternal de nações e povos existentes em seu território.

Lênin afirmava que o socialismo triunfaria inevitavelmente em todo o mundo. Dizia que "as relações de economia e de propriedade privada constituem envoltura que já não corresponde ao conteúdo - a socialização elevada da produção". É necessário superar essa contradição por meios revolucionários. "Se se adia de maneira artificial sua supressão (as relações de economia e propriedade privada) elas permanecerão em estado de decomposição durante um pe-

ríodo relativamente largo (no pior dos casos, se a cura do tumor oportunista se prolongar demasiado). Sem dúvida, porém, serão inelutavelmente suprimidas". (V.I. Lênin - "O imperialismo, etapa superior do capitalismo).

Precisas, as palavras de Lênin. O tumor oportunista se manteve e adquiriu, com o revisionismo, caráter ainda mais putrefato. Por meios artificiais a solução radical vem sendo adiada. O resultado é a decomposição prolongada do capitalismo que atinge todos os setores de atividade humana. A chaga do desemprego, a fome que se expande em toda a parte, o desamparo da infância, a corrupção, a marginalização de milhões de pessoas, a pornografia, a criminalidade em progressão, o fascismo, o armamentismo absurdo, a inflação continuada, o domínio esmagador de um punhado de parasitas do capital financeiro sobre a imensa maioria dos países e povos - tudo isso não é senão manifestação brutal da decomposição do capitalismo agonizante.

Vencer o oportunismo, em suas diferentes formas, é uma das grandes tarefas da época que vivemos, porque ligada à derrubada do sistema capitalista. Quem sustenta esse regime iníquo não é principalmente a máquina repressiva e violenta da burguesia. Esta, os trabalhadores e os povos, em estado de revolução, destruirão. O sustentáculo da ordem capitalista são os oportunistas que ajudam a burguesia a enganar os trabalhadores, a desviá-los da luta radical emancipadora. A ascensão do revisionismo, que é a forma mais descarada e perniciosa do oportunismo, envolvendo a União Soviética, a China e outros países, liquidou em muitos lugares o partido revolucionário da classe operária. Arrancou-lhe a alma, desfibrou-o. Anatematizou o marxismo-leninismo, que é a força espiritual que educa, organiza e mobiliza os trabalhadores para a revolução.

Mas o capitalismo está condenado. Os oportunistas não poderão mantê-lo indefinidamente. O movimento comunista revolucionário continua existindo e lutando a fim de transformar o mundo. Os autênticos partidos comunistas aumentam sua influência sobre as massas. Os trabalhadores se rebelam contra a ordem vigente. Chegará o momento do triunfo definitivo do socialismo proletário, científico.

“Não é possível abrir mão dos princípios”



Exclusivo

Este documento apareceu originalmente na edição de 13 de março de 1988 do jornal soviético "Sovietskaia Rosia", com o título "Não podemos abrir mão dos nossos princípios". Até agora permaneceu inédito na imprensa ocidental que dele só publicou pequenos trechos e comentários. A carta de Nina Andreieva, uma professora universitária de Leningrado, desencadeou acesa polêmica na União Soviética, com muitas manifestações de apoio de outros missivistas. Ela foi publicada quando Mikhail Gorbachev

Nina Andreieva

Decidi escrever esta carta depois de muitas vacilações. Sou química e leciono no Instituto Tecnológico de Leningrado, que leva o nome "Len soviet". Como muitos outros tenho sob meus cuidados um grupo de estudantes. Nos nossos dias os estudantes, depois de um período de apatia social e parasitismo intelectual, aos poucos começam a se engajar na energia das mudanças revolucionárias. Naturalmente, surgem discussões sobre os caminhos da "perestroika", sobre os seus aspectos econômicos e ideológicos. A "glasnost", a abertura, a eliminação de áreas proibidas à crítica, a exacerbação emocional na consciência das massas, especialmente entre os jovens, freqüentemente se manifestam também na exposição dos problemas que numa ou noutra medida foram "murmurados" pelas rádios ocidentais ou por aqueles nossos compatriotas que vacilam em suas concepções sobre a essência do socialismo. E sobre o que não se falou? Sobre o sistema multipartidário, sobre a liberdade de propaganda religiosa, sobre o abandono do país para morar no exterior, sobre o direito de tratar os problemas sexuais na imprensa, sobre a necessidade da descentralização na direção do setor cultural, sobre a abolição do serviço militar obrigatório. Sobretudo surgem muitos debates entre estudantes acerca do passado do país.

Seguramente nós, pedagogos, devemos responder às perguntas mais agudas, o que exige, além de honradez, conhecimento, con-

vicção, horizonte cultural, julgamento sério, avaliações bem pesadas. Estas qualidades são necessárias a todos os educadores da nova geração e não apenas aos colaboradores das cátedras de ciências sociais.

Tendências niilistas e confusão ideológica se manifestam hoje entre os estudantes.

O meu lugar preferido para passear com os estudantes é o parque Peterhof. Passeamos pelos caminhos de neve, sentimos prazer com as belas praças, com os monumentos e discutimos. Discutimos! Os jovens estão sedentos para aprender cada coisa complexa, para definir o seu caminho rumo ao futuro. Observo meus jovens e entusiastas interlocutores e penso: quanta importância tem ajudá-los a encontrar a verdade, a formar neles uma justa compreensão sobre os problemas da sociedade na qual vivem e que eles devem reconstruir, definir para eles uma compreensão justa sobre nossa velha e nova história.

Onde está o perigo? Eis um simples exemplo sobre a Grande Guerra Patriótica, sobre o heroísmo de seus participantes, coisa sobre a qual muito se falou e escreveu. Há algum tempo em um alojamento dos estudantes do nosso "tecnológico" desenvolveu-se um encontro com o herói da União Soviética, o coronel reformado V.F. Molosiev. Entre outras coisas perguntaram a ele sobre as repressões políticas no Exército. O veterano respondeu que não viu repressão, que muitos deles, que

se encontrava na Iugoslávia em visita oficial. Retornando ao país, o presidente da URSS deu ordens expressas para atacar de público a professora pela imprensa e mandou cessar a discussão. A carta de Nina Andreieva, apesar das ressalvas que se possa fazer a algumas de suas passagens, simboliza a existência de forte oposição à *perestroika* dentro da URSS e a tentativa de setores da sociedade soviética de resgatar o marxismo-leninismo tornado letra morta desde o XX Congresso do PCUS, de 1956. Ao publicá-la com exclusividade Princípios contribui para o debate multilateral sobre o revisionismo soviético.

junto ao coronel começaram a luta permanecendo nela até o fim, se tornaram grandes dirigentes militares. Alguns jovens ficaram desiludidos com a resposta. Sendo atual, o tema das repressões foi inculcado na percepção de uma parte da juventude ao ponto de eclipsar um julgamento razoável e objetivo sobre o passado. Exemplos como esse não são poucos. Seguramente, nos alegra muito o fato de que mesmo entre os "tecnólogos" há um vivo interesse sobre os problemas teóricos sociais. Mas de fato têm-se manifestado alguns fenômenos que eu não posso aceitar e com os quais não posso conciliar. A proliferação de afirmações sobre o "terrorismo", o "servilismo político do povo", sobre a "má qualidade da vida social", sobre a "nossa escravização espiritual", sobre o "medo generalizado", sobre os "prepotentes no poder"... Precisamente com estes fios revela-se com parcialidade a história do período de transição para o socialismo em nosso país. Por isto não devemos nos surpreender com que, por exemplo, em uma parte dos estudantes se fortaleçam as tendências niilistas, se manifestem a confusão ideológica, as orientações políticas não sejam levadas em conta, portanto o envenenamento ideológico generalizado. Algumas vezes escutamos afirmações de que chegou o tempo de responsabilizar os comunistas que, supostamente, "desumanizaram" a vida do país depois de 1917.

Na reunião plenária do comitê central de fevereiro (1988) mais uma vez enfatizou-se a necessidade urgente de que "a juventude deve ser ensinada a ver



Nina Andreieva provocou com sua carta intensa polêmica no país e pôs a nu as mazelas ideológicas do revisionismo.

o mundo com olhos de classe, a compreender a ligação dos interesses de classe com os de toda a sociedade, neste quadro também a compreensão da essência do conjunto das mudanças que ocorrem em nosso país". Uma tal visão da história e da atualidade é incompatível com as anedotas políticas, com as calúnias vis, com as fantasias, com temas agudos com os quais nos enfrentamos hoje não raramente.

Leio e releio artigos barulhentos. O que, por exemplo, podem dar à juventude, a não ser desorientação, as descobertas sobre a "contra revolução" na União Soviética durante os anos 30, sobre a "culpa" de Stálin pela chegada do fascismo e de Hitler ao poder na Alemanha? Ou a "menção" pública dos "stalinistas" entre diferentes gerações e grupos sociais? Nós, cidadãos de Leningrado, vimos recentemente com interesse um filme documentário sobre S. M. Kirov. Mas o texto que acompanhava as imagens em muitas seqüências não apenas não estava adequado ao que o filme documentava, como o colocava em

dúvida. Assim, as imagens mostravam a explosão do entusiasmo, do otimismo, do impulso espiritual das pessoas que construíram o socialismo, enquanto o texto se referia às repressão, à desinformação...

Naturalmente, não apenas a mim chama a atenção que as conclamações dos dirigentes do partido para voltar a atenção dos "desmascaradores" também para as vitórias reais em diferentes etapas da construção socialista, provocam explosões cada vez mais novas de "desmacaramentos". E, surpreendentemente, um fenômeno visível neste terreno estéril são os dramas de M. Shatrov. No dia da abertura do XXVI congresso do partido tive ocasião de assistir à peça "Cavalos duros sobre a erva vermelha". Lembro-me da áspera reação da juventude ao episódio em que o secretário de Lenin se esforçava para lavar a sua cabeça com uma cuia, confundindo-o com um modelo de escultura de argila inacabada. Enquanto isso, uma parte da juventude saiu imbuída da

mensagem, cujos objetivos, claros e previamente preparados, levam a que se enlameie o nosso passado e o nosso presente... Em "A paz de Brest" Lênin, ao sabor do desejo do dramaturgo e do diretor, se ajoelha diante de Trotski. Tal é a encarnação simbólica da concepção do autor. Isto assume proporções ainda maiores no drama "Mais além... mais além... mais além!" Seguramente o drama não é um tratado histórico. Mas também nas obras artísticas e verossimilhança deve ser respeitada pela posição do autor. Sobretudo quando se trata do teatro político.

A posição do dramaturgo Shatrov é analisada positivamente e com argumentos nas críticas dos cientistas históricos publicadas nos jornais "Pravda" e "Sovjetskaja Rosia". Quero manifestar também o meu pensamento. Não se pode negar que Shatrov distancia-se de maneira essencial dos princípios atualmente aceitos do realismo socialista. Lançando luz sobre o período com responsabilidade na história de nosso país, ele absolutiza o fator subjetivo do

desenvolvimento social, ignora abertamente as leis objetivas da história que se manifestam nas atividades das classes e das massas. O papel das massas proletárias, do partido dos bolcheviques, é apresentado num "cenário" onde se estendem atividades sem a responsabilidade dos políticos.

Os críticos, apoiando-se na metodologia marxista-leninista de estudo dos processos históricos concretos, têm mostrado que Shatrov deturpa a história do socialismo em nosso país. O objeto de oposição é o Estado da ditadura do proletariado, sem cuja contribuição histórica nós hoje não teríamos nada para reconstruir. Mas abaixo o autor acusa Stálin pelo assassinato de Trotski e de Kirov, pelo "bloqueio" de Lênin enfermo. Será possível investir com acusações tendenciosas na direção das figuras históricas sem considerar os fatos?

Desgraçadamente os críticos não puderam mostrar que em todas as suas pretensões de autor, o dramaturgo não é original. A mim me parece que, segundo a lógica das avaliações e dos argumentos, ele está muito próximo das motivações do livro de B. Suvarin, publicado em Paris no ano de 1935. No drama, Shatrov colocou na boca dos personagens aquilo que é afirmado pelos opositores do leninismo ligado com o desenvolvimento da revolução, o papel de Lênin nele, as relações recíprocas entre os membros do comitê central e as diferentes etapas da luta dentro do partido. Esta é a essência da "nova leitura" de Lênin por Shatrov. Acrescento que o autor do livro "Os filhos de rua Arbat", (ver matéria nesta edição), Anatoli Ribakov, aceita abertamente que alguns temas específicos foram tomados de empréstimo por ele das publicações dos emigrantes.

Mesmo sem ler o drama "Mais além... mais além... mais além!" (não tinha sido publicado eu agora li críticas elogiosas sobre ele em algumas publicações. Que sentido tinha tal pressa? Depois vim a saber que também apressadamente se estava preparando a encenação do drama.

Imediatamente depois do pleno de fevereiro, foi publicada no jornal "Pravda" a carta "Na

nova região", assinada por oito de nossos destacados ativistas no campo do teatro. Eles advertiam para os obstáculos possíveis à encenação do último drama de Shatrov. Os autores da carta dizem por que qualificam os críticos como "aqueles para os quais a pátria não é cara". Mas o que se pode dizer com relação ao seu desejo de que com "ímpeto e paixão" se julguem os problemas de nossa história passada e presente? Portanto, só se permite a eles que tenham pensamento próprio?

Nas muitas discussões que se realizam agora, precisamente sobre todos os problemas da sociedade, eu, como pedagoga de uma instituição de ensino superior, antes de tudo me interesso por aquelas questões que influenciam diretamente na educação ideológica e política da juventude, no seu reforço moral, em seu otimismo social. Conversando

Os ataques a Stálin se dirigem a toda complicada época de transição e heroísmo

com os estudantes, trocando com eles opiniões sobre problemas agudos, mesmo sem querer, chega-se à conclusão de que entre nós se acumularam muitas deturpações e raciocínios unilaterais, os quais precisam ser corrigidos urgentemente. Eu gostaria de me deter especialmente em alguns.

Tomemos a questão do papel de J. V. Stálin na história de nosso país. Precisamente com o seu nome está ligada toda a ofensiva dos ataques críticos, a qual, segundo minha opinião, não se dirige tanto à personalidade histórica quanto a toda a complicada época de transição, época que tem relação com o heroísmo sem par de toda uma geração dos homens soviéticos, os quais hoje vão aos poucos se afastando de toda ação ativa do trabalho, da atividade política e social. Na fórmula "culto à personalidade" são introduzidas de maneira forçada a industrialização, a coletivização, a revolução cultural, as quais levaram o nosso país às fileiras das grandes nações do

mundo. E tudo isto é colocado em dúvida. As coisas chegaram até o ponto em que dos "stalinistas" (e no número deles, segundo queiram, pode se colocar quem queira) começaram a exigir com insistência o "arrependimento"... Apressadamente são tidos em alta conta romances e filmes em que se critica a época da tempestade, apresentava como "tragédia dos povos".

Afirmo que nem eu nem os membros de minha família temos qualquer ligação com Stálin, com sua região, seus próximos e seus adoradores. Meu pai foi operário no porto de Leningrado, ao passo que minha mãe foi mecânica na usina Kirov. Também ali trabalhou meu irmão mais velho. Ele, meu pai e minha irmã foram mortos durante combates com os hitleristas. Um de meus próximos foi acusado nos processos e reabilitado depois do XX congresso do partido. Manifesto discordância às repressões feitas durante os anos 30 e 40. Mas a razão sadia protesta com decisão contra a colocação em um mesmo saco, que agora começou a predominar em alguns órgãos de imprensa, daqueles acontecimentos contraditórios.

Apóio a conclamação do partido para defender a honra e a dignidade dos vanguardeiros do socialismo. Penso que é precisamente a partir destas posições de classe e partidárias que devemos avaliar o papel histórico de todos os dirigentes do partido e do país, portanto também de Stálin. Nessa oportunidade não se deve reduzir as coisas a um aspecto "de cortesãos" ou à moralização abstrata por parte daqueles que não viveram aquele período tempestuoso, ou que ficaram longe daquelas pessoas às quais corresponde agora viver e trabalhar. Agir com estes últimos é ainda hoje para nós um exemplo inspirador.

Para mim, assim como para muitas outras pessoas, o papel decisivo na avaliação de Stálin é desempenhado pelos testemunhos verdadeiros, com os quais se enfrentaram diretamente os nossos contemporâneos, tanto do nosso lado da barricada como do outro. Estes últimos não são sem interesse. Tomemos o exemplo mesmo de Churchill, que em 1919 se orgulhava da sua contribuição



“Devemos responder às perguntas agudas dos jovens”.

peçoal na organização da intervenção militar de 14 Estados estrangeiros contra a nova república soviética, ao passo que, depois de 40 anos, foi obrigado a caracterizar Stálin com estas palavras: “Um dos meus mais perigosos adversários políticos”. “Ele foi uma figura destacada que se impôs ao nosso tempo, àquele período no qual transcorreu sua vida. Stálin foi um homem com erudição e energia incomuns, com uma inabalável força de vontade, brutal, áspero, impiedoso tanto no trabalho como nas conversações; inclusive eu, educado no parlamento inglês, nunca pude contestá-lo em nada... Em suas obras soava uma força colossal. Esta força era tão grande em Stálin que parece que ele é inigualável entre os dirigentes de todos os tempos e povos... A sua influência sobre as pessoas era incontestável. Quando ele entrou na sala da Conferência de Yalta, todos nós, como que respondendo a um comando, pusemos-nos de pé. E, surpreendentemente, mantínhamos as mãos nas cinturas. Stálin tinha uma inteligência profunda, lógica e razão, privado de todo o pânico. Ele era um mestre perfeito para encontrar nos momentos difíceis os caminhos para sair das situações mais difíceis. Ele era um homem que liquidava os seus inimigos com as mãos dos seus inimigos, ele nos obrigou, a nós que ele chamava abertamente de imperialistas, a lutarmos contra os imperialistas... Ele encontrou a Rússia com arado e a deixou equipada com armas atômicas.”

É impossível atribuir uma tal avaliação por parte de um guarda fiel do império britânico à

hipocrisia e a interesses de conjuntura política.

Os momentos principais desta caracterização podem ser encontrados nas memórias de De Gaulle, nas memórias e correspondência de outras personalidades políticas da Europa e da América, que tiveram em Stálin tanto um aliado de guerra como um inimigo de classe.

Um material importante e sério para pensar sobre esta questão são os nossos documentos, que podem ser utilizados por todos aqueles que desejam. Tomemos, por exemplo, o livro de dois volumes “Correspondência do presidente do Conselho de Ministros da União Soviética com o presidente dos Estados Unidos no período da Grande Guerra Patriótica de 1941 a 1945”, publicado pela Editora Política em 1957. Esses documentos com justeza despertam o orgulho pelo nosso Estado, pelo nosso país, seu papel no mundo tempestuoso, em mutação. Lembro-me do resumo dos discursos, informes e ordens de Stálin nos anos da Segunda Guerra Mundial, com os quais se educava a geração heróica dos vitoriosos sobre o fascismo. Este material pode ser completamente reeditado, incluindo os documentos que então eram secretos, como é a ordem dramática número 227, em relação à qual, com razão, insistem alguns historiadores. Todos esses documentos são desconhecidos de nossa juventude. Especialmente importantes para a educação da consciência histórica são as memórias dos estrategistas Zhukov, Vasilievski, Golovahov, Shtemienku, dos construtores dos aviões Yacovlev, os quais conheceram de perto o

Comandante e não por ouvir falar dele.

É indiscutível, o tempo era muito áspero, mas a verdade é que a simplicidade pessoal que chegava ao ponto do ascetismo, não fazia com que se envergonhasse de si mesmo, pois os milionários soviéticos de então tinham medo de serem mordidos no silêncio dos gabinetes do Estado e nas bases comerciais. Além disso, nós não éramos tão diabólicos e pragmáticos, não preparávamos a juventude para explorar os bens materiais dos pais, mas para o trabalho e a defesa, sem danificar o mundo espiritual dos jovens com obras-primas importadas de além-mar nem com os primitivismos culturais.

Das conversas longas e francas com os interlocutores jovens tiramos conclusões tais que os ataques contra o Estado de ditadura de proletariado e aos dirigentes de então têm não apenas causas políticas, ideológicas e morais, mas também base social. Não são poucos os interessados em ampliar o raio de ação desses ataques, não apenas fora do país. Ao lado dos anticomunistas profissionais do Ocidente, que há muito tempo lançaram a palavra de ordem supostamente democrática de “antistalinismo”, ainda vivem e esperam os descendentes das classes derrotadas pela Revolução de Outubro, que não esqueceram o que pagaram material e socialmente os seus avós. Aqui se incluem os herdeiros espirituais de Dan e Martov, outros das instituições da social-democracia russa, seguidores espirituais de Trotski e Iagoda, os sucessores dos *nepmans*, e *kulaks*, derrubados pelo socialismo.

Como se sabe, toda figura histórica se forma em condições concretas sócio-econômicas e político-ideológicas, condições que influem de maneira determinada na seleção subjetivo-objetiva dos pretendentes engajados na busca de soluções para este ou aquele problema social. Um tal pretendente, colocado no cenário da história de modo a estar “por dentro”, deve cumprir as exigências da época e das estruturas dirigentes sociais e políticas, realizar em sua atividade o desenvolvimento objetivo, depois de deixar de maneira inevitável

“a marca” da sua individualidade nos acontecimentos políticos. No final das contas, por exemplo, hoje as qualidades pessoais de Pedro, o Grande, dificilmente agradam as pessoas, mas todas sabem que no período do seu poder nosso país ficou no nível das grandes potências européias. O tempo condensou o resultado com base no qual se faz hoje a avaliação da personalidade histórica de Pedro e as flores viçosas no seu sarcófago, na catedral do castelo de Petropavlov, simbolizam o respeito e o reconhecimento de nossos contemporâneos, que não gostam da autocracia.

Penso que, por mais contraditória e complexa que seja esta ou aquela figura da história soviética, o seu papel verdadeiro na construção e na defesa do socialismo mais cedo ou mais tarde receberá uma única avaliação objetiva. Compreende-se, única avaliação não no sentido da unilateralidade que evita de maneira eclética as manifestações contraditórias, coisa que permite que através de dizeres errados crie-se todo o tipo de subjetivismo: “desculpamos ou não desculpamos”, “rejeitamos-lo ou o deixamos na história”; avaliação única significa, antes de tudo, a avaliação histórica concreta, fora de interesses conjunturais, avaliação na qual, segundo o resultado histórico, reflita a dialética da atividade do indivíduo com as leis fundamentais do desenvolvimento da sociedade. Se se segue a metodologia marxista-leninista de estudo da história, então, antes de tudo, segundo as palavras de M. S. Gorbachev, deve-se mostrar de maneira clara como vivem, como trabalham, em que acreditam milhões de pessoas, como se ligam as vitórias e as derrotas, os acertos e erros, o magnífico e o trágico, o entusiasmo revolucionário das massas e a violação da legalidade socialista, e vez por outra os crimes.

Para mim não há dúvida de que na avaliação da atividade de Stálin a orientação científica até os nossos dias permanece sendo a decisão do comitê central do partido para a eliminação do culto à personalidade e suas conseqüências, aprovada em 1956, e o discurso do secretário-geral do comitê central na

reunião comemorativa do 70º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Há pouco tempo uma aluna me deixou em difícil situação com a inesperada constatação de que supostamente a luta de classes é uma noção antiquada, assim como o papel dirigente do proletariado. Seria bom que isto fosse dito apenas por ela. Uma viva discussão, por exemplo, surgiu com a declaração recente de um honrado acadêmico de que supostamente as atuais relações entre Estados de dois sistemas sócio-econômicos diferentes perderam conteúdo de classe. O acadêmico não considerou necessário explicar por que ele, durante décadas seguidas, escreveu precisamente o contrário, que a coexistência pacífica não é outra coisa senão uma forma da luta de classes na arena internacional. Agora o filósofo renunciou a isto. É que também as opiniões mudam. Mas até onde eu entendo, a tarefa do filósofo eminente continua sendo esclarecer no mínimo aqueles que aprenderam e aprendam dos seus livros: será que hoje a classe operária internacional não se opõe ao capital mundial, a seus órgãos estatais e políticos?

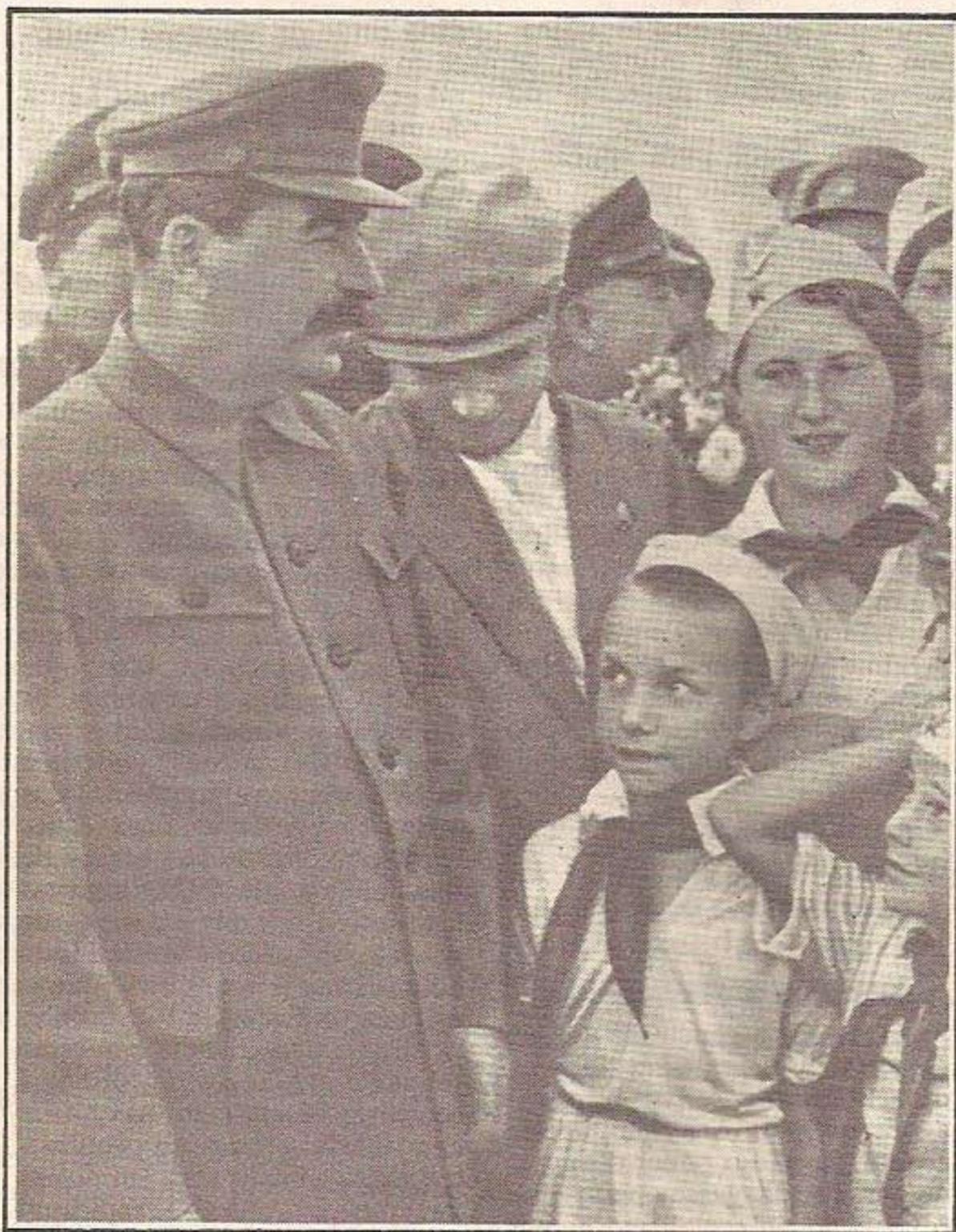
O combate à ditadura do proletariado tem causas ideológicas e também base social

No centro das muitas discussões atuais, segundo penso, permanece o mesmo problema — que classe ou camada da sociedade é a força dirigente e mobilizadora da “*perestroika*”? Sobre isso se falou parcialmente na entrevista do escritor A. Prohanov no jornal “Leningrad Rabot”, de nossa cidade. Prohanov parte do fato de que a particularidade da atual situação da consciência social se caracteriza pela existência de duas correntes ideológicas, ou, como diz ele, de “pilares alternativos”, os quais, em vários sentidos, tentam liquidar “o socialismo construído nas batalhas” em nosso país. Exagerando a importância e a dureza da oposição recíproca entre esses dois “pilares”, o escritor, apesar disto, com justeza enfatiza que “eles só se unem para golpear os valores do socialismo”. Mas, as duas

partes, como dizem os seus ideólogos, são “pela *perestroika*”.

A primeira, que é a corrente ideológica mais poderosa e que surgiu durante a *perestroika*, pretende como modelo um certo socialismo da inteligência de esquerda liberal, como suposta expressão do humanismo “mais verdadeiro” e “mais puro” das camadas sociais. Os seus apoiadores opõem ao coletivismo proletário a “auto-avaliação do indivíduo com tendências modernistas no campo da cultura, com tendências religiosas, ídolos tecnocráticos, preconizando as maravilhas “democráticas” do capitalismo atual, deturpando seus sucessos reais e imaginários. Os seus representantes afirmam que nós supostamente não construímos o socialismo e que supostamente somente hoje “pela primeira vez na história criou-se a união da direção política e da inteligência progressista”. Num tempo em que milhões de pessoas do planeta morrem de fome, das epidemias e das aventuras militares do imperialismo, eles exigem a elaboração urgente de um “código jurídico para a defesa dos direitos dos animais”, atribuem à natureza uma capacidade extraordinária, sobrenatural e afirmam que a inteligência não é uma particularidade social, mas biológicas, herdada geneticamente. Podem me explicar o que significa tudo isto?

Precisamente os defensores do “socialismo dos liberais de esquerda” criam a tendência de falsificar a história do socialismo. Eles querem nos convencer de que o que é real no passado do país são apenas alguns erros e crimes, silenciando assim sobre as magníficas conquistas do passado e do presente. Pretendendo a plena verdade histórica, eles substituem os critérios sócio-políticos do desenvolvimento da sociedade por categorias éticas-escolásticas. Desejo saber a quem e por que interessa que cada dirigente do comitê central do partido e do governo soviéticos, depois do seu afastamento do posto, seja desacreditado, em relação aos seus erros, inventados e cometidos, durante a solução dos problemas complexos nas encruzilhadas históricas. Onde encontramos nisto a paixão para investir contra a autoridade, a



Stálin entre jovens e crianças

dignidade dos dirigentes do primeiro país socialista do mundo?

Outra particularidade do ponto de vista dos "liberais de esquerda" é a tendência cosmopolita aberta ou camuflada, um certo "internacionalismo" não nacional. Em algum lugar eu li que depois da revolução, em Petrosviet, chegou a Trotsky, que era judeu, uma delegação de comerciantes e fabricantes queixando-se das perseguições por parte da guarda vermelha e ele declarou que "não sou judeu, mas internacionalista", o que deixou em situação difícil aqueles que tinham vindo para se queixar.

A noção de "nacional" em Trotsky era uma certa avaliação não completa e limitada com relação ao "internacional". E por isto ele enfatizava a "tradição nacional" de Outubro, escrevia sobre o "nacional em Lênin", confirmou que o povo russo "não

teve nenhum tipo de herança cultural" e outras coisas. Nós, insistimos em dizer que precisamente o proletariado russo, que os trotsquistas menosprezaram como "atrasado e inculto", realizou, segundo as palavras de Lênin, "três revoluções russas", que na vanguarda da batalha da humanidade contra o fascismo estiveram os povos eslavos.

Seguramente, isto que dizemos não representa uma redução da contribuição histórica de outras nações e nacionalidades. Isto, como se diz agora, apenas assegura a integridade da verdade histórica. Quando os estudantes me perguntam como foi possível acontecer o esvaziamento de milhares de aldeias de Njeczernozemjes e da Sibéria, eu lhes respondo que isto também foi um preço caro pela vitória e pela recuperação da economia popular depois da guerra, assim como as perdas de uma massa de

monumentos da cultura nacional russa. E mais, estou convencida de que a redução do valor da consciência histórica faz nascer uma erosão pacifista da consciência patriótica e de defesa, assim como o objetivo de que a menor manifestação de orgulho nacional grão-russo seja marcada no livro do chauvinismo de grande Estado. Outra coisa me preocupa: com o cosmopolitismo inconciliável liga-se agora a prática dos *refuzniks* (cidadãos que abandonam o país) daqueles que abandonam o socialismo. Desgraçadamente só nos lembramos deles quando provocam escândalos e atiram lanças sobre o Smolny os muros do Kremlin. E mais, aos poucos nos ensinam a encarar o abandono da União Soviética como uma certa mudança sem danos de "lugar de moradia", e não uma mudança de cidadania e de classe das pessoas, a maioria das quais concluíram cursos universitários e pós-universitários com os recursos de todo o povo. Em geral alguns tendem a ver esta mudança como uma certa "manifestação de democracia" e de "direitos humanos", cujos talentos foram impedidos de florescer pelo "socialismo da estagnação". Mas se também ali, no "mundo livre", não dão valor ao espírito vivo de iniciativa e à "genialidade", e o comércio de inteligência não apresenta interesse, sentem-se livres para voltar atrás... Como se sabe, Marx e Engels, a depender do papel histórico concreto, chamaram nações inteiras numa determinada etapa da história de "contra revolucionárias" — ênfase: não classes, não camadas, mas nações inteiras. Com base no tratamento de classe, eles não vacilaram em apresentar as características distintivas de uma série de nações, russos, poloneses, e também a própria nação à qual pertenciam. É como se os fundadores da concepção científica do proletariado nos lembrassem de que na comunidade fraternal dos povos soviéticos cada nação e nacionalidade deve "guardar a honra", a não permitirmos provocá-las com tendências nacionalistas e chauvinistas. O orgulho nacional e a dignidade nacional de cada povo devem se ligar organicamente com o internacionalismo da sociedade socialista.

Se os “neo-liberais” se orientam para o Ocidente, o outro “ pilar alternativo”, para usar a expressão de Prohanov, os “defensores e tradicionalistas” objetivam “liquidar o socialismo em nome de um retorno ao passado”, em outras palavras, voltar às formas sociais da Rússia pré-socialista. Os representantes deste “socialismo original camponês” estão magnetizados por este modelo. Segundo o seu pensamento, há 100 anos foram perdidos os valores morais acumulados na escuridão secular da comunidade camponesa. Os “tradicionalistas” têm méritos indiscutíveis no desmascaramento da corrupção, na justa solução dos problemas ecológicos, na luta contra o alcoolismo, na defesa dos monumentos históricos, na luta contra a influência da cultura decadente, que eles com justeza avaliam como psicose da sociedade de consumo.

Ao lado disto, encontram lugar nos pontos de vista dos ideólogos do “socialismo camponês” a não compreensão da importância histórica de Outubro para os destinos da pátria, a avaliação unilateral da coletivização como “ação terrível e arbitrária contra os camponeses”, opiniões acríicas sobre a filosofia religioso-mística russa, velhos conceitos czaristas sobre a história nacional, o não reconhecimento da diferenciação pós-revolucionária do campesinato, do papel revolucionário da classe operária.

No que se refere à luta de classes no campo, por exemplo, não raramente eles mencionam os comissários “do campo”, os quais “enfiam a faca nas costas do campesinato médio”. Em todo este grande país, onde eclodiu a revolução, havia seguramente comissários de todos os tipos, mas o caminho principal de nossa vida foi definido por aqueles comissários alvejados pelos outros. Precisamente estes eram esfaqueados pelas costas, queimados vivos. “A classe atacada” acertou as contas não apenas com os comissários, com os **chekistas**, com os bolcheviques, com os lutadores dos comitês do pobres, mas também com os primeiros tratoristas, com os correspondentes do campo, com os primeiros professores, com os membros dos

komsomol do campo e assassinaram dezenas de milhares de outros anônimos lutadores do socialismo.

A dificuldade para educar a juventude aumenta também pelo fato de que, em conformidade com as idéias dos “neo-liberais” e dos “neo-eslavófilos” criam-se organizações e uniões não oficiais. Ocorre que na sua direção estão elementos extremistas, tendentes às provocações. Nos últimos tempos observa-se a politização dessas organizações independentes, no espírito do pluralismo não socialista, frequentemente os dirigentes destas organizações falam sobre a “divisão do poder” com base no “regime parlamentar”, sobre “sindicatos livres”, sobre “publicações independentes” etc. Tudo isto, segundo minha opinião,

Os princípios não os recebemos de presente. Conquistamos com sofrimento e luta.

permite tirar a conclusão de que a questão principal e cardinal das discussões que se desenvolvem agora no país é a questão de aceitar ou não o papel dirigente do partido, da classe operária na construção do socialismo e, por conseguinte, também na *perestroika*, compreende-se, com todas as conclusões teóricas e práticas que daí emanam para os políticos, os economistas e os ideólogos.

Desse problema-chave da concepção sócio-histórica emana também a questão do papel da ideologia socialista no desenvolvimento espiritual da sociedade soviética. Por falar nisto, esta questão era enfatizada desde o final do ano de 1917 por Karl Kaustki, que declarou numa de suas brochuras dedicadas a Outubro que o socialismo distingue-se por uma planificação e disciplina de ferro na economia e na vida espiritual. Isto causou alegria nos mencheviques, esseristas e outros ideólogos pequeno-burgueses, mas encontrou uma oposição decidida em Lênin e seus colaboradores, os quais defenderam com conseqüência “as posições-chave”, como se

dizia então, da ideologia científica do proletariado.

Lembramos de quando Lênin desmascarou as manipulações do conhecido sociólogo daquele tempo, Pitirim Sorok, nas divisões estatísticas da população de Petrogrado e nos escritos religiosos do professor Viper (os quais em comparação com o que se publica hoje parecem coisa que não traz nenhum risco) e, explicando a saída de suas publicações com a falta de experiência dos então trabalhadores dos meios de comunicação de massa, constatava que “a classe operária na Rússia soube conquistar o poder, mas ainda não aprendeu a utilizá-lo”. Lênin acentuava, por outro lado, que estes professores e escritores, os quais não serviriam muito para a educação das massas, poderiam servir como responsáveis das instituições do ensino para idades tenras. Assim, de 164 presos no final do ano de 1922, segundo listas oficiais, muitos mais tarde se transformaram e serviram honradamente ao seu povo, inclusive o professor Viper.

Ao que parece, hoje a questão do papel e do lugar da ideologia socialista assumiu formas muito agudas. Os autores de pequenos trabalhos conjunturais em defesa da “pureza” moral e espiritual rompem as fronteiras e os critérios da ideologia científica; manipulando a *glasnost* difundem o pluralismo *extra-socialista*, que objetivamente impede a reestruturação na consciência social. De maneira especialmente dolorosa isto se reflete na juventude, coisa que, repito, sentimos profundamente nós, pedagogos, das universidades, professores das escolas e todos aqueles que se ocupam com os problemas da juventude. Como disse M. S. Gorbachev no pleno de fevereiro do Comitê Central do PCUS, “nós devemos agir também na vida espiritual e, possivelmente, precisamente aqui, em primeiro lugar, agir guiando-nos pelos nossos princípios marxistas-leninistas. Dos princípios, camaradas, nós não devemos abrir mão por nenhum motivo”.

Somos e seremos por isto. Os princípios não os recebemos de presente, mas os conquistamos com sofrimentos e com as impetuosas viragens da história da pátria.

Os efeitos do revisionismo sobre a luta revolucionária

A tomada do poder pelos revisionistas na União Soviética, a degenerescência dos partidos comunistas, sua conversão em apêndices da burguesia no interior do movimento operário configuram uma derrota histórica do proletariado a nível mundial. Aqui demonstramos uma singularidade do período em curso, a saber, a transferência da direção do movimento revolucionário das mãos do proletariado para as da pequena burguesia. É uma fase de desnortamento, confusão política e ideológica e aumento da pressão burguesa sobre o proletariado. Mas em meio a tudo isso ressurgem o movimento revolucionário, os partidos marxistas-leninistas recobram vitalidade e as lutas que vão surgindo em toda a parte, inclusive no interior da fortaleza do revisionismo — URSS e China — indicam o despontar de um novo estágio em que pode voltar a ascender a luta emancipadora do proletariado.

José Reinaldo Carvalho *

Os acontecimentos mundiais transcorridos desde o advento do revisionismo ao poder na União Soviética (XX Congresso do PCUS-1956) vieram demonstrar com meridiana clareza que essa nova e sofisticada forma de oportunismo constitui a principal ameaça, o mais perigoso inimigo ideológico do movimento revolucionário e de libertação dos povos. E o maior óbice para levar a efeito a transição do capitalismo para o socialismo científico e deste para o comunismo no terreno prático.

Grandes batalhas o marxismo, enquanto doutrina e movimento de emancipação dos explorados e oprimidos de todo o globo, encetou contra diversas variantes do oportunismo em diferentes etapas históricas, cada uma delas com formas e conteúdo próprios e com resultados vitoriosos para o proletariado militante e de vanguarda.

A luta de Lênin contra as “velhas comadres da 2ª Internacional”, que se estendeu do começo do século até o período da Primeira Grande Guerra, foi coroada pelo triunfo da Revolução Socialista de Outubro de 1917, na Rússia, com a separação definitiva em campos opostos entre marxistas, de um lado, e social-democratas de outro e a

conseqüente criação da Internacional Comunista (3ª Internacional), em 1919. Esta vitória política, ideológica e orgânica do marxismo elevou o movimento comunista a um novo patamar, tornou-o uma força expressiva, cujo raio de ação se estendia às mais distantes e mesmo mais atrasadas regiões do mundo. A partir daí conhece-se um desenvolvimento ascensional do movimento comunista, implicando sensível mudança na marcha dos acontecimentos e na correlação de forças a nível internacional.

Pouco depois (finais dos anos 20, começos dos anos 30) o movimento comunista internacional debate-se com outros inimigos ideológicos no interior de suas fileiras. Ocorre aí a segunda batalha de envergadura entre o marxismo-leninismo e correntes oportunistas, como o trotsquismo e o bucharinismo, que também será coroada de êxito. Marcos dessa vitória são o desbaratamento político, ideológico e orgânico dessas correntes, seu confinamento em grupúsculos, a vitória do socialismo e dos povos na Segunda Grande Guerra, a ascensão do movimento de libertação nacional e a formação do campo mundial do socialismo.

O fato é que desde a cisão com os oportunistas da 2ª Internacional até meados da década de 50, o movimento comunista conheceu uma etapa de florescimento, avanço, consolidação e aumento

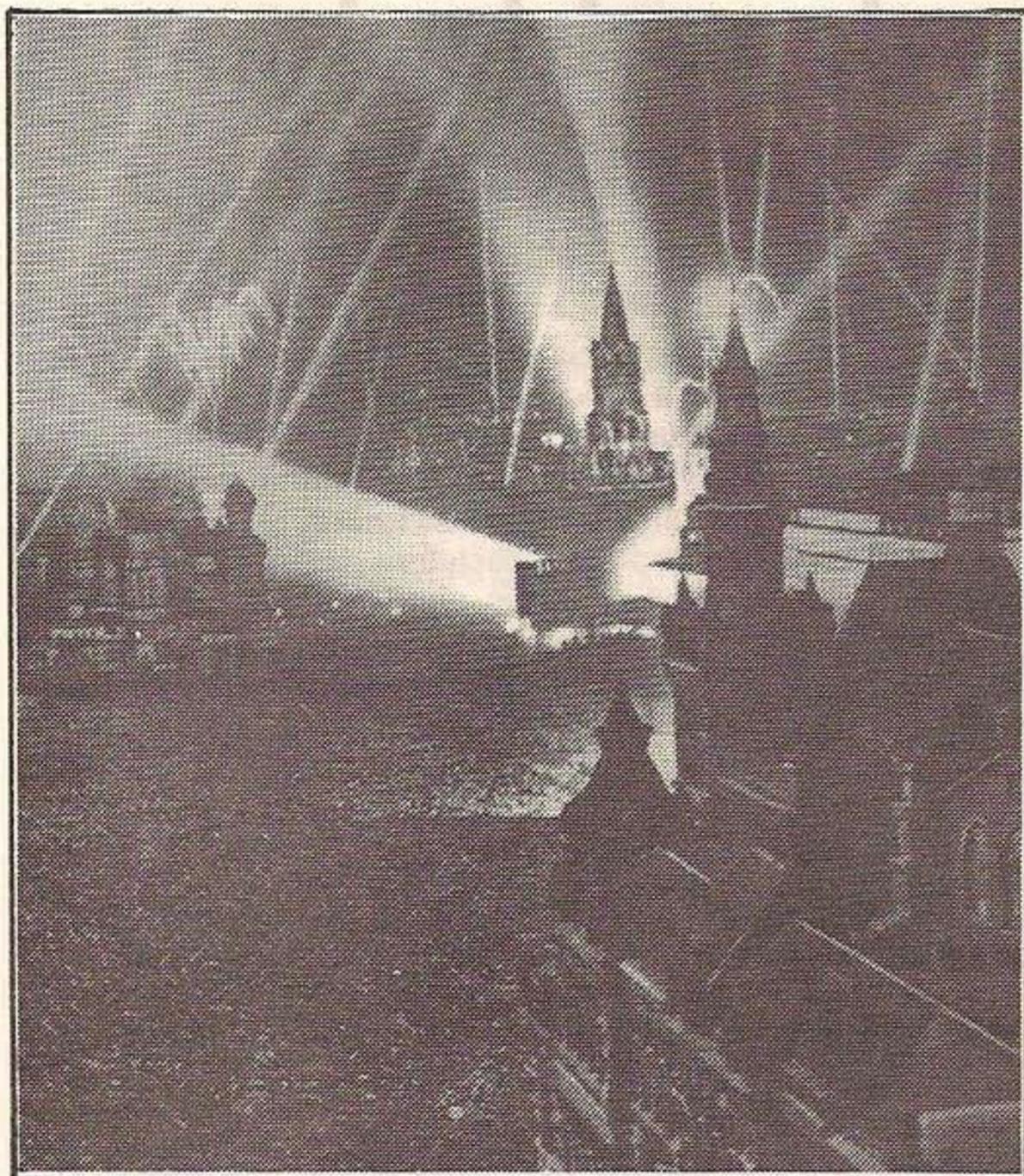
continuando de sua intervenção política de massas. Ia reunindo condições para se tornar a grande força de vanguarda, capaz de dirigir a revolução e construir o socialismo em todo o mundo, contando com a vantagem de já ter vivido ricas experiências de luta.

Objetivamente, o período do imediato pós-guerra assinala em escala mundial uma viragem na correlação de forças entre o proletariado e a burguesia, o socialismo e o imperialismo. A principal brigada de choque da grande burguesia monopolista foi destruída. Sua aventura militar chocou-se com a resistência armada dos povos e com o patriotismo socialista na URSS. O fascismo foi momentaneamente desbaratado enquanto sistema político e forma de governo, dando início a um processo generalizado de democratização na maioria dos países. Das lutas de resistência à ocupação nazifascista surgiram revoluções dirigidas por partidos comunistas, com a ajuda da URSS, resultando na criação das democracias populares, incorporadas ao campo do socialismo.

A direção do partido proletário é o que garante a transição para o socialismo

Em 1946, o grito de guerra dos marinheiros amotinados nos

* editor da *Princípios*



Ato público em Moscou comemora a vitória contra o fascismo (1945)

navios militares em Bombarim - "Fora os ingleses da Índia" tinha a força simbólica de um dobre de finados para o velho sistema colonial do imperialismo, criado no século passado e redefinido na 1ª Guerra entre as grandes potências. Entre os anos de 1945 e 1949 uma cruenta guerra de libertação nacional eclodiu na Indonésia, com influente participação do partido comunista. Os colonizadores holandeses foram obrigados a se retirar do país. Em 1949 outro grande acontecimento, com marcantes repercussões na bancarrota do velho sistema colonial, soma-se ao conjunto de fatores de alteração na correlação de forças internacional - a revolução chinesa e a criação da República Popular da China. É nessa fase, que se estende pelos anos 50, 60 e 70 que se dá o processo de conquista da independência formal e criação dos Estados nacionais nos países da Ásia, Oriente Médio e África. Síria e Líbano expulsam em 1945-1946 os imperialistas ingleses e franceses. O Egito, em 1952, derruba a Mo-

narquia e proclama a República. Em 1957-1958 é a vez do Iraque derrocar o regime ditatorial. E também em 1957 a França é obrigada a reconhecer a independência da Tunísia e do Marrocos. Em 1954 o velho império colonial francês tremia ainda na Indochina e na Argélia. Esta última se tornará independente em 1962, numa guerra popular incontrolável.

A exceção dos Estados Unidos, que saíram fortalecidos da Segunda Guerra e na condição de líder do campo imperialista, os países capitalistas estavam debilitados. Não só as potências derrotadas na guerra - Japão, Alemanha e Itália - mas também Inglaterra e França.

De outra parte, crescia enormemente o prestígio do movimento comunista internacional. Mesmo entre os adversários era forçoso admitir que a União Soviética tinha sido a força mais destacada no combate ao nazifascismo, a que pagou o maior tributo em nome da libertação da humanidade. Os partidos comunistas vanguardaram a resis-

tência à ocupação fascista, transformando-a, mormente na Itália e França, numa das mais heróicas epopéias da luta de libertação dos povos na história moderna. Os partidos comunistas se tornaram partidos de massas, pólos de aglutinação da unidade popular, organizações influentes na vida política.

Positivamente, a tentativa de destruição do socialismo e do movimento comunista, pela via da contra-revolução armada, resultou no seu inverso. A luta emancipadora da classe operária e dos povos deu um salto de qualidade. De maneira aterradora para a burguesia e o imperialismo, a revolução passou a ser o "espectro" que rondava não mais a Europa, mas todo o mundo.

Um fator novo, a luta política de massas nos países revisionistas, altera o quadro atual

É tomando como referência esse quadro que se pode compreender o significado, a dimensão e as conseqüências daquilo que chamamos de derrota histórica do proletariado e do movimento comunista em escala mundial. A tendência do desenvolvimento da situação apontava para o crescimento das lutas revolucionárias, o aprofundamento da crise do sistema imperialista e a vitória do socialismo. Mas esse desabrochar de esforço revolucionário foi esmagado pela contra-revolução revisionista na URSS, resultado da capitulação ao imperialismo em larga escala no movimento comunista. O oportunismo passou a ser o principal traço da orientação política e ideológica dos partidos comunistas, transformados de força de vanguarda da revolução em partidos social-democratas, apêndices da burguesia, arautos do reformismo, bombeiros da luta da classe operária e dos povos. O revisionismo freou o movimento revolucionário mundial, semeou a confusão ideológica, provocou desnorteamento, cindiu as fileiras comunistas, entorpeceu as consciências, desarmou o proletariado enquanto classe de vanguarda.

O revisionismo contemporâneo no poder (primeiro na Iugoslávia, depois e principalmente na URSS) e o revisionismo que tomou de assalto as direções da quase totalidade dos partidos comunistas, foi aos poucos traçando e executando sua estratégia. Começou por atacar o marxismo-leninismo, embora de maneira disfarçada e sutil, encobrendo-se com fraseologia oca. Tentou desacreditar o marxismo como teoria científica da revolução e substituí-lo por uma mal alinhavada colcha de retalhos de velhos dogmas extraídos de seus predecessores, Kautski e Bernstein. Princípios universais do marxismo-leninismo, como a luta de classes enquanto motor da história, a revolução como instrumento de progresso social, a ditadura do proletariado como sistema político que assegura a democracia de massas no socialismo, e a missão histórica do proletariado como coveiro do capitalismo, sofreram um histórico bombardeio nos discursos e escritos de Krushev, Ibarurri, Marchais, Togliatti et cetera.

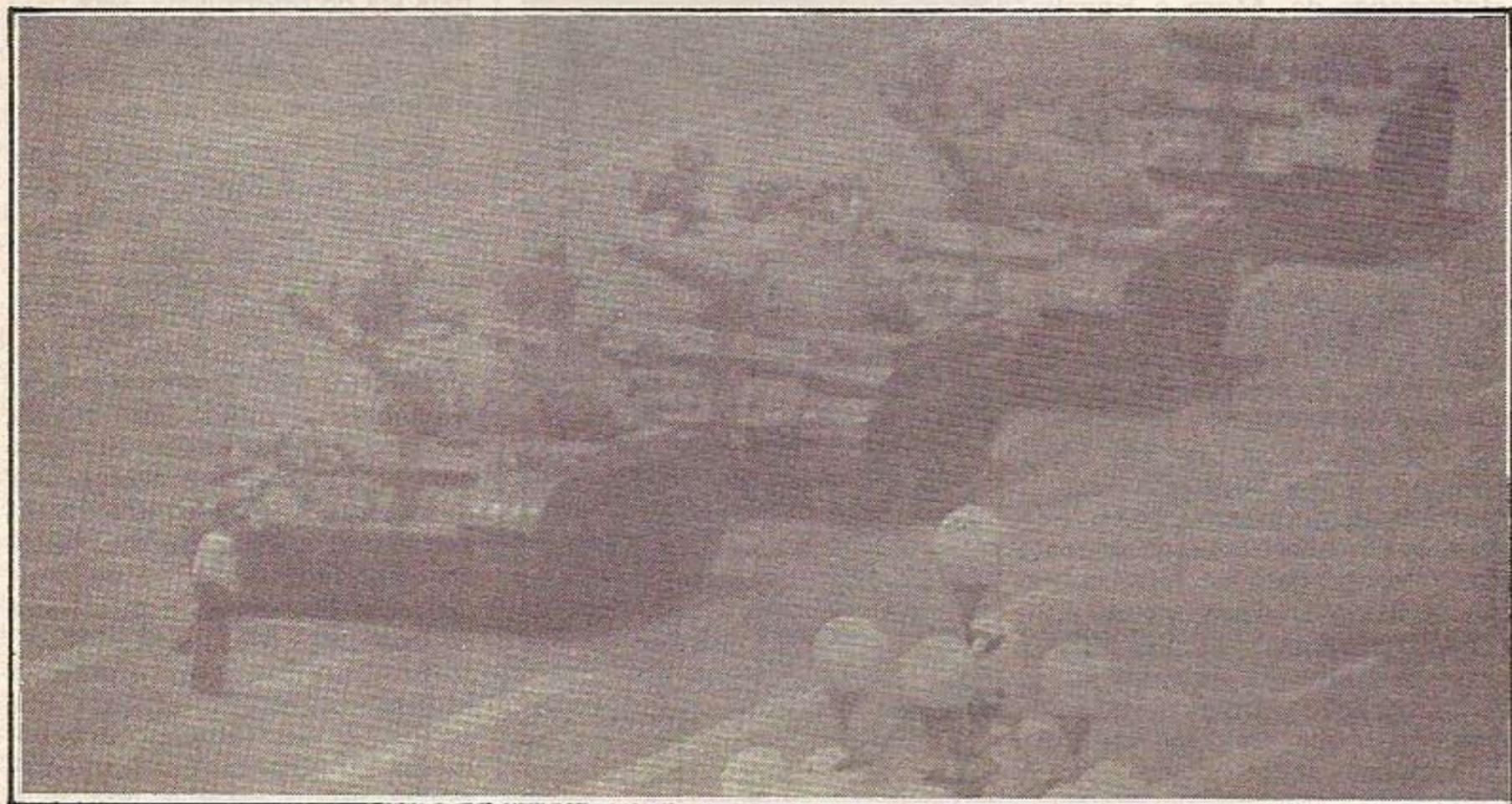
Os revisionistas colocaram em sua alça de mira o caráter proletário dos partidos comunistas, transformando-os em agrupamentos amorfos e peças integrantes da máquina jurídico-política do Estado burguês. Tomaram medidas, nos países onde estavam no poder, para destruir as bases econômicas e sociais do

socialismo. Exerceram maléfica influência nos movimentos de libertação dos povos, fazendo-os trilhar a senda da conciliação com o imperialismo.

Esta nefanda estratégia do revisionismo, ao ser aplicada e obter resultados, alterou a anterior correlação de forças entre o socialismo e o imperialismo, inverteu as posições do proletariado e da burguesia na luta de classes em curso na arena internacional. Sem exagero, pode-se asseverar que o advento do revisionismo ao poder, a destruição do campo socialista, a degeneração dos partidos comunistas são marcos de uma verdadeira tragédia para a revolução mundial. É um retrocesso histórico do qual, a rigor, ainda não saímos, muito embora os sinais de um novo parto revolucionário-proletário já se façam sentir. Mas isto é outra história e sobre ela me deterei mais adiante.

O retrocesso para o capitalismo verificado na União Soviética e nos demais países do campo socialista e a debilitação das posições do proletariado, cedendo lugar à pequena burguesia e às forças reformistas na direção das lutas, colocam no centro do debate político e ideológico dos nossos dias algumas questões essenciais. "O marxismo morreu", "passou a época das revoluções" e outras formulações desse tipo foram convertidas nos "novos" dogmas da propaganda burguesa e revisionista.

Os revisionistas passaram a caracterizar a presente época histórica com critérios subjetivos, não leninistas, vinculados a interesses pragmáticos e a estratégias de política internacional do grande Estado soviético. Segundo a pregação em voga entre os revisionistas, vivemos a época da "coexistência pacífica", da harmonia internacional, da queda das tensões, dos compromissos históricos, da evolução gradual e pacífica do capitalismo para o socialismo e mesmo da integração espontânea do primeiro no segundo. Os países capitalistas desenvolvidos, onde a acumulação de super-lucros favoreceu a implementação de reformas social-democráticas, são apontados como modelos de uma nova ordem. Países do chamado terceiro mundo em processo de transição e de luta inconclusa pela independência nacional e por reformas estruturais são classificados como "países no caminho não capitalista de desenvolvimento". A *perestroika*, conjunto de reformas que aceleram a implantação do capitalismo na URSS, bem como processos análogos nos demais países do Leste europeu e na China, são tidos como uma "nova abordagem" da construção do socialismo. A sacralização de métodos capitalistas de gestão econômica, a restauração da propriedade privada, a boa acolhida ao capital estrangeiro, tudo isso hoje é visto como formas de harmonizar sistemas sociais antípodas.



Um manifestante se coloca em frente aos tanques assassinos da China

Mikhail Gorbachev declara textualmente que a espinha dorsal do novo pensamento é o reconhecimento da prioridade dos valores humanos ou, para ser mais exato, da necessidade de sobrevivência da humanidade", insistindo em outra passagem do seu livro "Perestroika" na "prioridade dos interesses comuns da humanidade sobre os interesses de classe".

Destarte, segundo o "novo pensamento", entenda-se, pensamento revisionista, em voga desde o XX Congresso do PCUS, estamos diante de uma nova época histórica. Mas um confronto desses conceitos com a teoria leninista sobre o caráter de nossa época evidencia que temos a ver aqui com categorias arbitrárias, adaptadas à estratégia do oportunismo, em tudo contrárias aos conceitos marxistas-leninistas.

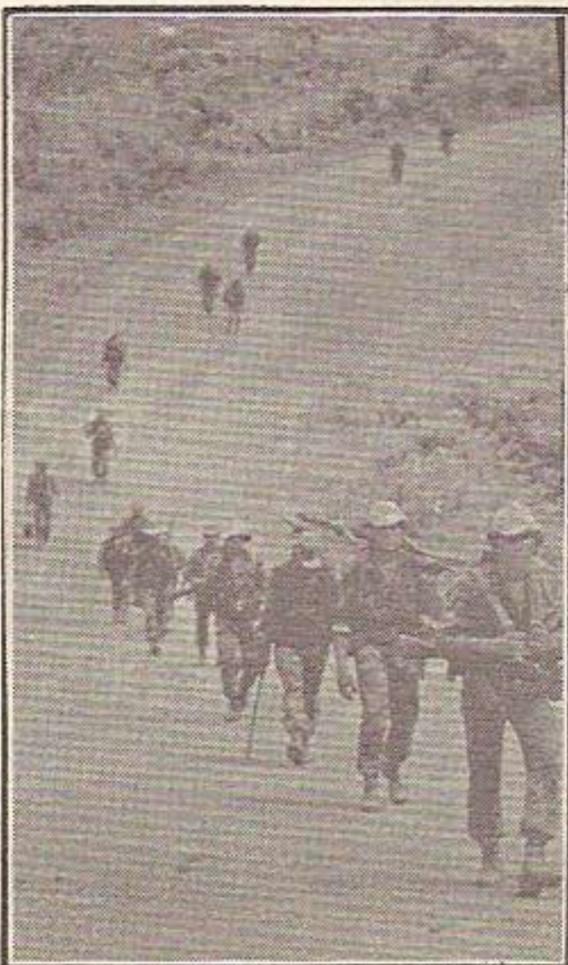
Quando falamos de época histórica não temos presente apenas um curto período, situações conjunturais. No leninismo, época encerra um conceito de maior permanência, relacionado com a etapa do desenvolvimento do capitalismo no plano mundial. Ao analisar a transformação do capitalismo em capitalismo monopolista, Lênin concluiu que este atingira uma nova etapa em seu desenvolvimento — a etapa imperialista. Dimana daí, segundo o raciocínio de Lênin, que o mundo em seu conjunto amadurecia para a revolução e o socialismo. Daí por que o genial continuador de Marx e Engels caracterizou a nova época histórica como a época das revoluções proletárias, das lutas de libertação nacional, da vitória do socialismo no plano mundial. Esta definição deriva também do criterioso exame das principais contradições da época. Com a tomada do poder pelo proletariado na Rússia em 1917 surgiu a contradição entre o socialismo e o capitalismo, expressão no plano dos sistemas políticos e econômicos, da luta de classes entre o proletariado e a burguesia. Esta contradição impregna a sociedade desde então até os nossos dias, malgrado o retrocesso havido a partir dos anos 50 no campo socialista. Lênin tinha presente também o agravamento da contradição entre o capital e o trabalho, que o capitalismo monopolista levou a um novo degrau, o surgimento da contra-

dição entre o imperialismo e as nações e povos oprimidos, em decorrência da exportação de capitais, e as contradições interimperialistas, fruto da disputa pela hegemonia, por zonas e esferas de influência, mercados e fontes de matéria-prima, resolvíveis apenas pela guerra, o que se comprovou com as duas conflagrações mundiais que o século XX conheceu.

Não é possível compreender as perspectivas do desenvolvimento histórico nem elaborar estratégias e táticas que conduzam o proletariado ao poder, sem levar em conta a existência desse complexo de contradições, sem retirar da análise dos fatos a conclusão de que, por mais que se prolongue a lenta agonia do capitalismo, este chegou ao seu limite e tende historicamente a ser substituído por uma ordem social superior — o socialismo. E que essa tendência, essa possibilidade, só se converterá em realidade histórica através da via revolucionária.

A derrota histórica do proletariado é fenômeno passageiro. A revolução abre alas

Isto nos permite concluir que, apesar de todos os percalços, da derrota histórica, do retrocesso da revolução e do movimento



Nicarágua: a revolução busca rumos

comunista, a revolução permanece na ordem do dia e que a peculiaridade da época histórica do imperialismo é a gestação, queira-se ou não, porque se trata de fenômeno objetivo, do processo revolucionário.

O que cumpre analisar além disso e daí retirar as necessárias implicações táticas e estratégicas para a luta do proletariado, é a singularidade da conjuntura que estamos vivendo desde o advento do revisionismo ao poder, verificar em que e como os processos regressivos acarretados pelo revisionismo retardaram o movimento revolucionário e as formas e meios de divisar uma saída da conjuntura cinzenta em que nos encontramos.

O impacto corrosivo do revisionismo sobre o movimento revolucionário pode ser aferido não só pela alteração aqui apontada na correlação de forças e pela profunda desorganização que acarretou às fileiras do proletariado mundial, mas também, e isto tem influência ponderável, pelo desnorteamento, a confusão política e ideológica, o demissionismo, a perda de perspectiva, a repetição de fraseologia oca e a ressurreição do espírito pequeno-burguês na condução do movimento revolucionário. Um dos grandes males, senão o maior, que o revisionismo causou foi retirar temporariamente das mãos do proletariado revolucionário a direção das lutas emancipadoras, transferindo-a, com variadas formas e facetas, seja pela via do reformismo, seja pelo do extremismo, seja do ecletismo, para as mãos da pequena burguesia.

Os anos 60, 70 e 80 são repletos de episódios, todos eles marcados por um verdadeiro heroísmo, mas ao mesmo tempo indicadores da influência que a pequena burguesia passou a exercer sobre o movimento revolucionário, truncando seu desenvolvimento, dando-lhe rumos confusos, contornando de uma ou outra maneira a perspectiva de desembocar na conquista do socialismo proletário. Ressalte-se, como fator básico na incidência desse fenômeno, a influência nefasta da União Soviética, revisionista, sempre pronta a intervir nos acontecimentos em função de seus interesses hegemônicos, pesando nessa interferência muito mais a luta pela

manutenção do equilíbrio de forças com o imperialismo norte-americano do que um apoio internacionalista desintessado à revolução.

A América Latina foi um dos palcos privilegiados da eclosão de movimentos revolucionários nas últimas décadas. A Revolução Cubana tornou-se o símbolo maior do ímpeto revolucionário dos povos latino-americanos, de sua determinação em conquistar a independência, a democracia e o socialismo. E espalhou para todo o continente as chamas da guerrilha popular. Mas não tardou muito e a *Ilha*, de símbolo vivo, converteu-se em mito. O processo revolucionário permaneceu a meio caminho, foi truncado pela orientação pequeno-burguesa e por ter-se jungido à canga do revisionismo kruschovista. O episódio da Baía dos Porcos foi elucidativo da linha de capitulação que a União Soviética passaria desde então a imprimir ao movimento revolucionário mundial.

A guerrilha latino-americana foi uma das manifestações mais nítidas da revolta popular, da inquietação que grassava nas massas e que não encontrava outra saída, devido ao ambiente político infestado de autoritarismo e paralisado por estruturas políticas conservadoras, petrificadas, tuteladas pelo militarismo a soldo dos pregoeiros da "doutrina de segurança nacional" elaborada no Pentágono. Venezuela, Colômbia, Bolívia, Equador, Peru, Guatemala, República Dominicana, ferveram no caldeirão dessa luta mas a falta de uma perspectiva proletária estreitou-lhe o horizonte e turvou-lhe o caminho. Os partidos comunistas, revisionistas, caudatários de Moscou, em geral se colocaram contra o uso de formas revolucionárias de luta, atitude que aumentou o seu descrédito junto às massas e a setores de vanguarda do movimento.

O Chile é um capítulo à parte nesta história, magistralmente esclarecedor do fenômeno que estamos tentando analisar — o deslocamento da direção da luta revolucionária para as mãos da pequena burguesia como resultado da derrota histórica sofrida pelo proletariado, decorrente da traição revisionista.

Ali a revolução tentava abrir caminho, a eleição do governo da



Unidade Popular encabeçada pelo socialista Salvador Allende representou contundente golpe na oligarquia e nos interesses do imperialismo norte-americano no país andino. O movimento de massas ascendia como uma maré montante. Mas a pequena burguesia, encastelada na direção do partido revisionista e em outros agrupamentos da Unidade Popular, desnudou sua pusilanimidade e levou uma rica experiência, em muitos momentos gloriosa, de luta democrática e antiimperialista, à catástrofe do golpe militar e da implantação da ditadura fascista.

Nos anos que correm outros processos revolucionários, de certa profundidade por seu caráter democrático, popular e antiimperialista, têm lugar em nosso continente. Nicarágua e El Salvador são focos de resistência patriótica ao domínio estadunidense, trincheiras avançadas da luta de libertação nacional. Mas vivem impasses semelhantes, padecem do mesmo mal de outras revoluções referidas aqui — a ausência de uma direção proletária e, enquanto isto perdura, a hegemonia pequeno-burguesa.

Do outro lado do mundo, no continente asiático, assistimos nas décadas de 60 e 70 a momentos agudos da luta de classes e de libertação nacional, que abriram largas perspectivas

ao desenvolvimento da revolução mundial mas que tiveram outros desdobramentos do ponto de vista do socialismo científico.

Tomemos a Indonésia. Ali, desde os anos 40, como já referimos, a luta pela independência vinha se desenvolvendo através da resistência armada aos colonizadores. O partido comunista desde então tinha participação destacada na vida nacional e influenciou diretamente na vitória contra os holandeses. Mesmo tendo sofrido brutal recompôs-se 1948, o partido recompõe-se e galgou posições importantes na vida política nacional. Participou com justeza da frente Nasakom, em torno do democrata-nacionalista Sukarno, que presidia o país. Mas não teve acuidade suficiente para perceber os limites da democracia burguesa, o furor da ofensiva norte-americana, o caráter instável do poder da Nasakom, e preparar as massas populares para um enfrentamento radical com o inimigo, que viria necessariamente. O resultado disto todos conhecem — em 1965/66 a ditadura militar implantada através de sangrento golpe de Estado assassinou mais de 500 mil comunistas e milhares de outros democratas.

Parece que o busílis desta questão é compreender, dentro da ótica marxista-leninista, o papel e o lugar do movimento de

libertação nacional na época do imperialismo. Na época pré-monopolista era natural que a luta pela independência fosse dirigida pela burguesia e tivesse essencialmente um caráter burguês, pelas suas tarefas e objetivos. Tinha como único escopo a formação dos Estados nacionais sem profundas alterações nas relações de classes internas. Mas na época do imperialismo, das revoluções proletárias, do triunfo do socialismo em escala mundial, o movimento de libertação nacional é, via de regra, aliado e reserva direta da revolução mundial e do proletariado, uma das vertentes básicas dessa revolução. Assim, os movimentos de libertação nacional, para jogar um efetivo papel progressista, carecem de outra composição de forças e outra direção. Nas mãos da burguesia ou da pequena burguesia eles não têm maior consequência. Que o digam, além das experiências citadas, a revolução iraniana de 1979, as guerras da Indochina — Vietnã,

Camboja e Laos — e, um pouco mais atrás, lutas pela descolonização da África, desde a Argélia e o Congo de Patrice Lumumba até as recentes guerras anticoloniais, em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. O que garantiria um desfecho dos movimentos de libertação nacional no rumo da revolução socialista seria a solidez do campo socialista e a direção do partido comunista nas frentes de libertação nacional. Leve-se isto em conta ao pesar os efeitos da traição revisionista para a revolução mundial!

O mesmo desnorreamento e a mesma falta de direção proletária se verificam nas lutas grevistas do operariado e nos levantes de massas com caráter radical nos países da Europa. O movimento grevista, ainda hoje, está impregnado de reformismo e economismo, enquanto que movimentos de outra natureza, como o de maio de 1968, na França, não chegaram a formular com clareza

perspectivas revolucionárias. O espírito generoso da juventude nas barricadas se diluiu numa amorfa e inconsequente pregação anarquista — outro traço da pequena burguesia.

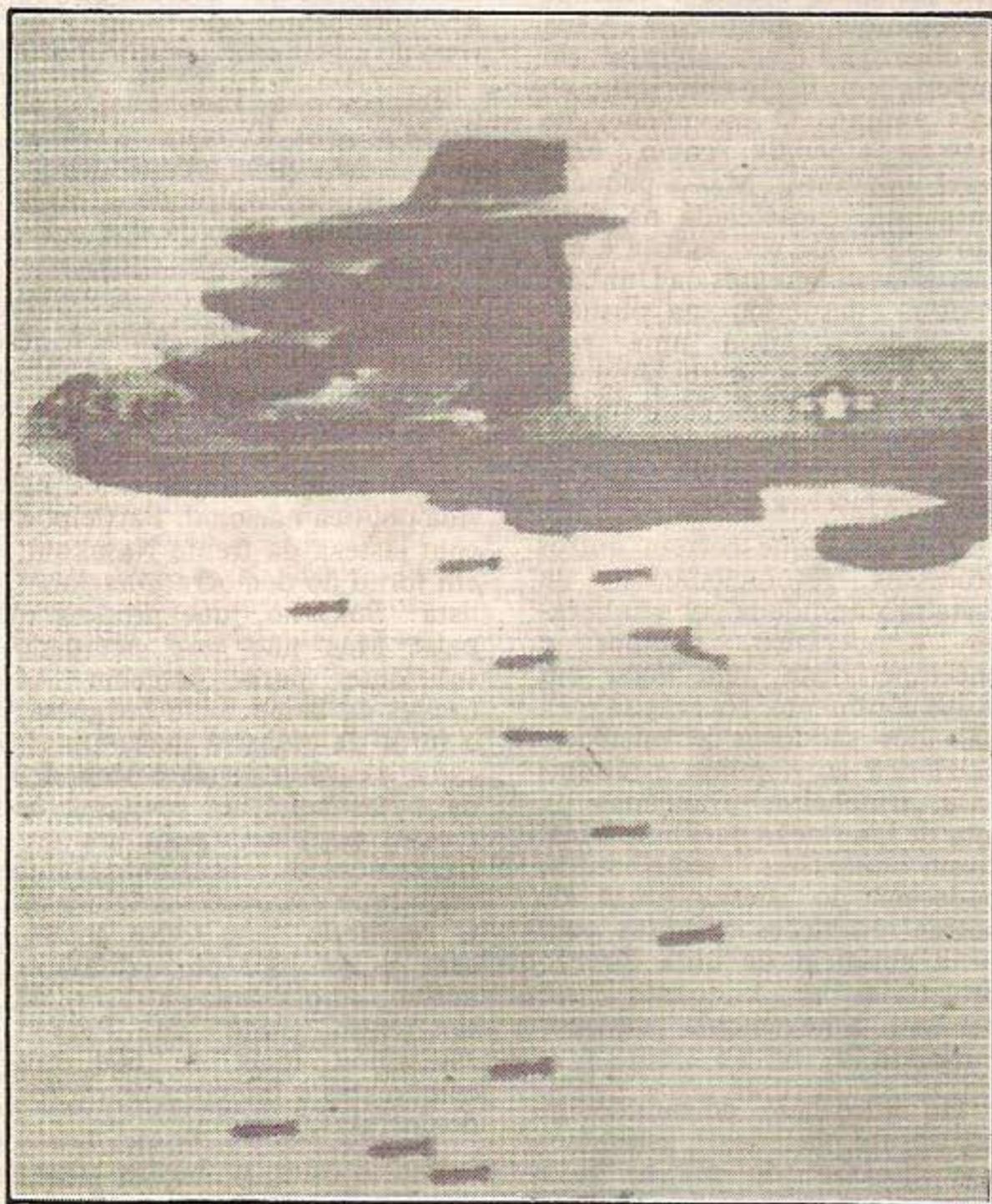
Como os marxistas-leninistas se colocam diante desse quadro? À primeira vista, a avaliação de que vivemos ainda um período histórico cinzento, pontilhado de reveses, zigue-zagues e interrupções no movimento revolucionário poderia conduzir quem faz uma leitura unilateral e superficial da realidade a corroborar os defensores da tese de que “o marxismo acabou”, “a era das revoluções passou”, de que o proletariado não mais se encontra no centro de nossa época como classe de vanguarda e de que o socialismo não é mais o porto seguro onde aportará a nau dos acontecimentos em curso.

Na verdade, a revolução não caminha em linha reta. “Não há presentemente ascenso revolucionário. Vive-se um período de descenso que vem desde os retrocessos verificados na URSS e China. Não ocorrem poderosas ações revolucionárias em confronto com o regime da burguesia. Acumulam-se, porém, fortes elementos de crise revolucionária que podem, em diferentes países, transformar-se em verdadeiro ascenso da revolução. Objetivamente amadurecem condições favoráveis à eclosão de lutas revolucionárias”, diz João Amazonas no documento apresentado ao 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil, de maio de 1988.

O pós-guerra trouxe nova correlação de forças favorável à luta de libertação

A revolução, com efeito, se insinua, abre caminho, assoma em toda parte. Muitas vezes espontaneamente, sob a forma de revoltas incontrolláveis e desorganizadas, caminhando por fluxos e refluxos, ainda sem direção clara, porquanto permanece o desnorreamento político-ideológico causado pelo revisionismo. Mas ainda assim caminhando.

Filipinas, Haiti, Coréia do Sul, Venezuela, Argentina, a retomada da luta de massas no Chile, a luta política no Brasil e



Bombardeiro B-52, instrumento de genocídio dos EUA no Vietnã



Estudantes usam escudos tomados da polícia em manifestação em Seul

tantos outros episódios recentes, tão recentes que ainda em curso, são evidentes sinais de uma situação explosiva. O decadente mundo burguês dá sobejas provas de não mais poder atender às demandas dos povos e mostra de incapacidade política para gerir e solucionar a contento os conflitos emandados de sua crise. A questão nacional, expressa na insolvência de um sem-número de nações dependentes é fator de ebulição permanente nos "quintais" do imperialismo. O agravamento dos problemas econômicos e financeiros leva objetivamente o proletariado à luta grevista. A política armamentista das potências imperialistas, que tentam disfarçar, gera gigantescas manifestações pela paz. A deterioração da vida no Planeta faz surgir com força a luta popular pela preservação ambiental.

O processo político em curso no Brasil deve também ser alvo de reflexão. Aqui se acumulam aceleradamente os fatores revolucionários, aparentes na deterioração da vida nacional e numa instabilidade política que tende a se acentuar na sucessão presidencial deste ano. Do lado das forças progressistas e revolucionárias vive-se experiência nova, de busca da unidade política no

âmbito de uma frente única que pode evoluir e tomar forma e conteúdo de uma organização com objetivos mais amplos.

Nos últimos anos a classe operária elevou sua consciência política e realizou grande aprendizado. Conta com um considerável patrimônio de experiência e, em meio também a muita confusão ideológica, pressão burguesa e pequeno-burguesa, educa-se como classe de vanguarda. No âmbito de um vasto movimento democrático, popular e progressista, a pequena burguesia hasteia as suas bandeiras e engrossa o caudal do movimento revolucionário em gestação. O posicionamento do PT, partido que abriga correntes variadas de pensamento, expressa esta posição intermediária e sua tentativa de hegemonizar o processo.

Fator novo na conjuntura atual é o surgimento de movimentações de massas contra a política dos governos revisionistas, sobretudo na URSS, China e Iugoslávia. Isto ocorreria mais cedo ou mais tarde. Tal é a intensidade das medidas capitalistas tomadas nesses e em outros países revisionistas, que já se pronunciam os

sinais de crise econômica e social. As chagas vão aparecendo com toda a sua podridão e se entrelaçam com questões tão delicadas como os conflitos étnicos, que levaram a URSS e a Iugoslávia a uma quase conflagração e a falta de liberdades.

Na China assistimos agora a um vendaval, uma revolta popular de dimensões inauditas. Um povo inteiro bradando, através de sua mais bela flor, a juventude estudantil, que não quer mais viver sob o mandarinato travestido de socialismo. Ali tem lugar um desses processos espontâneos que, num crescendo, quase se transforma em insurreição. E, sinal dos tempos, recebe a furiosa reação da casta revisionista dominante, que reprimiu a massa nas ruas com métodos de fazer inveja aos piores verdegos que a humanidade já conheceu.

Não está descartado que a retomada do processo da revolução mundial se dê através de comoções desse tipo nos grandes países revisionistas — URSS e China. Mais uma vez aparece nesses movimentos muita confusão política e ideológica, falta de rumos, interferência das potências capitalistas ocidentais, exploração da reação burguesa. Mas, vale insistir, isto faz parte do fenômeno que estamos analisando. O importante é ter presente que numa situação aparentemente confusa pode surgir a força que lhe dê clareza, norte e consequência.

O revisionismo freou a luta revolucionária, semeou a confusão e cindiu as fileiras proletárias

Aqui temos a ver com o fator subjetivo da revolução, com a formação da consciência e da capacidade de organização das massas e da sua vanguarda — o partido comunista. Num quadro como este reveste-se de muita importância o fortalecimento político, teórico, ideológico e organizativo do movimento comunista, a luta ideológica sem tréguas em defesa do marxismo-leninismo contra todas as formas de oportunismo e a busca dos

melhores meios e formas para abordar a revolução.

Embora seja longo o caminho a percorrer, grandes avanços foram dados nessa direção. Com o tempo ocorreu a diferenciação de forças no movimento operário e o movimento marxista-leninista ressurgiu. Novos partidos foram criados em diferentes países, crescem e se fortalecem, procuram formas de intervir mais a fundo na vida política, ligar-se às massas, promover a união do povo, organizá-lo e mobilizá-lo na luta usando as formas compatíveis com o grau de consciência das massas, adquirido no aprendizado prático.

Vivemos a mesma época histórica apontada por Lênin, a época da crise geral do capitalismo

Na Albânia apesar do cerco imperialista - revisionista, o socialismo avança, constituindo importante fator de estímulo à luta dos povos.

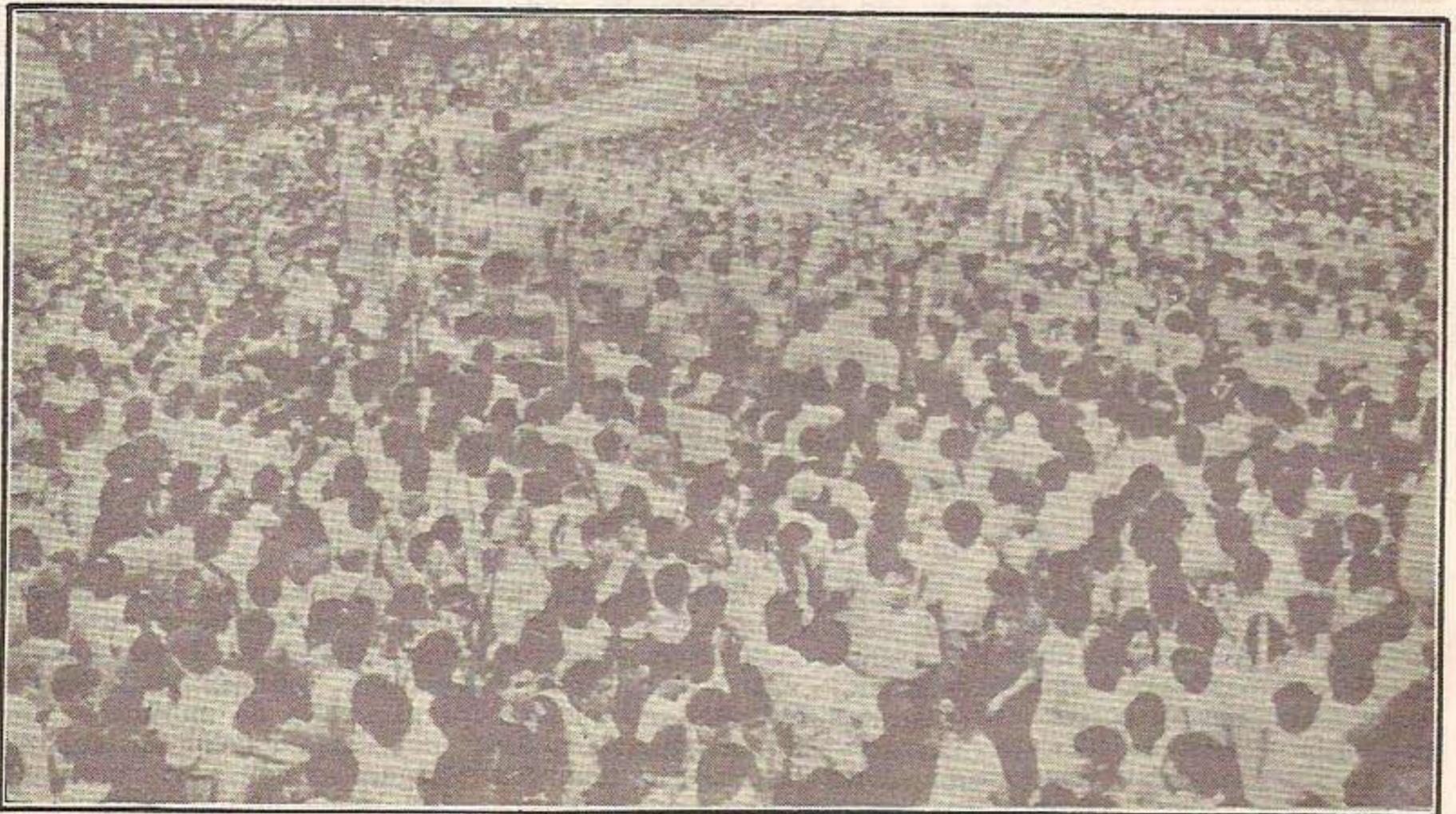
Embora pronunciadas em situação diferente, essas palavras de Lênin no 2º Congresso da Internacional Comunista (1920) são de grande valia para o atual movimento marxista-leninista:

“Chegamos agora à questão da crise revolucionária como base da nossa ação revolucionária. Aqui é necessário, antes de tudo, fazer notar dois erros muito correntes. De uma parte, os economistas burgueses apresentam esta crise como uma simples ‘inquietação’, segundo a elegante expressão dos ingleses. Por outra parte, os revolucionários tratam às vezes de demonstrar que a crise não tem nenhuma saída. Isto é um erro. Não existem situações absolutamente sem saída. A burguesia se comporta como uma fera raivosa e que perdeu a cabeça; comete uma loucura após outra agravando a situação, acelerando sua catástrofe. Tudo isso é certo. Mas não pode ‘provar-se’ que esteja descartada em absoluto a possibilidade de que adormeça uma certa minoria de explorados, mediante algumas concessões de pouca monta, de que reprima tal ou qual movimento ou insurreição de tal ou qual parcela dos oprimidos e explorados. Tentar ‘provar’ por antecipação a falta ‘absoluta’ de saída seria um pedantismo oco ou um jogo de conceitos e palavras. A verdadeira ‘prova’, nesta e noutras questões semelhantes, pode ser tão só a prática. O regime burguês atravessa no mundo inteiro a maior crise revolucionária. Os partidos revolucionários deve ‘provar’ agora com seu trabalho

prático que possuem suficiente consciência, organização, vínculos com as massas exploradas, decisão e capacidade para aproveitar esta crise para uma revolução triunfante.”

Como vimos, o impacto que o revisionismo provocou sobre o movimento revolucionário teve o efeito de um petardo. Mas a realidade indica que a derrota histórica do proletariado é fenômeno passageiro. Evidentemente não se pode medir a duração dessa derrota em termos de tempo, mas historicamente se pode avaliar que há sinais de que esse período vai sendo vencido. Os revisionistas se jactam do “prestígio” da *perestroika*. Não se pode, positivamente, subestimar sua influência.

Mas seu desgaste e fraqueza intrínseca são bem maiores do que mostram as aparências. O desenvolvimento criador do marxismo-leninismo, atendo-se aos seus princípios básicos, sem dogmatismo, que vem sendo operado por vários partidos marxistas-leninistas, revela que a doutrina científica do proletariado, longe de estar caduca e superada, está viva e jovem. E que muito antes que possam esperar a burguesia e os revisionistas no poder, nova onda revolucionária, de caráter proletário, inundará todo o Planeta.



Nas Filipinas um movimento que levou milhões de pessoas às ruas

Particularidades e caráter de classe do revisionismo soviético

Umberto Martins *

Um dos exercícios hoje muito em voga entre os ideólogos burgueses e pequeno burgueses consiste em encobrir o real significado histórico do revisionismo, apresentando como representantes de um mesmo interesse social e idêntico projeto histórico todas as correntes políticas que se declaram marxistas. Todas seriam socialistas, embora possam divergir nesta ou naquela questão. O revisionismo contemporâneo contribuiu para aumentar a confusão ideológica e, conseqüentemente, reforçar esta imagem.

Assim, a luta de vida ou morte entre marxismo e revisionismo parece incompreensível, enquanto que, neste momento, os frutos históricos do revisionismo no poder, em especial na URSS, são apresentados como resultados da aplicação do marxismo; os fracassos das idéias revisionistas ganham a aparência de fracassos do marxismo etc.

Sabe-se, entretanto, que o revisionismo não é um fenômeno novo. Ele nasce na década de 90 do século passado, quando o marxismo tinha se transformado em ideologia hegemônica do movimento operário na Europa, após triunfar, "incondicionalmente, sobre todas as ideologias do movimento operário", conforme disse Lênin no artigo "Marxismo e revisionismo", escrito em 1908.

"O socialismo pré-marxista foi derrotado", comentava o líder da revolução soviética. Daí as tendências que se expressavam através das doutrinas derrotadas anteriormente por Marx e Engels - por exemplo, o proudhonismo e, depois, o bakuninismo - "começaram a procurar outros caminhos. Modificaram-se as formas e os motivos da luta, mas a luta continuou". Desde então o último refúgio da ideologia burguesa no movimento operário tem sido o revisionismo, a revisão mais ou menos aberta dos postulados

cardiais do marxismo, que adquire particularidades e nuances diversas ao longo da história.

Tudo que foi dito evidentemente não constitui nada além do que o abecê do marxismo. Mas não se pode ignorar aqueles que, teimosamente, insistem em apagar a fronteira, ou as diferenças, entre as duas ideologias. A distinção entre marxismo e revisionismo é, antes de tudo, uma questão de classes. "O caráter inevitável do revisionismo é determinado pelas suas raízes de classe na sociedade atual", argumentava Lênin. Assim, a luta entre essas correntes antagônicas não é outra coisa senão a expressão no plano das idéias da moderna luta de classes entre burguesia e proletariado.

O revisionismo é um sistema de idéias que reflete os interesses da burguesia e tem por base social a pequena burguesia (inicialmente, enquanto social-democracia, foi a ideologia da aristocracia operária). O marxismo enfrentou e derrotou as idéias oportunistas de Bernstein e Karl Kautski, a revolução proletária de 17 na Rússia apressou o sepultamento da corrente que eles encarnavam. No entanto, o revisionismo subsistiu.

Hoje, as diferenças entre marxismo e revisionismo não se manifestam apenas no plano das idéias, mas sobretudo nas realizações práticas, como se depreende da realidade soviética, onde a obra de traição ao proletariado fala por si. Se fosse, como a burguesia procura fazer crer, o resultado histórico, concreto, da aplicação do marxismo, este teria de fato fracassado e seria preciso aposentá-lo como instrumento de libertação da classe operária e, por extensão, de toda a humanidade. O que presenciamos, porém, é o fracasso da ideologia revisionista, ideologia pequeno burguesa que, hoje, no poder, ganhou novas particularidade. No entanto, mantém o mesmo caráter de classe.

Já em 1908 Lênin indicava que a luta contra o revisionismo não seria encerrada com a vitória da revolução proletária em um ou outro país, devendo, ao contrário, tornar-se ainda mais encarniçada. "O que hoje vivemos com freqüência num plano puramente ideológico, isto é, as disputas em torno das emendas teóricas a Marx; o que hoje só se manifesta na prática a propósito de certos problemas parciais, isolados, do movimento operário, como divergências táticas com os revisionistas e as cisões neste terreno, tê-lo-á que viver inevitavelmente a classe operária, em proporções incomparavelmente

maiores, quando a revolução proletária agudizar todos os problemas em litígio e concentrar todas as divergências nos pontos de importância mais imediata para a determinação da conduta das massas, obrigando a que se separem, no fragor da luta, os inimigos dos amigos e a que se rejeitem os maus aliados, para assestar golpes decisivos no inimigo."

Logo nos primeiros anos que se seguiram à instalação da ditadura do proletariado na Rússia a revolução enfrentou uma batalha de vida ou morte contra as classes que haviam sido apeadas do poder. Num primeiro momento, esta luta teve sua expressão mais alta em três anos de

guerra civil, que também se refletiu em profundas divergências no interior do partido bolchevique, ao lado das que já eram naturais e mais abertas com os mencheviques.

As diferenças de opinião relacionavam-se basicamente sobre o caminho que devia ser seguido para que a revolução prosseguisse em direção ao socialismo e de acordo com os interesses do proletariado; concentravam-se, conforme predisse Lênin, "nos pontos de importância mais imediata para a determinação da conduta das massas". E representavam interesses de classes distintas.

É o período da "Oposição Operária", das idéias antioperá-

(*) Jornalista, editor da Princípios

rias de Trotski sobre os sindicatos e da polêmica em torno das decisões sobre "comunismo de guerra" e implantação de uma Nova Política Econômica (NEP). Como meio de enfrentar esta luta e garantir a direção proletária sobre o Estado é que foram tomadas as resoluções do 10º Congresso do Partido Comunista, em 1921, proibindo a existência legal de partidos burgueses e as frações e grupos no interior do próprio partido bolchevique.

Já neste período o revisionismo havia assumido uma característica que o torna bem distinto das formas em que se revestiu na sua fase inicial, de Bernstein e mesmo de Karl Kautski. A batalha entre marxismo e revisionismo, a partir daí, já não será mais travada exclusivamente, no campo ideológico. Ao mesmo tempo a luta ocorria em um terreno virgem, em que se exigiam respostas a novas questões que os fundadores do marxismo não haviam enfrentado ou para as quais deram apenas ligeiras indicações.

Depois que foram eliminadas outras formas de manifestação política da burguesia, em 1921, os interesses das classes exploradoras (que continuaram subsistindo no país durante todo o período de transição do capitalismo ao socialismo e, durante a NEP, chegaram a gozar certos estímulos do Estado) só poderiam se expressar ideologicamente através de revisões, ainda mais encobertas e subterrâneas, do marxismo.

Todo o período de transição foi caracterizado por uma luta de vida ou morte entre o poder proletário e a burguesia que sobrevivia no campo e nas cidades; as particularidades da União Soviética (país capitalista relativamente atrasado e com um cruel legado da guerra) tornaram a batalha entre o proletariado e as classes exploradoras, e entre marxismo e revisionismo, especialmente agudas e violentas.

Trotski e Bukharin dão o tom do revisionismo durante o período de transição ao socialismo

Os exemplos mais importantes da repercussão desta luta (que envolvia toda a sociedade) no



interior do Partido Comunista são os de Trotski e Bukharin. Se as idéias de Trotski (acerca da impossibilidade de construção do socialismo em um só país, organização partidária e relação dos sindicatos com o Estado, entre outras) tivessem sido acatadas pelo partido e transformadas em orientação de Estado, naturalmente não teria sido possível construir o socialismo na URSS.

Em Bukharin as relações entre as representações da consciência, as idéias políticas e os interesses de classe são mais evidentes. A defesa ardorosa que fez dos *kulaks* (burguesia rural) é amplamente conhecida. Ele lutou desesperadamente contra a coletivização e a favor da manutenção da propriedade privada no campo, sob o disfarce da tese de integração pacífica dos *kulaks* no socialismo, e nunca conseguiu esconder seu irresistível fascínio pelos *nepmans*.

A construção do socialismo na União Soviética só podia ser vitoriosa com a derrota dessas e outras concepções pequeno-burguesas, a eliminação das classes cujos interesses elas representa-

vam objetivamente e a imposição de novas relações de produção. E foi assim que, de fato, ocorreu a transição do capitalismo ao socialismo.

Quando essa etapa da construção do socialismo foi concluída na URSS, na segunda metade da década de 30, as classes exploradoras tinham sido liquidadas; a burguesia, assim como os latifundiários, não mais existiam no país, como observou Stálin.

A pequena burguesia sobrevive e, com ela, idéias revisionistas e o perigo de retrocesso

Mesmo numa sociedade socialista, contudo, o grau de desenvolvimento das forças produtivas e das relações que se estabelecem entre os homens particularmente na economia mas também em todas as esferas sociais, não é elevado o suficiente para possibilitar a eliminação da luta de classes, de forma que é inevitável o surgimento de idéias revisionistas e a possibilidade de retrocesso histórico.

Sobrevivem, embora restritamente, a produção mercantil, a propriedade de grupos (nas cooperativas), a divisão social do trabalho e disparidades salariais, as diferenças entre campo e cidade e outros fenômenos que só deixarão de ocorrer no comunismo. Do ponto de vista social, tudo isto tem por correspondência obrigatória uma camada relativamente extensa de pequeno burgueses. E a pequena burguesia, embora em novas formas, não perde no socialismo sua essência de camada social intermediária entre a burguesia e o proletariado, da qual deriva sua posição ideológica pusilânime.

É natural que essa pequena burguesia ocupe posições no interior do partido, do aparato estatal, gerências de fábricas, cooperativas etc. E impregne o ambiente social com idéias que às vezes são francamente hostis ao socialismo.

O fato é que para caminhar na direção do socialismo torna-se indispensável revolucionar permanentemente as relações de produção, em conformidade com o avanço das forças produtivas, de forma a eliminar gradualmente a produção mercantil, a divisão social do trabalho, a diferença entre cidade e campo e elevar o nível da propriedade cooperativa "ao de propriedade de todo o povo", como preconizava Stálin.

Ora, este movimento tem por contrapartida o deslocamento das posições e a redução gradual dos interesses da pequena burguesia até a pura e simples extinção desta camada social. É evidente que ele encontra resistência, só se realiza por meio de uma luta ideológica política mais ou menos aguda dentro do sistema político da ditadura do proletariado. Essa contradição de interesses entre o proletariado e a pequena burguesia em geral define o conteúdo e as características (ou formas) da luta de classes no socialismo.

A oposição mais ou menos clara, mais ou menos consciente, da pequena burguesia à passagem do socialismo ao comunismo assume diversas formas e reflete-se inevitavelmente nas instituições e no partido. Manifesta-se em divergências, pequenas ou grandes, no aparelho estatal ou

no interior das fileiras comunistas.

Um exemplo eloqüente desta luta no interior do socialismo - neste novo período, de passagem ao comunismo, antes da ascensão dos revisionistas ao poder - pode ser observado na polêmica travada entre Stálin e alguns economistas soviéticos acerca dos problemas econômicos do socialismo na URSS.

O debate gerou em torno da atuação da lei do valor no socialismo, produção mercantil, contradição entre forças produtivas e relações de produção, o caráter objetivo das leis econômicas e a política econômica que o Estado soviético devia tomar naquela nova fase do desenvolvimento da sociedade socialista - caracterizada pela completa liquidação das classes exploradoras e início da transição do socialismo ao comunismo.

É ilustrativa, para analisar os interesses que estavam em choque naquelas idéias e o caráter de classe das divergências, a controvérsia sobre as "medidas para elevar a propriedade *kolkhosiana* ao nível da propriedade de todo o povo", relatada por Stálin no livro "Problemas econômicos do socialismo na URSS".

"Os camaradas Sánina e Vênzher propõem, como medida fundamental para essa elevação do nível da propriedade *kolkhosiana*, vender os instrumentos fundamentais de produção concentrados nas Estações de Máquinas e Tratores (EMT), desobrigar desse modo o Estado das inversões básicas na agricultura e fazer com que os próprios *kolkhoses* assumam a manutenção e o desenvolvimento das EMT".

Depois de evidenciar que a medida seria um desastre do ponto de vista econômico, inclusive porque fornecer ao campo novas máquinas e tratores na proporção adequada à demanda e ao avanço das forças produtivas implicava numa capacidade de inversão que as cooperativas não possuíam, Stálin concluiu: "ao propor a venda das EMT como propriedade aos *kolkhoses*, os camaradas Sánina e Vênzher retrocedem e procuram fazer a roda da história girar para trás".

"Disso resultaria, em primeiro

lugar", argumentava, "que os *kolkhoses* passariam a ser proprietários dos instrumentos de produção fundamentais, isto é, encontrar-se-iam numa situação excepcional, numa situação que nenhuma empresa ocupa em nosso país, pois como se sabe nem mesmo as empresas nacionalizadas são, entre nós, proprietárias dos instrumentos de produção...".

"Disso resultaria, em segundo lugar, o alargamento da esfera de ação da circulação mercantil, visto que em sua órbita entraria uma enorme quantidade de instrumentos de produção agrícola. Que pensam a respeito os camaradas Sánina e Vênzher? O alargamento da esfera da circulação mercantil poderia contribuir para o nosso avanço no sentido do comunismo? Não seria mais exato dizer que de fato frearia nosso avanço no sentido do comunismo?"

"O erro fundamental dos camaradas Sánina e Vênzher consiste em que não compreendem o papel e o significado da circulação mercantil no socialismo; não compreendem que a circulação mercantil é incompatível com a perspectiva da passagem do socialismo ao comunismo. Pensam, pelo que se vê, que a circulação mercantil não constitui um obstáculo para a passagem do socialismo ao comunismo, que a circulação



Ele explicou o que é revisionismo

mercantil não pode impedir essa transição. Isto é um grande erro, causado por não compreenderem o marxismo”.

Embora não se apresentassem na forma de uma plataforma clara, nítida, consciente - e nem tinham espaço político para tanto - as divergências entre essas opiniões refletiam distintos interesses de classes, simbolizavam a oposição da pequena burguesia, sua resistência ao avanço do socialismo na direção do comunismo, eram o reflexo desta luta na consciência dos economistas, combatidos por Stálin. A polêmica, como se vê, concentrava-se em torno dos pontos cardeais do período - dos métodos e da política correspondente à passagem do socialismo ao comunismo.

As idéias dos economistas combatidos por Stálin representavam, conseqüentemente, uma forma específica pela qual manifestaram-se idéias revisionistas ou mais precisamente o reflexo de interesses pequeno burgueses na consciência de alguns indivíduos durante a nova fase histórica e têm a virtude de resumir questões centrais que estavam em jogo na ocasião e que constituíam o pano de fundo da luta de classes que se tratava no interior da sociedade soviética.

Kruschev representou, e bem, os interesses de camadas contrariadas com a nova sociedade

A ascensão de Krushev ao poder dá-se ainda no calor do debate que Stálin havia travado sobre os problemas econômicos

da construção do socialismo na URSS. E é do solo pisado pela pequena burguesia que brota a raiz do pensamento do cidadão que se torna o novo líder da URSS após a morte de Stálin, em 1953. As idéias revisionistas da pequena burguesia manifestavam-se, então, de forma tímida, mas possuíam uma expressiva base no interior da sociedade soviética, o que lhes garantiu o predomínio sobre o aparelho estatal após a ascensão de Krushev ao poder.

Não é difícil observar que Krushev representou, precisamente, os interesses da pequena burguesia contrariada com os rumos do socialismo, a marcha na direção do comunismo, e acabou levando a efeito na União Soviética uma contra-revolução pacífica, orientada, antes de tudo, no sentido de preservar as posições e os interesses desta camada social - que teriam inapelavelmente de ceder no processo de transição do socialismo ao comunismo. Ao mesmo tempo, as reformas por ele promovidas garantiram também a ampliação dos interesses e dos direitos, e a alteração da posição da pequena burguesia na sociedade soviética.

Todas as idéias e os atos do líder revisionista foram determinados por este propósito. Sua obra - e, em certa medida, a de seus sucessores - orientaram-se para este caminho pequeno-burguês. E a mudança da posição da pequena burguesia nas relações de produção culminou por mudar o caráter dessas relações, que aos poucos deixaram de ser socialistas.

Para iniciar a realização da

obra pequeno-burguesa, Krushev teve de apelar, em primeiro lugar, ao ataque grosseiro a Stálin. Era indispensável derrubar a autoridade de Stálin no partido e na sociedade, e reabilitar seus desafetos, para promover uma orientação (na política, na economia e em toda a sociedade) de essência pequeno-burguesa.

Ele começa pela reabilitação prática das idéias dos economistas combatidos anteriormente por Stálin, promovendo o abrandamento da centralização e do planejamento econômico (extinguindo os ministérios de planejamento central), transferindo o controle das Estações de Máquinas e Tratores para as cooperativas (coisa que concluiu em 1959) e privilegiando os interesses da pequena burguesia que exercia cargos de chefia nas empresas e no Estado.

A política colocada desde então em prática contradiz frontalmente as orientações de Stálin e do XIX Congresso do PCUS. Alargam a área de influência da produção mercantil sobre a economia soviética e levam a um progressivo enriquecimento da pequena burguesia, assim como à alteração da posição desta camada nas relações de produção - de modo a transformar o próprio caráter dessas relações.

A produção mercantil, como lembrava Stálin, não conduz por si mesmo ao capitalismo, leva neste sentido “apenas se existir propriedade privada sobre os meios de produção (...) A produção capitalista começa onde os meios de produção estão em mãos de particulares, e os operários, privados dos meios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho como mercadoria. Sem isto, não há produção capitalista.” Ao mesmo tempo, ele enfatiza que o alargamento da produção mercantil é incompatível com a perspectiva de passagem do socialismo ao comunismo e conduz inapelavelmente ao retrocesso.

A obra de restauração do capitalismo na URSS, iniciada por Krushev, evidentemente não foi concluída de pronto. E teve continuidade, embora de maneira contraditória e às vezes envergonhada, em Brejnev, seu sucessor, que em 1965 introduz



Regimento do Exército Vermelho durante a guerra civil, que influenciou também no debate ideológico.

no país as famosas "reformas de Kossiguin", que fazem do lucro o motor da produção nas empresas, copiam do modelo revisionista iugoslavo a chamada autogestão, e ampliam ainda mais os poderes de administradores e diretores das estatais.

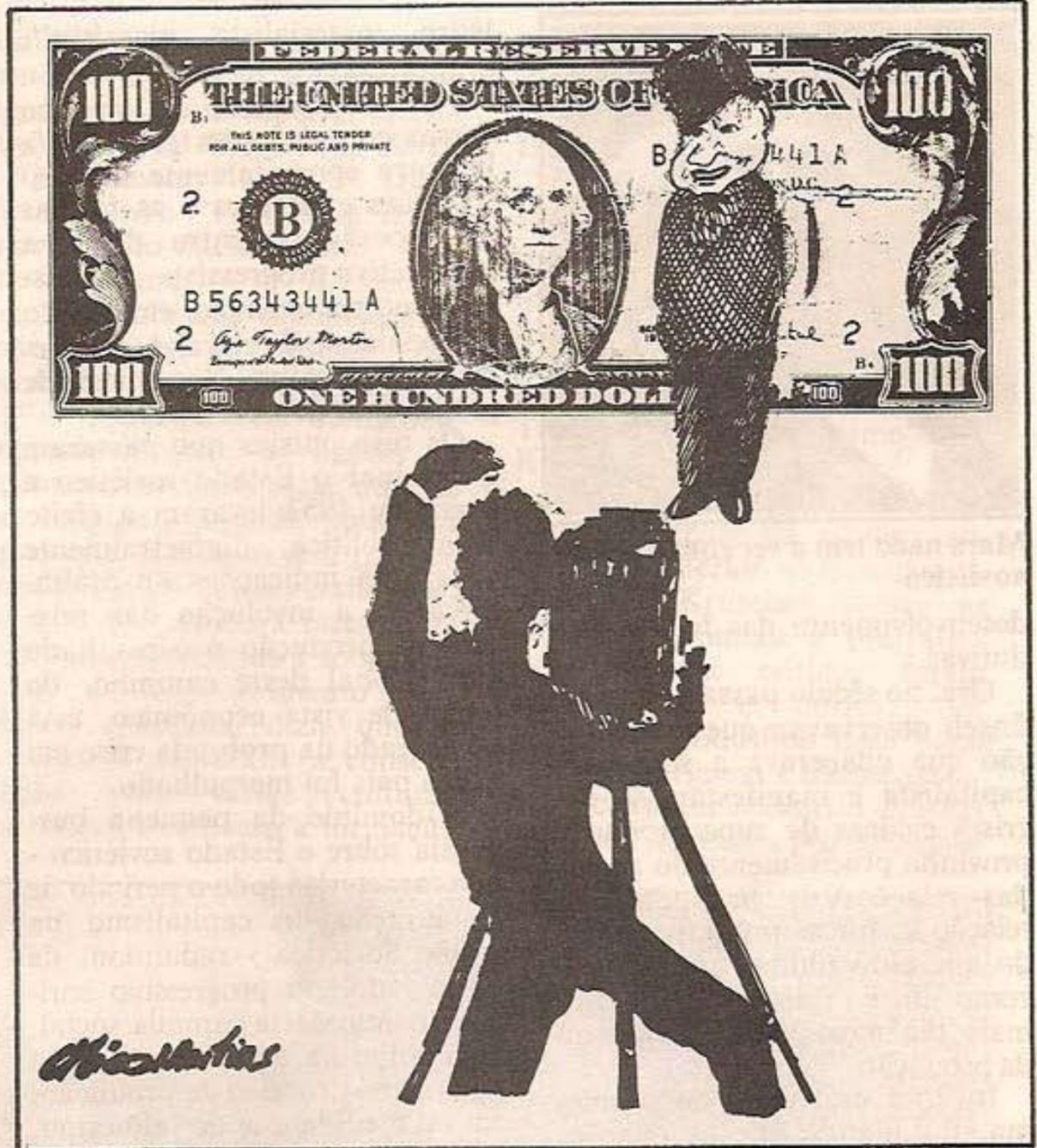
Medida de grande significado implementada em todo o período de restauração foi a importação de relações capitalistas de produção, através da abertura da economia soviética aos investimentos diretos das empresas estrangeiras e da tomada de empréstimos pelo país junto à comunidade financeira internacional. O peso específico do capital estrangeiro na URSS torna-se a partir daí a cada ano maior, determinando a reincorporação do país no mercado capitalista mundial (veja artigo a respeito nesta revista, pág. 45).

Com Krushev e seus sucessores o revisionismo assume características que o tornam ainda mais distinto das outras formas em que esta ideologia pequeno-burguesa tinha se revestido no passado, ainda que mantendo com essas a identidade básica de deformar e aburguesar o marxismo. E o revisionismo de um partido no poder em um país que já havia percorrido a fase de transição do capitalismo ao socialismo.

Os atuais economistas soviéticos invertem os termos do conflito que ocorre na produção

Em função desta particularidade, ele não se limita a incorporar e fazer rejuvenescer as velhas e desmoralizadas idéias revisionistas sobre a luta de classes, o desenvolvimento do capitalismo, a missão histórica do proletariado, a concepção de partido etc. A batalha que o revisionismo soviético trava contra o marxismo ocorre em uma nova época, quando este já havia atingido um novo patamar histórico, um novo *status*: não apenas era hegemônico no seio da classe operária como havia alcançado o poder, consolidava a construção da sociedade socialista e desenvolvia a teoria adequada à luta de classe nessas novas condições históricas.

Em outras palavras, o marxis-



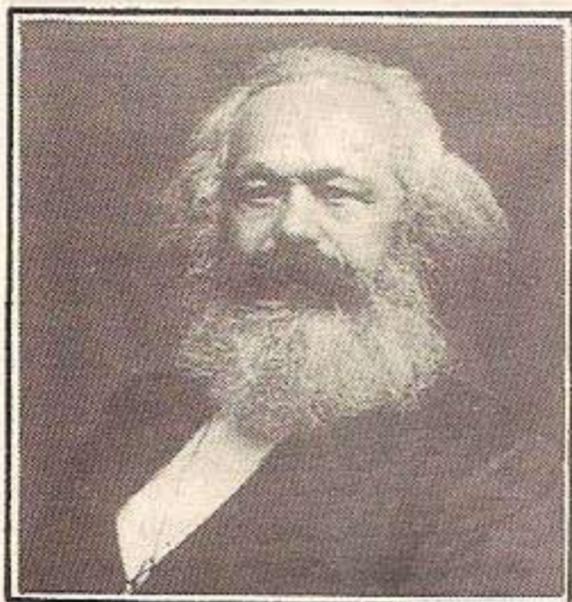
mo já tinha se transformado em socialismo - na prática - e é nesse nível que terá de ser combatido pelos revisionistas. A missão dos dirigentes soviéticos que assumem o poder após a morte de Stálin é, por consequência, proceder a revisão burguesa do marxismo deste período, teoria que, em sua generalidade, tinha sido elaborado por Marx e Engels, foi abordada com mais detalhe por Lênin e estava em pleno desenvolvimento na época de Stálin.

A revisão se traduz sobretudo em uma política que impõe o retrocesso das relações de produção. A tese de Stálin e do XIX Congresso do PCUS de que se devia andar para a frente, elevando o nível dessas relações de forma a possibilitar a transição do socialismo ao comunismo, é revisada na prática pelas reformas de Krushev e seus seguidores, que não apenas deixam de caminhar para a frente como restabelecem relações de tipo capitalista que haviam há muito sido superadas.

É sintomático que este movimento se involução das relações de produção no país se reflita na

consciência de economistas soviéticos na forma de uma verdadeira inversão do real caráter da contradição entre forças produtivas e relações de produção observada por Marx. Para justificar o procedimento revisionista, eles alegam, com sutileza, que o nível de desenvolvimento das forças produtivas na URSS de hoje é relativamente baixo e, em função disto, só é possível estabelecer a correspondências adequada e a harmonia com as relações de produção se essas forem do tipo capitalista.

"As contradições internas do setor socialista", argumenta o economista Vsevolod Kulikov no artigo "Etapas do desenvolvimento do sistema econômico do socialismo" (publicado na coletânea "O socialismo: sistema econômico", da Academia das Ciências da URSS em 1987), "incluem, por exemplo, o conflito entre as novas relações de produção e as forças de produção herdadas do regime anterior". Para resolver o conflito é que as reformas se orientam no sentido de restabelecer relações capitalistas, supostamente mais adequadas ao atual nível histórico de



Marx nada tem a ver com o regime soviético

desenvolvimento das forças produtivas.

Ora, no século passado Marx e Engels observavam que a contradição que dilacerava a sociedade capitalista e manifestava-se em crises cíclicas de superprodução provinha precisamente do atraso das relações de produção em relação às forças produtivas, sendo que estas últimas constituem, como disse Stálin, o elemento mais dinâmico e revolucionário da produção.

Inverter os termos do problema, insinuando que as relações de produção estão artificialmente avançadas e inadequadas ao nível de desenvolvimento das forças produtivas, sendo necessário, portanto, rebaixá-las, referindo-se à União Soviética da década de 80, é uma grosseira deturpação da realidade e mais uma evidência da revisão burguesa do marxismo.

Stálin ressaltava que a contradição entre forças produtivas e relações de produção prevalecia no socialismo, com as relações de produção atrasando-se em comparação ao nível de desenvolvimento das forças produtivas, e não o contrário. A contradição só não resultaria em crise se a correspondência entre esses dois aspectos da produção fosse restabelecida por meio da elevação das relações de produção, o que transforma esta de fator de entrave em motor do desenvolvimento econômico.

“Esta peculiaridade do desenvolvimento das relações de produção que passam do papel de entrave das forças produtivas ao papel de motor principal de seu avanço e do papel de motor principal ao papel de entrave das forças produtivas, constitui um dos elementos principais da dia-

lética materialista marxista”, argumentava.

No caso, porém, ele ia além dessas considerações genéricas e indicava concretamente as contradições existentes e as formas de superá-las dentro de uma perspectiva progressista, socialista, como por exemplo em relação à necessidade de elevar a propriedade cooperativa “ao nível de propriedade de todo o povo”.

Os revisionistas que passaram a dominar o Estado soviético a partir de 1953 levaram a efeito uma política diametralmente oposta às indicações de Stálin, forçaram a involução das relações de produção e o resultado mais global deste caminho, do ponto de vista econômico, está patenteado na profunda crise em que o país foi mergulhado.

O domínio da pequena burguesia sobre o Estado soviético - que caracteriza todo o período de restauração do capitalismo na União Soviética - redundou, de outro lado, no progressivo enriquecimento desta camada social, bem como na ampliação de sua posição no processo de produção, em tal medida que de fato criou, com o tempo, uma espécie de “nova burguesia”, constituída de gerentes de fábricas e cooperativas, altos burocratas do Estado e do partido, oficiais e técnicos de elevada graduação.

Embora não tenha o controle direto, e privado, sobre os meios de produção, na verdade esta camada beneficia-se do poder que exerce sobre o Estado, arrancando por meio dele, e em proveito próprio, uma parcela apreciável da riqueza produzida pelos operários, alterando com isso o caráter do processo distributivo do sistema. A produção deixa de servir a toda sociedade para satisfazer, em especial, os interesses desta “nova burguesia”, fenômeno que se conjuga à extração direta de mais-valia pelo capital estrangeiro.

Esta camada não constitui a burguesia em sua forma social clássica nem dispõe, na União Soviética, dos mesmos direitos formais desta. A rigor, ainda é a pequena burguesia enriquecida, com novos privilégios e posições na sociedade. Por isto, não deve ser tomada por forma permanente e nem é o resultado último da obra de restauração do revisionismo.

Trata-se, na verdade, de uma categoria social provisória, característica e própria de certa fase do período de restauração.

Com Gorbachev o regime revisionista soviético inicia uma nova fase de seu desenvolvimento histórico, caracterizado no geral pela conclusão do período de restauração capitalista e o ressurgimento da burguesia em sua forma clássica. O que domina a cena política, com efeito, é a burguesia vestindo sua velha roupa.

A perestroika inaugura uma nova fase do regime. E a burguesia veste sua velha roupa

As principais medidas adotadas por Gorbachev refletem precisamente este movimento. A legalização da pequena propriedade capitalista nas cidades, por exemplo, abre campo para o pleno reestabelecimento da propriedade privada, e a expansão mais livre e irrestrita dos direitos e interesses burgueses.

Na mesma direção orientam-se as iniciativas relacionados à propriedade camponesa, onde o ressurgimento da burguesia rural (os novos *kulaks*) ocorre de forma mais nítida e em larga escala através do arrendamento das terras por um prazo de 50 anos a pequenos grupos e indivíduos, iniciativa que Gorbachev justifica com o discurso cínico de “terra para quem nela trabalha”.

Ora, da pequena propriedade, como lembrava Lênin, nasce a cada minuto a produção capitalista e a personalidade social que lhe corresponde, o capitalista. A expansão do capital - e com ela a transformação do pequeno capitalista em médio e, depois, grande burguês - passa a ser apenas uma questão de tempo e de eliminação das tímidas restrições que ainda subsistem na União Soviética.

Não há dúvidas de que existem restrições jurídicas e econômicas e que o movimento encabeçado hoje por Gorbachev enfrenta resistências, evoluindo em meio a contradições e lutas. O restabelecimento do parlamento burguês no país e as iniciativas no campo da *glasnost* têm por finalidade precisamente criar as condições favoráveis à expressão liberal das

divergências no seio das novas elites, ao acomodamento "democrático" das contradições capitalistas (iludindo o povo) e ao predomínio da nova orientação, que representa a pressão irresistível das "novas" forças sociais ressuscitadas pelos revisionistas na URSS.

Quanto ao próprio líder da *perestroika*, ele pretende impor novas normas "sobre o direito de propriedade" e intenta desferir o golpe de mestre sugerido pelo seu principal assessor, o economista Abel Aganbeguian: a privatização das estatais, de "todas, com exceção da indústria bélica", conforme as palavras usadas pelo economista numa entrevista ao programa "Bom dia Brasil", da "TV Globo", por ocasião de sua visita a Brasília. O retorno da falência na URSS,

além de tornar quase ilimitada a predominância do mercado e da lei do valor na economia soviética, aponta neste direção, de abrir alas para a iniciativa privada, seja nacional ou estrangeira.

O reflexo e a contrapartida desta nova fase da sociedade soviética na consciência de Gorbachev e dos dirigentes revisionistas é não só o aprofundamento da revisão, cada vez mais descarada, das idéias marxistas, como também o início do completo abandono da ideologia marxista.

Os vestígios de marxismo no pensamento de Gorbachev e dos teóricos mais influentes da *perestroika*, com efeito, são cada vez mais pálidos. O líder soviético foi forçado a abrir mão inclusive da teoria da luta de classes como motor da história,

substituindo-a pela vaga e falsa noção de interesses da humanidade - pretensamente acima das classes.

Defronte dos resultados da restauração do capitalismo, da plena vigência das leis e categorias econômicas capitalistas na União Soviética e seus desdobramentos, Gorbachev também teve de admitir a crise econômica e incorporá-la à sua noção de socialismo.

E assim que ele diz que a sociedade socialista "não está segura contra o aparecimento e acumulação de tendências paralisadoras", depois de observar que, quando assumiu o poder, "em seu todo, a sociedade estava ficando cada vez mais ingovernável" e "à beira da crise" (em seu livro "Perestroika").

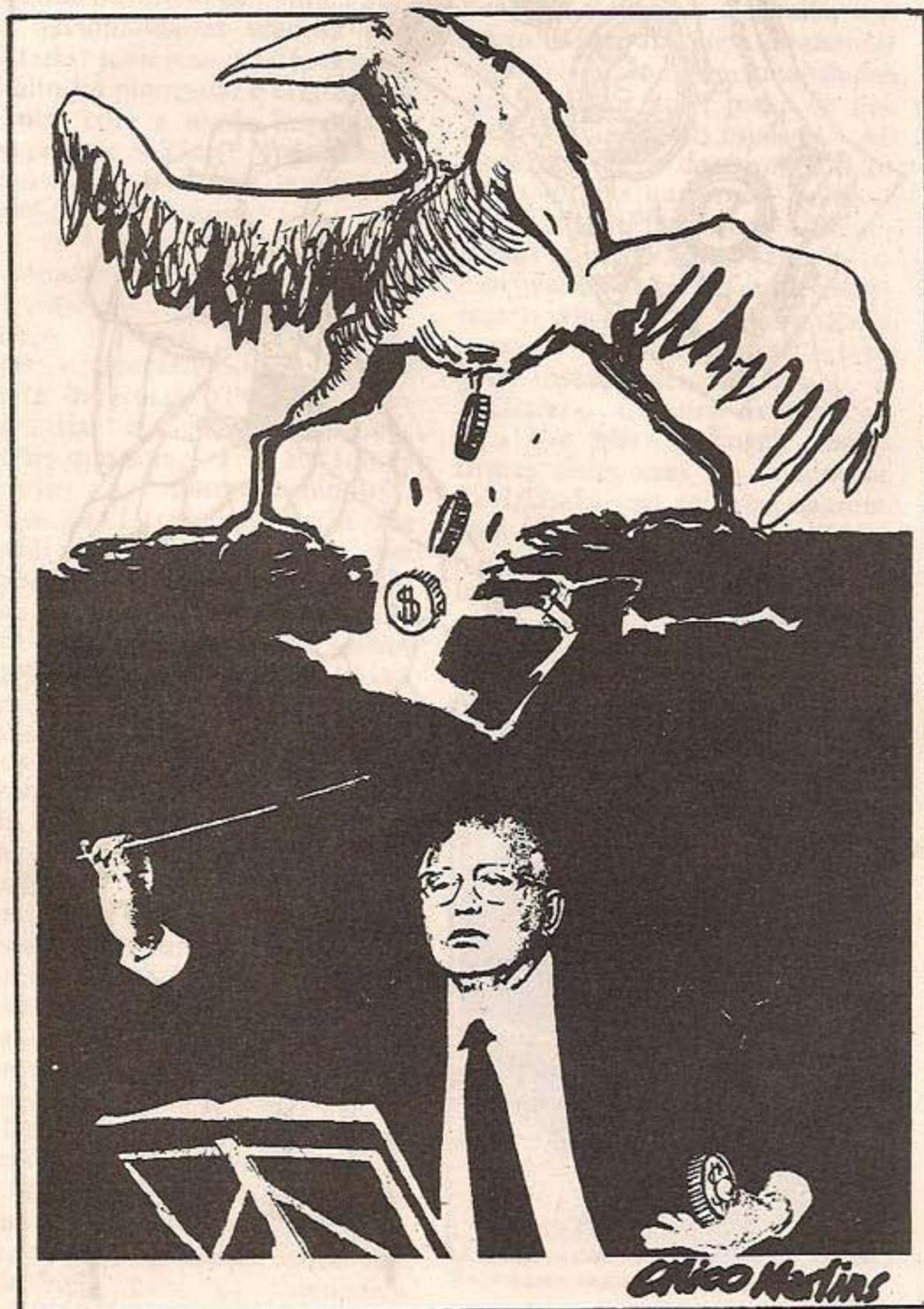
Com efeito, a obra de restauração do capitalismo na URSS foi coroada por uma profunda crise econômica, social e política. As taxas de crescimento do produto iniciaram por declinar violentamente, de forma que, segundo informações oficiais, a evolução da renda nacional deu-se conforme a seguinte média anual por quinquênio:

Quinquênio	taxa de crescimento
1951-1955	11,2%
1956-1960	9,2%
1961-1965	6,6%
1966-1970	7,75%
1971-1975	5,75%
1976-1980	4,75%

Já no X Plano Quinquenal, o último, de 1981 a 1985, a taxa de crescimento da economia foi igual a zero, segundo cálculos do insuspeito Abel Aganbeguian (em seu livro "*Perestroika* - o duplo desafio soviético"). Ou seja, o país estagnou.

O socialismo da crise, com Gorbachev, exige uma ideologia mais abertamente burguesa

O fenômeno, evidentemente, expressa uma crise econômica aguda. E esta, por seu turno,



reflete a explosão da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção capitalistas que foram restauradas na União Soviética; o conflito tornou-se inconciliável e antagônico após as reformas revisionistas. É um fenômeno por si só evidente.

E é esta nova realidade que força Gorbachev a revisar o princípio socialista do desenvolvimento e da expansão ininterrupta da produção, que constitui - na economia - a base para assegurar a satisfação máxima das necessidades materiais e culturais da sociedade.

“Em vez de desenvolver a produção com intermitência do ascenso à crise e da crise ao ascenso, desenvolver ininterruptamente a produção; em vez de intermitências periódicas no desenvolvimento da técnica, acompanhadas da destruição das forças produtivas da sociedade, o aperfeiçoamento ininterrupto da produção à base da técnica mais elevada”, conforme a formulação de Stálin.

Esta noção sobre o desempenho da economia socialista já havia sido elaborada anteriormente por Marx e Engels em diversos escritos. Stálin desenvolveu a idéia com base no desenvolvimento do socialismo soviético. A experiência histórica comprovou que não se tratava simplesmente da exposição de um desejo, mas, antes, de uma previsão científica, baseada na análise das categorias e leis econômicas próprias do novo regime, coisa que, hoje, continua sendo evidenciada pela experiência de construção do socialismo na Albânia.

A obra de revisão, neste nível, atinge na verdade a lei fundamental do socialismo e não é de espantar que os revisionistas - ao terem suas teses submetidas à dura prova da história - sejam forçados a apelar até este ponto.

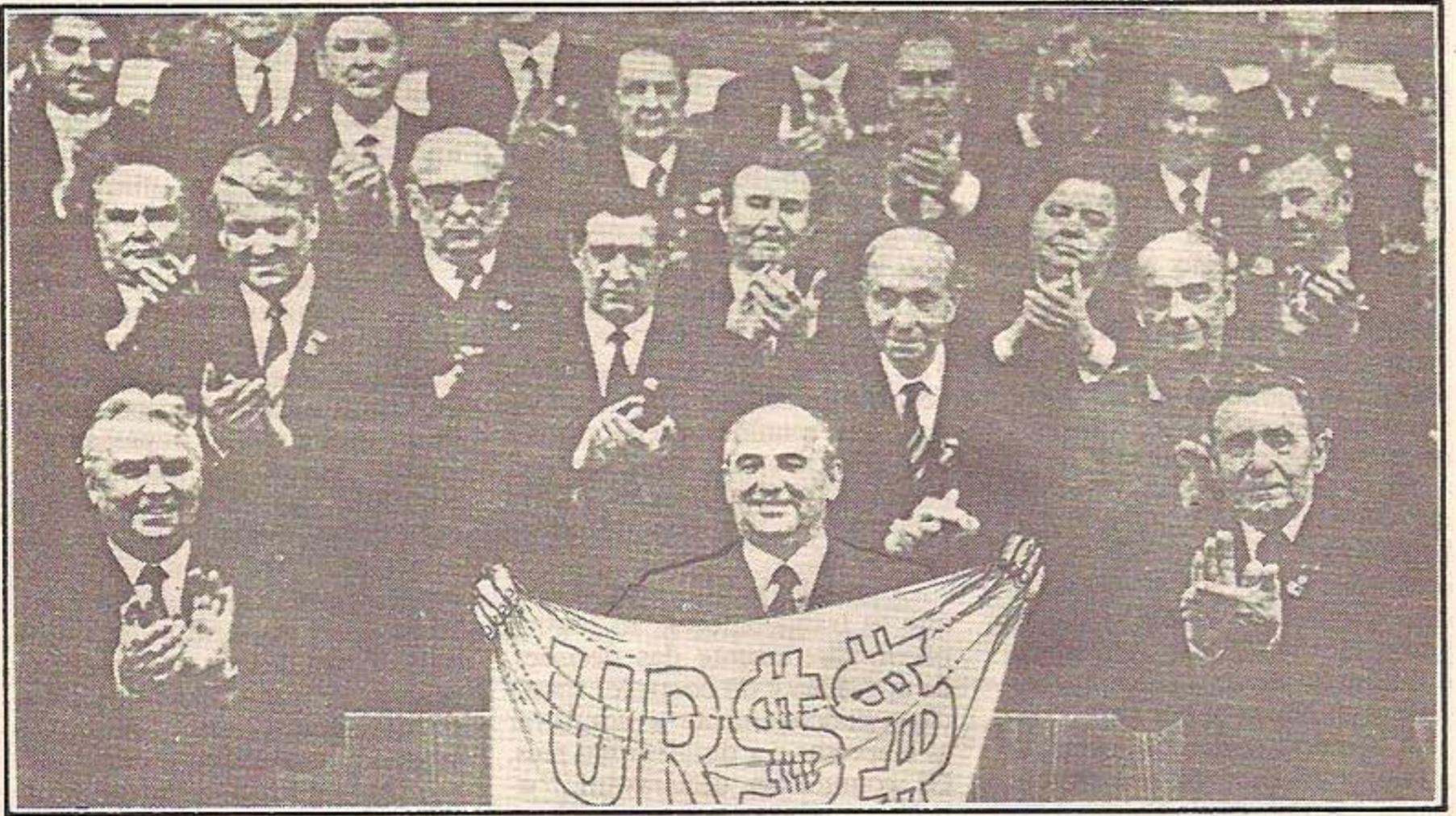
Eis que temos agora um perfeito socialismo burguês, com crises econômicas, burguesia e tudo o mais. E isto não podia deixar de ter uma representação correspondente na consciência dos dirigentes revisionistas.

A marcha do regime soviético, com a restauração completa de todas as leis e categorias próprias do capitalismo (na economia, na política e em toda sociedade), tem a virtude de transformar o invólucro marxista que encobre a ideologia revisionista num incômodo a cada dia maior às elites soviéticas. A traição aos princípios da doutrina proletária é aberta, a máscara cai.

Com o pleno restabelecimento

da burguesia no país é a própria ideologia pequeno-burguesa que tem de ser ultrapassada. Neste sentido, se tiver tempo histórico para cumprir até o fim sua trajetória inglória, o revisionismo soviético tende a percorrer no plano das idéias um caminho análogo ao da social-democracia - que, em 1959, já plenamente desmoralizada e com um rubor capitalista bem nítido, optou por desertar formalmente o marxismo.





SOVIETS: UM MILHÃO DE VEZES MAIS DEMOCRÁTICOS

Rogério Lustosa *

Nos últimos meses Gorbachev tem feito alarde das mudanças promovidas nas regras eleitorais e na estrutura de poder da URSS. O sistema soviético, implantado pela revolução de 1917, cedeu lugar a um Congresso dos Deputados do Povo- semelhante aos parlamentos ocidentais- e restaurou-se a separação entre Legislativo e Executivo, com a criação do cargo de presidente da República.

A imprensa burguesa não esconde sua satisfação com a novidades. Jornais e revistas estampam manchetes categóricas: "Pela primeira vez realizam-se eleições realmente livres desde 1917"; termina a era de dizer amém às ordens de partido, "fim do monolitismo do Estado Soviético"; "agora se pode falar num Parlamento com algum grau de legitimidade; a revolução da *perestroika* avança".

A derrota fragorosa de boa parte dos candidatos indicados pelo

PCUS- como Yuri Solovyev, dirigente em Leningrado e membro do Bureau Político do Comitê Central que, apesar de concorrer sozinho no seu distrito, não alcançou o mínimo de 50% do votos-foi saudada como uma maravilha de democracia. O grande herói é Boris Yeltsin, dissidente, destituído da direção do partido em Moscou e, agora, consagrado por 89% dos eleitores no pleito do último dia 26 de março. Segundo os comentaristas ele será o líder dos "progressistas, que não se limitam a aprovar o que diz a direção" contra o *aparatus* burocrático.

O que tem de democrático, renovador ou progressista nestas mudanças? O que representou o sistema dos *soviets* e qual o papel do partido na construção do socialismo na URSS?

Um novo Poder

A revolução socialista de 1917 realizou-se sob o lema de "todo poder aos *soviets*". A classe operária, vitoriosa, não podia apoiar-se nas velhas instituições burguesas ultrapassadas. Precisava, se-

gundo indicação de Marx, destruir o Estado existente e construir uma nova base, mais avançada, que permitisse ao trabalhador participar efetivamente do poder e da administração da nova sociedade. O partido bolchevique se apoiou num organismo criado espontaneamente pelas próprias massas desde a revolução de 1905: os *soviets*.

Lênin dizia que os *soviets* constituem "um poder aberto a todos, que atuam às vistas das massas, acessível às massas, emanado diretamente das massas, órgão direto das massas populares e executor de sua vontade". Os *soviets* eram organizados pelos trabalhadores por unidade de produção, nas fábricas, nas cooperativas, nas empresas ou nas unidades do Exército.

Os *soviets* surgiram como órgãos de representação direta dos trabalhadores. Um mecanismo de fácil acesso a todos que, estruturado em plano nacional, se transformou em instrumento de decisão e aplicação das diretrizes do Estado. Cada *soviet* tornou-se

* Membro do Conselho Editorial da *Princípios*

uma partícula do poder em sua área de atividade, o *soviet* era o poder estatal - Executivo e Legislativo.

Segundo Lênin, "Os *soviets* concentram em suas mãos não só o poder legislativo e o controle do cumprimento das leis mas também a aplicação prática destas, pela atuação de todos os membros dos *soviets*, afim de que todo a população trabalhadora passe, de modo gradual, a desempenhar funções legislativas e de administração pública".

Nos dez primeiros anos do poder soviético, 12,5 milhões de trabalhadores já haviam participado como deputados aos *soviets* em todos os níveis. De 1924 a 1934 a organização alastrou-se velozmente e o número de deputados aos *soviets* multiplicou-se por 12.

A democratização da sociedade afetou radicalmente a vida das mulheres. Em 1917, apenas 12% da população feminina era alfabetizada. Entre as nacionalidades das regiões orientais do país (25 milhões de habitantes), as mulheres eram analfabetas na totalidade. Alguns desses povos tinham ainda o hábito de, na hora do parto, levarem as mulheres para um estábulo, para terem seus bebês sozinhas. No idioma tuveno nem existia a palavra "mulher". Em seu lugar era usado o vocabulo "kereznok", que significava imprestável, desnecessária.

Entre 1922 e 1934, em todo o país, a proporção de mulheres nos *soviets* urbanos passou de 8,5% para 34% e de 1% para 26% nos rurais. Nas nacionalidades orientais, em particular, vencendo séculos de opressão em poucos anos, já em 1936 as mulheres ocupavam 22% dos *soviets* no Uzbequistão e no Azerbaidjão, por exemplo.

Aprender a dirigir

Para permitir uma participação ainda mais maciça dos trabalhadores na direção de seu Estado, formaram-se comissões adjuntas aos *soviets*, com colaboradores para questões específicas, como saúde, educação, transportes etc. Em 1936 haviam, em toda a URSS, quase 400 mil destas comissões em atividade, incorporando 3,6 milhões de pessoas.

Ligadas aos *soviets* rurais surgiram as assembleias de produção agropecuária que, em 1929, agrupavam 2 milhões de camponeses. E ainda, como forma de fiscalizar a atividade do novo poder, desde

1917, criaram-se organizações de controle operário em todos os níveis da administração, eleitas diretamente pelos trabalhadores.

O número de trabalhadores que efetivamente tomava parte nas discussões para escolher os candidatos a deputados aos *soviets* e depois, nas eleições, também cresceu vertiginosamente. No biênio 1924/25, o número de eleitores foi de 37 milhões, aproximadamente. Sendo que metade destes participou das reuniões preparatórias. Em 1934/35 o número de eleitores passou para 77,4 milhões e 85% participaram das assembleias de campanha.

O partido bolchevique insistia que os trabalhadores, ao participarem diretamente das decisões, da aplicação e do controle, aprendiam concretamente a administrar as empresas e a dirigir o seu país. Os comunistas declaravam "obsoleta, abjeta, repugnante, a idéia de que só os exploradores podem governar o Estado".

Vale ressaltar que o processo eleitoral era absolutamente distinto do pleito burguês. Aparentemente, pela variedade de candidatos no sistema capitalista, o eleitor tem liberdade de escolha. Mas o poder econômico e, muitas vezes, a própria legislação eleitoral impedem, na prática, que os trabalhadores se candidatem, ou que tenham suas organizações legalizadas, ou que saibam de fato em quem votar.

Marx já dizia, no século passado, que a eleição burguesa é a ocasião em que, de tempos em tempos, os capitalistas oferecem aos trabalhadores a oportunidade de votar neste ou naquele membro da classe dominante, que vai representar e reprimir o povo no próximo período.

Em contrapartida, num curto período de revolução socialista, quando se reuniu o I Congresso dos *Soviets* da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1922, os operários já eram 44% de seus membros e os camponeses 27%.

Democracia Real

A eleição dos *soviets* era feita pelos operários e camponeses em seu local de trabalho. Discutiam programas e nomes em várias assembleias. Com base nos debates, o partido, destacamento organizado e de vanguarda da classe operária, indicava os candidatos. A votação era, assim, o coroamento de um rico

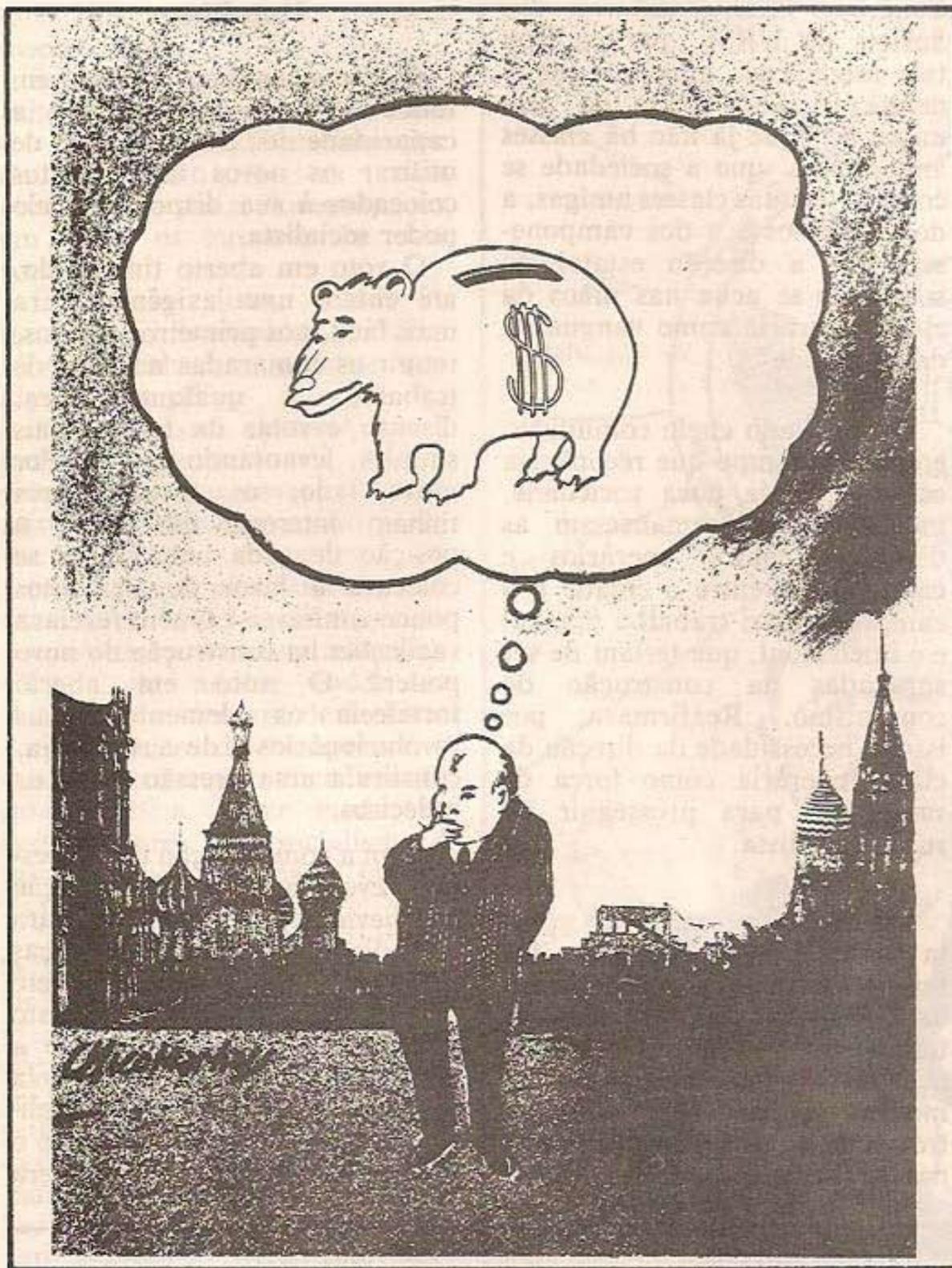
processo de democracia direta. E, logicamente, em geral, resultava numa aprovação quase unânime dos nomes discutidos e apontados nas reuniões - o que sempre causou a mais viva indignação dos defensores da farsa eleitoral capitalista.

O partido bolchevique valorizava as reuniões preparatórias e a participação do maior número de trabalhadores, para que fossem indicados candidatos com idéias avançadas e efetiva representatividade junto às massas. Ao contrário das calúnias até hoje espalhadas pelos inimigos do socialismo, eram inúmeras as advertências dos dirigentes revolucionários no sentido de que o partido não deveria jamais impor suas propostas e candidatos aos trabalhadores. Os dados são bastante expressivos: em 1934, por exemplo, a proporção de comunistas nos *soviets* urbanos era de 45,3% e de 18,9% nos *soviets* rurais.

Lênin conclamava os trabalhadores: "És um operário? Queres lutar para libertar a Rússia de um punhado de policiais opressores? Então és nosso camarada. Elege teu deputado. Elege-o imediatamente, como for mais fácil. Nós o receberemos satisfeitos como membro com plenos poderes em nosso *soviet* de deputados operários".

E acrescentava: "Mesmo no Estado burguês mais democrático o povo oprimido tropeça a cada passo com a flagrante contradição entre a igualdade formal proclamada pela democracia dos capitalistas e as mil limitações e subterfúgios reais que convertem os proletários em escravos assalariados". Com o aparecimento do poder soviético, dizia ele, "a época do parlamentarismo democrático-burguês terminou e abre-se um novo capítulo da história universal: a época da ditadura do proletariado. (...) O poder soviético é um milhão de vezes mais democrático do que a mais democrática das repúblicas burguesas".

Mas não terminavam aí as vantagens do sistema soviético. A representação nestes órgãos de poder não se tornava uma profissão ou uma fonte de polpudas rendas, como acontece em geral com os deputados e outros cargos do aparato burguês. E o mandato não se



transformava num privilégio para os eleitos.

O deputado ao *soviet* continuava trabalhando na empresa onde estava ao ser escolhido, recebendo o mesmo salário. O *soviet* se reunia duas vezes por ano, para discutir e aprovar as orientações gerais. Entre estas reuniões funcionavam Comissões Executivas - escolhidas pelo pleno do *soviet* - para tratar do dia-a-dia. Cada deputado podia, a qualquer momento, ser destituído por seus eleitores, caso não cumprisse a contento a tarefa que lhe foi confiada.

O direito de revogação sempre foi exercido pelos trabalhadores, que revelavam interesse e vigilância pelos negócios de seu Estado socialista. De 1931 a 1934, na Federação Russa, 18% dos deputados aos *soviets* urbanos foram demitidos por seus eleitores.

Estado Diferente

Os adversários do socialismo, para disfarçar seus propósitos, tentam combater a construção do poder proletário utilizando-se de frases pinçadas dos teóricos marxistas. É muito comum, por exemplo, aparecerem filisteus proclamando que a indicação de Marx e Engels, de que o Estado deveria ir se extinguindo com o desenvolvimento socialista, não foi observada por Stálin, que teria criado um "aparato monstruoso".

A falcatrua, entretanto, não resiste à menor brisa. Eles imaginam, ou melhor, pretendem que, ao tomar o poder, o proletariado passe imediatamente a definhar os instrumentos estatais. E, com isto, torne as coisas fáceis para a restauração do sistema capitalista derrotado.

O Estado, na formulação marxista, é sempre uma máquina

de opressão de uma classe por outra. Engels mostrava, entretanto, que o Estado do proletariado já começa a deixar de ser um Estado propriamente, uma vez que representa a imensa maioria e exerce coação apenas sobre uma minoria - os antigos exploradores. Na medida em que incorpora mais e mais as grandes massas trabalhadoras na direção e administração, a ditadura do proletariado se torna mais forte, em relação à burguesia, e, ao mesmo tempo o Estado se torna mais democrático em relação aos operários e camponeses. O Estado não é abolido, se extingue, na medida em que suas instituições não têm mais o que fazer como poder de coação contra quem quer que seja.

Lênin indica com muita clareza esta relação dialética entre o fortalecimento e a extinção do Estado: "A partir do momento em que todos os membros da sociedade, ou pelo menos a imensa maioria deles, tenham aprendido a dirigir eles próprios o Estado, tenham tomado os negócios do Estado em suas próprias mãos, tenham organizado o controle (...) a partir desse momento começará a desaparecer a necessidade de toda a administração em geral".

Enquanto não se chega a esta fase superior do comunismo, diz Lênin, será necessário "o mais rigoroso controle por parte da sociedade e por parte do Estado, sobre a medida do trabalho e a medida do consumo". Este controle será levado a cabo, acrescenta, "pela organização armada dos operários e camponeses - os *soviets*".

Direitos Eleitorais

A democratização do Estado do proletariado não se restringiu à incorporação de quantidade tão expressiva de trabalhadores aos órgãos de poder. Em 1936 foi aprovada uma nova Constituição, cujo projeto passou cinco meses sendo discutido pela população. A nova Carta Magna introduziu o voto secreto em lugar do voto aberto que vigorava até então; o pleito indireto, para os *soviets* de nível superior, foi substituído pelo voto direto; o direito de votar e de ser votado foi estendido a todos os cidadãos soviéticos.

Josef Stálin justificou que, logo ao se realizar a revolução socialista, em 1917, "o poder soviético privou de direitos eleitorais os elementos não trabalhadores e exploradores, mas não permanentemente, apenas provisoriamente, durante certo período". O poder soviético já tinha adquirido maior estabilidade e muitos elementos hostis aos trabalhadores estavam neutralizados ou mesmo tinham mudado de posição.

Ele acrescentou: "Se aqui e ali o povo eleger homens hostis, isto quer dizer que nosso trabalho de agitação não vale nada e que merecemos semelhante vergonha; se, pelo contrário, o nosso trabalho de agitação for feito à maneira bolchevique, o povo não deixará que os elementos hostis se instalem nos órgãos supremos. Por conseguinte, é preciso trabalhar e não gemer".

É bom ressaltar que, embora a burguesia fizesse enorme alarido em relação a restrição, mesmo temporária, dos direitos eleitorais, em 1923, nas cidades, ela atingia apenas 8,2% da população e em 1934 este número já havia se reduzido para 2,4%.

Stálin, em 25 de novembro de 1936, no informe ao VIII

Congresso Extraordinário dos Soviets da URSS que realizou tais mudanças, mostrou que a democratização partia da premissa de "que já não há classes antagônicas, que a sociedade se compõe de duas classes amigas, a dos operários e a dos camponeses, que a direção estatal da sociedade se acha nas mãos da classe operária como vanguarda da sociedade".

O destacado chefe comunista, ao mesmo tempo que reconhecia os avanços da nova sociedade, indicava que permaneciam as diferenças entre operários e camponeses, entre a cidade e o campo, entre o trabalho manual e o intelectual, que teriam de ser superadas na construção do comunismo. Reafirmava por isso, a necessidade da direção da classe operária como força de vanguarda para prosseguir no rumo socialista.

Atitude diametralmente oposta é a de Gorbachev e dos revisionistas em geral, que falam demagogicamente em "Estado de todo o povo" e nos "interesses maiores da humanidade", ao mesmo tempo que mandam tropas para reprimir os protestos nacionalistas em toda a URSS.

Voto Direto

A aprovação do voto direto em todos os níveis refletia a capacidade dos trabalhadores de utilizar os novos instrumentos colocados à sua disposição pelo poder socialista.

O voto em aberto tinha sido, até então, uma exigência. Era mais fácil, nos primeiros tempos, reunir os camaradas no local de trabalho, a qualquer hora, discutir e votar da forma mais simples, levantando a mão. Por outro lado, os trabalhadores tinham interesse em saber a posição de cada um. Quem se colocava a favor de elementos pouco confiáveis? Quem revelava vacilações na construção do novo poder? O voto em aberto fortalecia os elementos mais revolucionários e, de certa forma, constituía uma pressão sobre os indecisos.

Com a consolidação do processo revolucionário a agitação bolchevique era suficiente para impedir o crescimento de forças adversas. E o voto direto aperfeiçoava a democracia. Isto tudo era feito, pasmem, sob a direção de Stálin, tratado pela *perestroika*, e pela intelectualidade burguesa ocidental, como o terror dos terrores, como a fera



que não admitia qualquer discrepância.

Agora, entretanto, o grande êxito apregoado pela *perestroika* é o fato de cada dia os inimigos do socialismo ficarem mais ousados e terem maiores espaços em todos os terrenos da vida soviética.

Em vista disto, onde as mudanças introduzidas por Mikhail Gorabachev representam algum avanço?

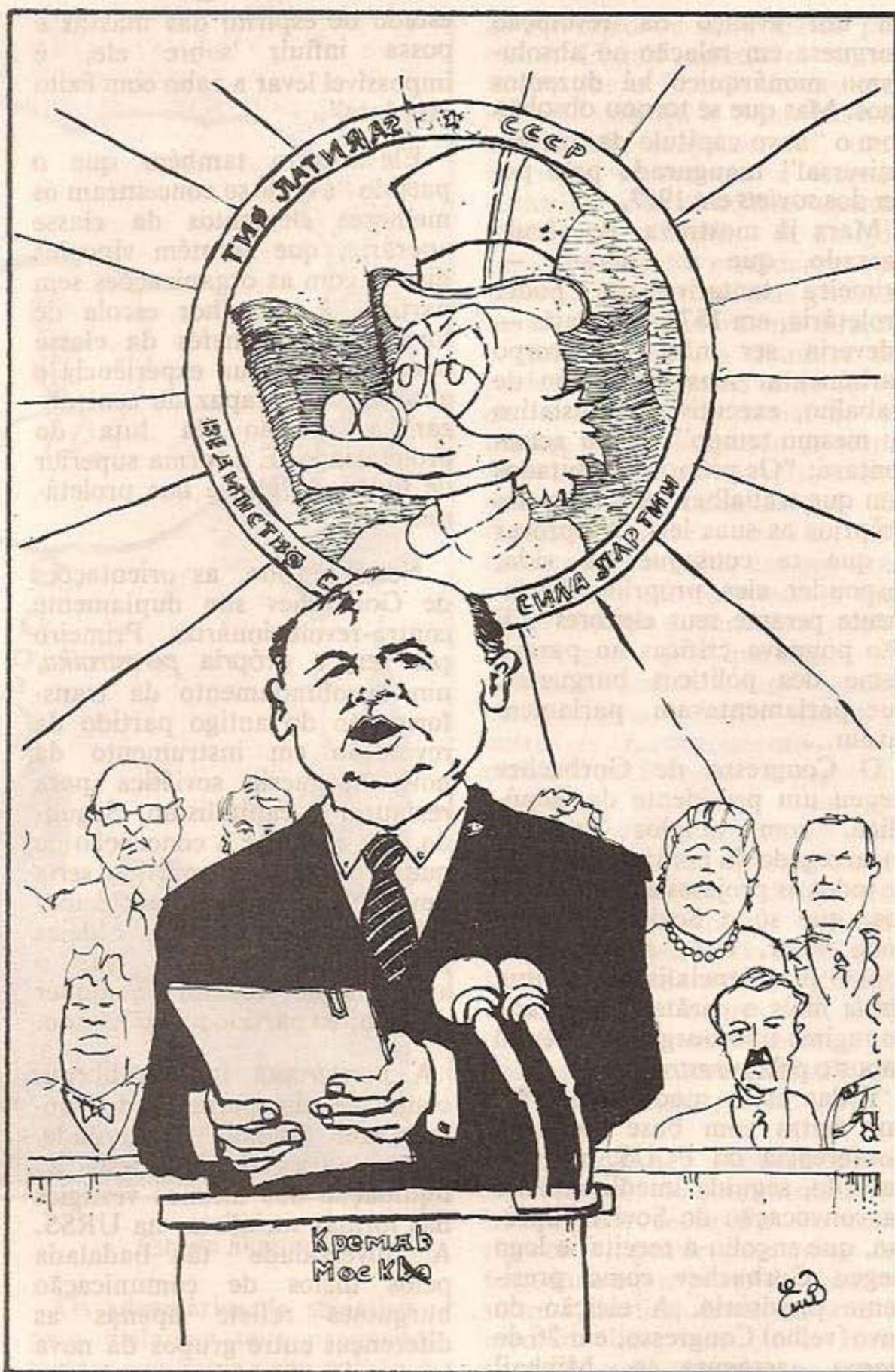
“O processo eleitoral, pela primeira vez é livre”, diz a propaganda burguesa: por permitir a participação dos dissidentes. A liberdade é, no caso, de falar e agir abertamente no sentido de acelerar as transformações de caráter capitalista na URSS, de adotar todos os modismos ocidentais, de facilitar a penetração das empresas e capitais estrangeiros na economia soviética. Deste modo, os trabalhadores e o socialismo é que têm sua liberdade sacrificada.

Na época do socialismo, como já vimos, os *soviets* realizavam ricos debates preparatórios das eleições, com ampla participação dos trabalhadores - tanto para tratar das propostas sobre a linha política e as orientações econômicas como para escolher os nomes mais representativos a serem indicados como candidatos. E expressavam-se livremente opiniões diferentes nas assembleias.

Mas o poder proletário, até mesmo para sua mínima conservação, não podia obviamente tolerar a propaganda contra-revolucionária, a pregação contra o socialismo e a favor da exploração capitalista, a projeção de elementos inimigos do partido da classe operária e a favor dos privilégios burgueses. Esta “liberdade” equivaleria ao suicídio do sistema soviético socialista.

Volta ao Passado

E a restauração do Parlamento? Gorbachev liquidou o sistema onde o poder central era exercido pelo Soviet Supremo, composto por duas Câmaras, com poderes equivalentes, cada uma com 750 deputados escolhidos em eleições diretas — o Soviet da União, para tratar dos interesses gerais dos trabalhadores, e o Soviet das Nacionalidades, dedicado principalmente a preservar a igual-



dade entre as nações participantes da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. As leis e normas, para serem aprovadas, tinham que passar nas duas casas.

Agora, 1/3 dos membros do Congresso dos Deputados do Povo é escolhido pelas repúblicas — refletindo já uma perda de representatividade das diversas nacionalidades. O que se torna mais grave quando ocorrem conflitos acirrados por todo lado, inclusive com intervenção de tropas e com dezenas de mortos.

Outra parte, 1/3 também, é escolhida por organizações políticas e culturais de âmbito nacional. Eleição indireta, portanto. O próprio PCUS se reserva 100 cadeiras cativas, por este

processo. E as demais organizações nacionais, muito distantes do povo, completam estas vagas.

Finalmente, 1/3 dos membros é eleito nos *soviets*. Que também perdem força. Deixa de existir, na prática, o Soviet da União.

Os 2.250 membros do tal Congresso do Povo escolhem um Soviet Supremo (só o nome é igual ao antigo órgão), com 554 participantes, que funcionará permanentemente, nos moldes ocidentais. Cria-se, assim, um corpo de “políticos” que, como conhecemos muito bem, só voltará a seus redutos nas épocas eleitorais, para “renovar” amizades e pedir votos.

Mais do que isto, a reforma retoma a divisão de poderes entre o Legislativo e o Executivo — que

foi um avanço da revolução burguesa em relação ao absolutismo monárquico há duzentos anos. Mas que se tornou obsoleta com o "novo capítulo da história universal" inaugurado pelo poder dos *soviets* em 1917.

Marx já mostrava, no século passado, que a Comuna — primeira tentativa do poder proletário, em 1871, em Paris — "deveria ser não um corpo parlamentar mas um corpo de trabalho; executivo e legislativo ao mesmo tempo". Lênin acrescentava: "Os próprios deputados têm que trabalhar, executar eles próprios as suas leis, comprovar o que se consegue na vida, responder eles próprios diretamente perante seus eleitores". E não poupava críticas ao parasitismo dos políticos burgueses, que parlamentavam, parlamentavam...

O Congresso de Gorbachev elegeu um presidente da República, com amplos poderes, encarregado da política externa e de todos os projetos administrativos, que só o Soviet Supremo pode vetar. Esta aproximação com o presidencialismo acentua ainda mais o caráter retrógrado do regime tipo burguês-ocidental imposto pela *perestroika*.

Todas estas modificações foram feitas com base em uma Conferência do PCUS, no ano passado, seguida imediatamente da convocação do Soviet Supremo, que engoliu a receita, e logo elegeu Gorbachev como presidente provisório. A eleição do novo (velho) Congresso, em 26 de março, assegura a Mikhail Gorbachev um mandato de cinco anos como presidente todo-poderoso da URSS.

Por fim, não se pode deixar de comentar o que está sendo qualificado como "grande avanço": o repúdio, pelos eleitores, dos dirigentes indicados pela direção do PCUS como candidatos ao Congresso.

Alavanca Imprescindível

Lênin é absolutamente incisivo quanto à questão da necessidade do partido do proletariado, unido e disciplinado, para a construção do socialismo. Sem um partido assim, diz ele, "que goze da confiança de tudo que exista de honrado dentro da classe, sem um partido que seja o pulsar do

estado de espírito das massas e possa influir sobre ele, é impossível levar a cabo com êxito esta luta".

Ele mostra também que o partido "é onde se concentram os melhores elementos da classe operária, que mantém vínculos diretos com as organizações sem partido, é a melhor escola de formação dos chefes da classe operária, pela sua experiência e autoridade, é capaz de centralizar a direção da luta do proletariado. É a forma superior de união da classe dos proletários".

Neste sentido, as orientações de Gorbachev são duplamente contra-revolucionárias. Primeiro por ser, a própria *perestroika*, um aprofundamento da transformação do antigo partido da revolução em instrumento da nova burguesia soviética para restaurar o capitalismo. Segundo, por espalhar a concepção de que o prestígio do partido seria uma coisa negativa, antidemocrática. E alimentar idéias pequeno-burguesas de que o avançado é rejeitar qualquer direção, do partido ou do Estado.

A *perestroika* faz de liberais como Yeltsin símbolos do progressismo quando, na verdade, são baluartes da burguesia na liquidação dos últimos vestígios das formas socialistas na URSS. A "diversidade" tão badalada pelos meios de comunicação burgueses reflete apenas as diferenças entre grupos da nova burguesia encastelada no poder na URSS, a exemplo do que acontece nas democracias capitalistas ocidentais.

Para a pequena burguesia, a organização do partido aparece como uma violência contra a individualidade. O fato da sociedade socialista adotar o centralismo democrático, que preconiza a submissão da minoria à maioria, é qualificado como monstruosidade. O planejamento estatal, sob direção da organização de vanguarda da classe operária, é taxado como tentativa de fazer dos homens simples engrenagens de máquinas.

Desde a revolução de 17, os oportunistas tentavam separar o partido bolchevique do poder socialista. "Soviets sem comunis-

tas", diziam. Manter a "independência" do aparato estatal em relação ao partido era uma obsessão pequeno-burguesa.

Lênin rebatia com ênfase os ataques à organização revolucionária: "O partido, como destacamento de vanguarda da classe operária, deve exercer a direção geral de todos os organismos do Estado". E ainda: "O partido deve levar à prática suas decisões pelo conduto dos *soviets* e nos marcos da Constituição soviética. O partido se esforça para dirigir a atividade dos *soviets* e não por suplantá-los".

Presença Operária

Para cumprir sua missão revolucionária, o partido bolchevique cuidava permanentemente do fortalecimento ideológico de suas fileiras e de seu enraizamento entre as massas. Esforçava-se para incorporar os trabalhadores avançados e, ao mesmo tempo, para afastar os elementos corrompidos.

Em 1921, por orientação de Lênin, o partido empreendeu uma vigorosa campanha para afastar de seus organismos elementos arrivistas, oportunistas, que tinham penetrado no seu interior em busca de privilégios e favores pessoais. Com isto, 159 mil filiados foram afastados — cerca de 24% do total de membros. E foi estabelecido maior rigor na admissão de novos militantes.

Tanto o processo de depuração dos oportunistas como o ingresso de novos militantes eram feitos abertamente em assembleias nas fábricas e outras unidades de trabalho, com ampla participação dos operários sem partido. As massas acompanhavam atentamente o processo de construção de seu partido. E contribuíam com suas críticas e sugestões na indicação dos elementos avançados e condenação dos pelegos infiltrados.

"Não é comunista - dizia Lênin - aquele que não sabe aglutinar ao seu redor vários operários honestos sem partido, estabelecer com eles uma convivência cotidiana, visitá-los em suas casas, ajudá-los na vida diária, proporcionar-lhes jornais periódicos e promover, dentre eles, trabalhadores para os *soviets* e sindicatos".

Em 1924, 350 mil trabalhadores pediram ingresso no partido bolchevique e, fruto da discussão nas empresas, 242 mil foram admitidos. A proporção de operários no partido cresceu muito, foi para 60% do total de membros. Em 1927 outros 108 mil - 82% operários fabris - incorporaram-se ao destacamento de vanguarda da revolução. Em 1930, 66% dos militantes do partido eram operários e 20% camponeses.

A preocupação permanente com a composição operária do partido, a firmeza ideológica e unidade política de seus militantes, sua vinculação estreita com os trabalhadores sem partido, garantiam o enorme prestígio dos comunistas entre as grandes massa populares. É flagrante o contraste entre esta organização de vanguarda, instrumento eficaz da revolução, e o agrupamento político, ideológico e moralmente decadente de Gorbachev, Yeltsin e companhia.

Avanço para trás

Em suma, os dados da realidade comprovam largamente a imensa superioridade do poder proletário, apoiado nos *soviets* e dirigido pelo partido de vanguarda da classe operária, sobre o parlamentarismo burguês.

A chamada democracia burguesa oferece ao trabalhador a chance de votar em dezenas de candidatos para cada vaga - em geral políticos das classes dominantes - e expõe uma infinidade de partidos - em geral também controlados pelos ricos.

Nesta suposta variedade, os partidos e lideranças populares aparecem formalmente, já que o poder econômico e mil normas eleitorais reduzem as suas reais oportunidades de chegar ao poder a quase nada. Os muitos candidatos e partidos são apenas muitas faces das mesmas classes dominantes, divididas em grupos e camadas. Esta "democracia" é uma ditadura da minoria sobre a imensa maioria.

O verdadeiro poder soviético, enquanto existiu na URSS agia ao contrário. As normas em todos os terrenos asseguravam a participação, as decisões e o controle da política e da economia pelos trabalhadores,

sob a direção de sua organização revolucionária. Garantia a mais completa liberdade aos construtores do novo mundo, sem explorados e sem exploradores. Mas, como não podia deixar de ser, exercia rigoroso controle sobre os patrões, que, embora derrotados, jamais desistiram de restaurar a opressão capitalista - e sempre contaram com o apoio do capital internacional nas suas arremetidas.

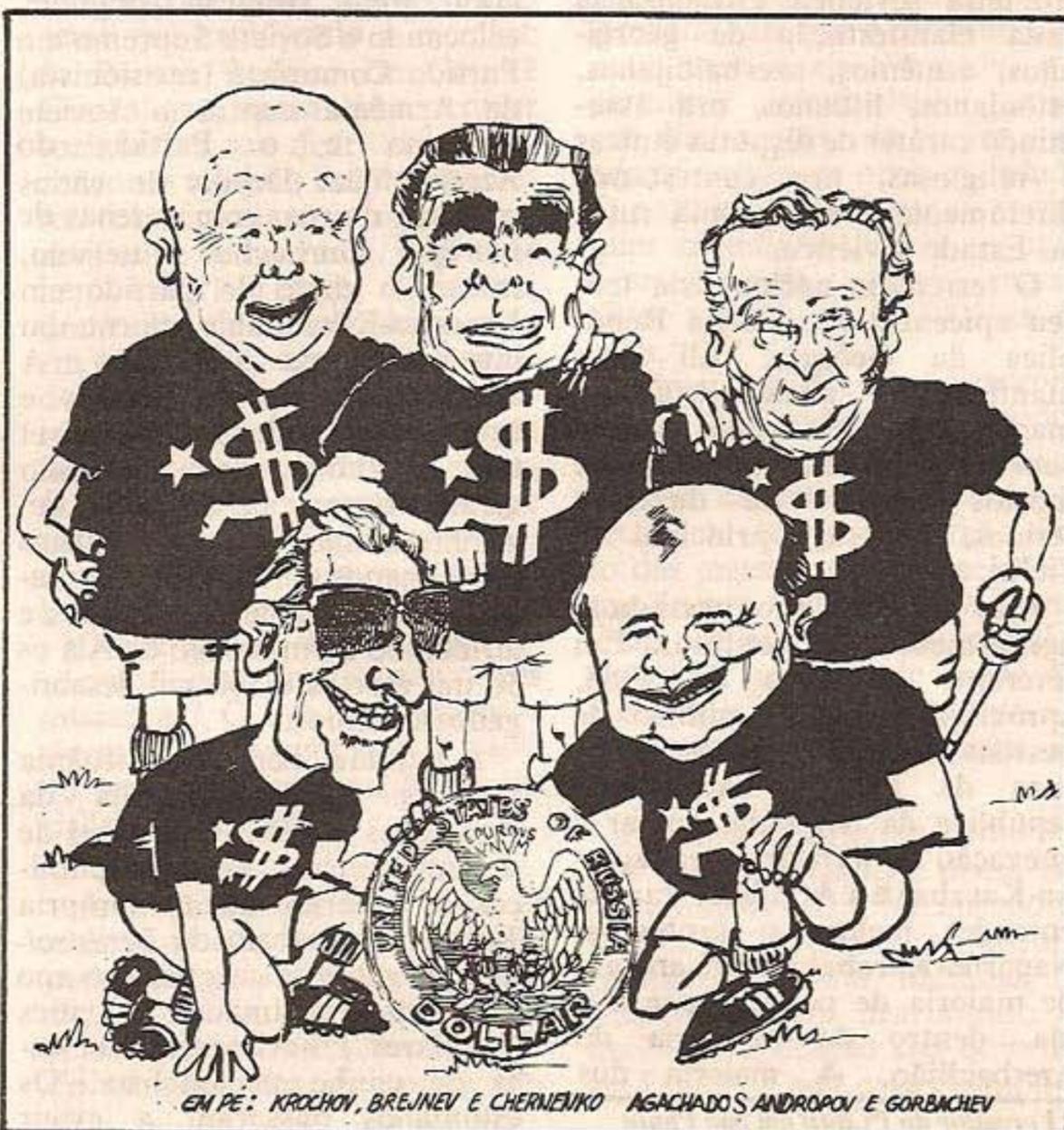
As conquistas revolucionárias do proletariado, e o árduo trabalho de construção do socialismo durante quatro décadas, começaram a ser destruídos com o assalto dos revisionistas,

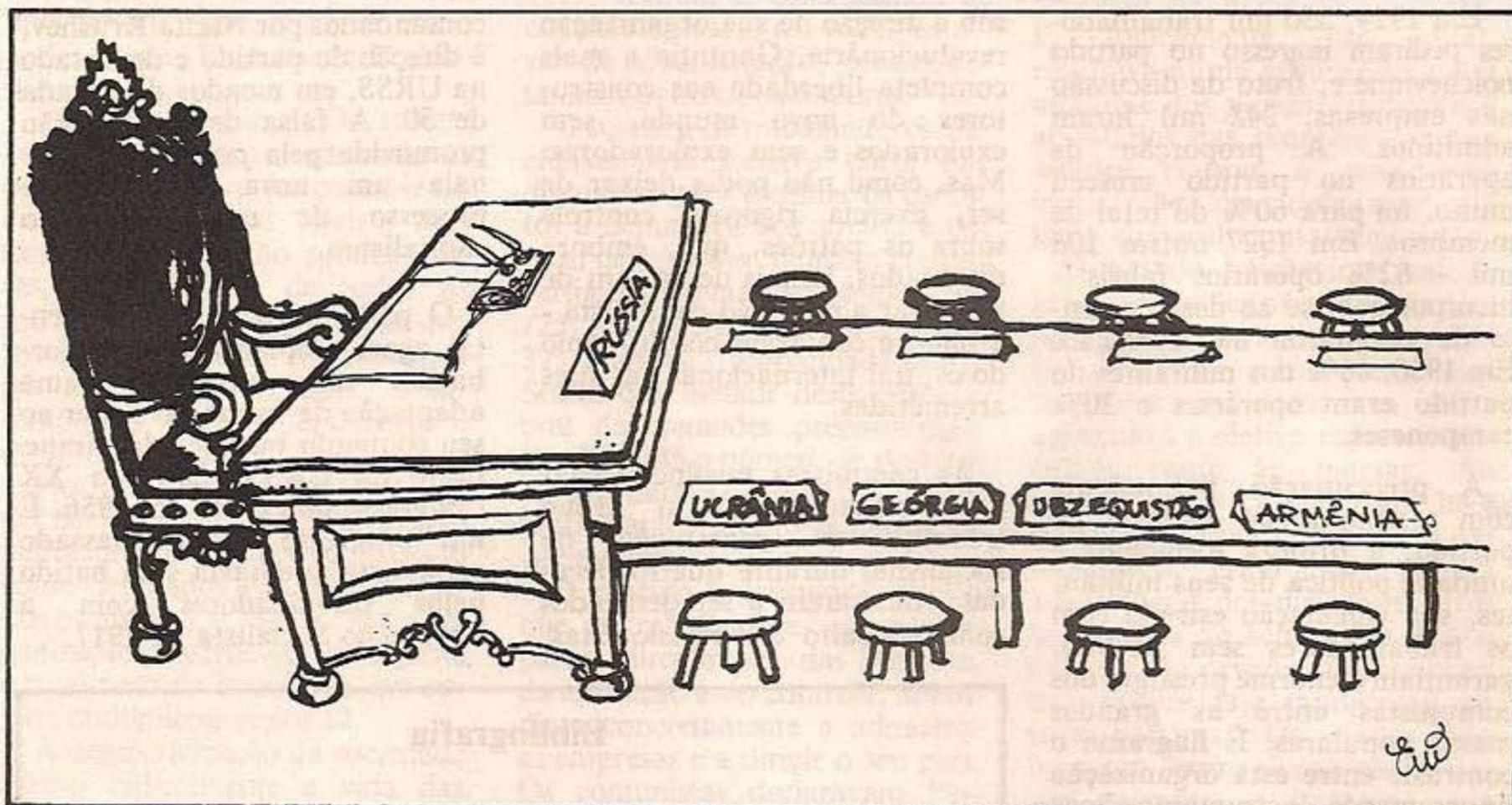
comandados por Nikita Krushev, à direção do partido e do Estado na URSS, em meados da década de 50. A falsa democratização promovida pela *perestroika* assinala um nova etapa neste processo de restauração do capitalismo.

O parlamento de tipo ocidental agora implantado por Gorbachev não passa de uma adaptação da forma do poder ao seu conteúdo burguês, já imperante na URSS, desde o XX Congresso do PCUS, em 1956. É um "progresso" rumo ao passado capitalista que havia sido batido pelos trabalhadores com a Revolução Socialista de 1917.

Bibliografia

- As vitórias dos democratas constitucionais e as tarefas do partido operário - Lênin
- As tarefas imediatas do poder soviético - Lênin
- Como deve organizar-se a emulação - Lênin
- O Estado e a revolução - Lênin
- A revolução proletária e o renegado Kautsky - Lênin
- Poderão os bolcheviques manter o poder? - Lênin
- Esquerdismo, doença infantil do comunismo - Lênin
- Informe ao VI Congresso dos Soviets de toda a Rússia - Lênin
- As tarefas do movimento operário feminino na República Soviética - Lênin
- informa sobre o projeto de Constituição - VII Congresso extraordinário dos soviets da URSS - Stálin





A *perestroika* ressuscitou o chauvinismo grão-russo

Aldo Rebelo *

A rebelião nacionalista abala a União Soviética e espanta o mundo. Dos Bálcãs ao Cáucaso a fronteira soviética estremece a cada manifestação de georgianos, armênios, azerbaijanos, estonianos, lituanos, ora assumindo caráter de disputas étnicas e religiosas, ora contestando diretamente a hegemonia russa no Estado soviético.

O terremoto nacionalista teve seu epicentro recente na República da Geórgia. Ali uma manifestação nacionalista foi massacrada por tropas russas com um resultado de dezenove mortos e mais de duzentos feridos, na praça principal de Tbilisi, a capital.

Mas data do ano passado o agravamento dos conflitos. Em fevereiro e março de 1988, aproximadamente 1 milhão de pessoas foram diariamente às ruas de Erivan, capital da república da Armênia, apoiar a anexação do território de Nagorno-Karabakh à Armênia. Para se entender melhor o problema, Nagorno-Karabakh é um enclave de maioria de população armênia, dentro do território do Azerbaijão. A maioria dos

armênios de Nagorno-Karabakh quer o retorno à administração armênia, o que não é desejado pelo Azerbaijão. A disputa criou uma situação singular, colocando o Soviete Supremo e o Partido Comunista (revisionista) da Armênia contra o Soviete Supremo e o Partido do Azerbaijão. Depois de vários conflitos de rua, com dezenas de mortos, Gorbachev interveio, retirou o chefe do partido em Nagorno-Karabakh e colocou um interventor em seu lugar. A animosidade entre armênios e azerbaijanos chegou a tal nível que quando um terremoto arrasou o norte da Armênia, dezembro último, os azerbaijanos muçulmanos saíram às ruas de Baku (capital) festejando o desastre e atribuindo a um castigo de Alá os 50 mil mortos e 500 mil desabrigados armênios.

A Estônia, Letônia e Lituânia são as mais ocidentais da repúblicas soviéticas. O nível de desenvolvimento dessas repúblicas é superior ao da própria Rússia. No embalo da *Perestroika* e da *glasnost* surtiram no ano passado as chamadas "Frentes Populares", movimentos de massa de cunho nacionalista. Os estonianos passaram a exigir

liberdade de comércio exterior e fuso-horário diferente para os países bálticos; o movimento "Perestroika na Lituânia" reivindicou mais autonomia e alguns chegaram a levantar a separação do país da URSS; na Letônia os manifestantes pleitearam o uso do idioma nacional.

Moscou agiu no caso das repúblicas bálticas como no Cáucaso: com cautela, mas sem abrir mão da autoridade e da posição de árbitro. Consentiu que as repúblicas bálticas voltassem a usar as bandeiras nacionais de antes de 1940 (data da incorporação à URSS); devolveu a catedral de Riga, capital da Letônia, aos luteranos, e mesmo fazendo em Vilna (Lituânia), com a catedral católica.

Quando a arqui-reacionária Igreja Ortodoxa da Rússia comemorou seus mil anos (maio de 1988), o patriarca Pimen não supunha que o próprio Gorbachev participasse pessoalmente dos festejos, transmitidos glamorosamente em cadeia de televisão.

No caminho de Lênin

Quais as origens dos atuais conflitos? Qual a sua natureza de classe e a quem servem? As

* Vereador do PCdoB em São Paulo

reivindicações nacionais dos povos que compõem a União Soviética devem receber o apoio das forças revolucionárias e progressistas do mundo?

Tal discussão torna-se importante porque os atuais defensores da *perestroika* procuram atribuir as rebeliões nacionalistas ao que chamam de "erros" e mesmo "crimes" cometidos por Josef Stálin à frente do Estado soviético. Mas há uma outra possibilidade, que procuraremos provar, de que a gênese da conflagração nacional deve-se exatamente ao contrário, ou seja, ao abandono da política, em essência correta, com que o Estado soviético tratou o problema das nacionalidades, não apenas no período de Stálin, mas desde o advento da revolução bolchevique, sob a direção de Lênin.

Todo o edifício da política para as nacionalidades seguida pelo Estado soviético na época de Stálin foi planejado e erigido por Lênin, com a ajuda importante do próprio Stálin em freqüentes e exaustivas discussões no seio do partido bolchevique.

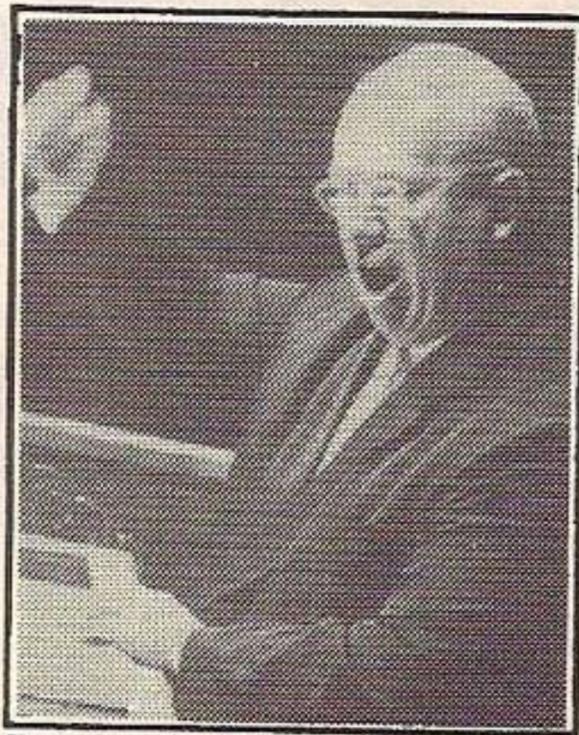
De Lênin são os escritos polêmicos em resposta a Rosa de Luxemburgo, que contestava o artigo "9" no programa do Partido Operário Social - Democrata da Rússia (POSDR), que garantia "a todas as nacionalidades que compõem o Estado, o direito à autodeterminação". Rosa de Luxemburgo não via como esse artigo pudesse ser aplicado sem que os revolucionários terminassem sendo caudatários das oligarquias dos países subjugados, que também levantavam a bandeira da autonomia nacional. Ao contestar Rosa de Luxemburgo, Lênin lembrava à grande revolucionária que, no afã de não servir aos interesses das classes dominantes da Polônia — Rosa era de origem polonesa, embora naturalizada alemã, e contestava o próprio direito da Polônia à autodeterminação — ela se esquecia das classes dominantes da Rússia, interessadas na manutenção da dominação sobre a Polônia.

De Stálin é o artigo de 1913 ("O marxismo e a questão nacional"), publicamente elogiado por Lênin, em mais de uma ocasião, e que serviu e ainda serve de referência para as discussões marxistas sobre o assunto.

Por diversas vezes o próprio Lênin levantou o problema da defesa da autonomia nacional, argumentando que os bolcheviques jamais conquistariam o apoio, ou mesmo o respeito e a confiança das massas trabalhadoras dos países dominados pelo império russo, se não deixassem bem clara sua posição de princípio contra toda opressão nacional.

Como, ao menos por enquanto, não é a Lênin que se dirigem os ataques históricos da burguesia de todo o mundo, concentremos a nossa atenção na orientação e nas opiniões de Stálin sobre como resolver os problemas nacionais, e no resultado concreto dessa política.

Em 1917, na VII Conferência Pan-russa do POSD (b), Stálin é encarregado do relatório à conferência sobre a questão nacional. Defende o direito dos povos à separação; autonomia regional para as nacionalidades que decidam fazer parte de um mesmo Estado; leis especiais que garantam o livre desenvolvimento das minorias nacionais, polemizando com Piatakov e Dzherzhinski que diziam ser "todo movimento nacional um movimento reacionário". Stálin deu o exemplo da Irlanda, que lutava pela independência frente à Inglaterra. Cumpre acrescentar aqui que Marx e Engels foram firmes defensores da soberania da Irlanda sem se preocuparem com isso em "fortalecer" as oligarquias nacionalistas da Irlanda nem obscurecer o sentimento de classe do proletariado irlandês.



Tudo começou com Nikita Kruschev

Em dezembro de 1917, depois, portanto, da revolução vitoriosa, Lênin assinou o protocolo de independência da Finlândia, contra as objeções de Bukharin, defensor da absurda tese de "independência" apenas para os trabalhadores.

Lênin contestou magistralmente Bukharin, demonstrando na questão concreta da Finlândia a essência da tática leninista. Dizia Lênin que concordar com a independência da Finlândia, mesmo estando à frente daquele país uma camarilha inimiga do poder revolucionário, era a única forma de diferenciar a política bolchevique da política czarista aos olhos do proletariado finlandês. As classes dominantes e o governo finlandês diziam que o governo bolchevique daria continuidade à mesma orientação czarista de opressão nacional na Finlândia e os bolcheviques não tinham outra maneira de demonstrar a farsa das classes dirigentes finlandesas, senão concedendo a autonomia da Finlândia frente à Rússia.

Mais tarde, em 1920, na carta que endereçou aos operários e camponeses da Ucrânia, Lênin demonstrava, mais uma vez com clareza, a política marxista de princípios — para resolver os problemas das nacionalidades. Assim escreveu ele:

"Nós queremos uma união voluntária das nações, uma união que não admita nenhuma violência de uma nação sobre outra, uma união baseada numa confiança absoluta, numa clara consciência de unidade fraternal, num acordo completamente livre. Não é possível realizar uma tal união de repente; até ela é necessário trabalhar com a maior tolerância e prudência para não estragar tudo, para não provocar a desconfiança, para fazer desaparecer a desconfiança deixada por séculos de opressão dos latifundiários e dos capitalistas, de propriedade privada e de hostilidades causadas pelas suas sucessivas partilhas", eis o que dizia o dirigente da revolução bolchevique.

Aos que pensavam em promover de forma artificial, com métodos autoritários e coercitivos, a sovietação das repúblicas não russas, Stálin advertia em 1920: "Não seria preciso demonstrar que esta concepção é radicalmente fal-

sa e nada tem a ver com a política do poder soviético a respeito do problema nacional. A autonomia soviética não é algo abstrato nem inventado, e muito menos deve ser compreendida como uma promessa oca e palavrosa. A autonomia soviética é a forma mais real e mais concreta de união da periferia com a Rússia Central. Ninguém há de negar que a Ucrânia, o Azerbaidijão, o Turquestão, a Quirguízia, a Basquíria, a Tartária e as demais regiões periféricas, que aspiram ao florescimento cultural e material das massas populares, não poderão obtê-lo sem escolas no idioma do país, sem tribunais, sem administração, sem órgãos de poder integrados de preferência por elementos locais".

Uma união livre

Em 1921, ao prestar o informe perante o X Congresso do Partido Comunista da Rússia, Stálin retoma a polêmica sobre a questão das nacionalidades, desta vez com Tchetcherin, comissário do povo para as Relações Exteriores, que contestava a parte do programa que assegurava às repúblicas soviéticas o direito de separação. Stálin refutou a tese de Tchetcherin argumentando o seguinte: "Por se agruparem os Estados soviéticos na Federação à base de livre adesão, o direito de separação fica sem ser utilizado pela vontade dos próprios povos que integram a RSFSR (Stálin não considerou, no artigo, o caso desse direito vir a ser reivindicado por alguma das repúblicas). Mas quando se trata das colônias que se encontram sob o jugo da Inglaterra, da França, da América do Norte, do Japão, de países subordinados como a Arábia, a Mesopotâmia, a Turquia e o Indostão, isto é, de países que constituem colônias da Entente, a palavra do direito dos povos à separação é revolucionária, e deixá-la de lado significa fazer o jogo da Entente".

Vejamos agora o projeto de resolução apresentado por Stálin para a Constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas: "Fundamentar a união sobre a base do princípio da livre adesão e da igualdade de direitos das Repúblicas, reservando a cada uma delas o direito de sair livremente da União de Repúbli-

cas". Eis como em 1922 se forjava a justa política do partido bolchevique.

Essa foi a doutrina da política desenvolvida por Lênin e Stálin, baseada nos princípios marxistas, que permitiram a construção de um poderoso Estado socialista, baseado na união fraternal de povos de distintas nacionalidades e etnias.

Sob esta orientação a União Soviética alcançou grandes vitórias, levou o desenvolvimento, a cultura e o progresso às regiões mais distantes; deu às diversas nacionalidades a possibilidade de desenvolverem sua identidade nacional, sua cultura e seu idioma; demarcou fronteiras até então violadas pelos interesses de rapina dos Estados opressores.

Com base em uma política justa para as diversas nacionalidades, a classe operária e os povos da União Soviética operaram transformações sem precedentes na história da humanidade. A imensa União Soviética foi industrializada e alfabetizada; promoveu-se a coletivização da agricultura; o povo soviético enfrentou e derrotou a assombrosa máquina de guerra de Adolf Hitler, que concentrou contra a União Soviética dois terços de suas melhores divisões.

Quando os capitalistas esperavam que sob o impacto da invasão nazista a unidade soviética se despedaçasse, eis que as hordas alemãs é que se esfacelam diante da inquebrantável unidade e resistência das massas soviéticas em torno do Exército Vermelho, do Partido Comunista da União Soviética e da figura legendária de Josef Stálin.

Alguém pode cobrar "e os erros"? E os "crimes" de Stálin? Em primeiro lugar, nos negamos a admitir que o Partido Comunista da União Soviética, o povo soviético e os revolucionários de todo mundo tivessem um criminoso como seu dirigente de tantas vitórias para as causas da liberdade, do progresso e do socialismo em todo o período de sua vida. Agora, se as classes dominantes de hoje querem transformar em "vítimas" e "heróis" os bandidos que morreram na luta inglória contra a revolução e o socialismo, nada a estranhar. Houve também quem chamasse Robespierre, Danton, George Washington, Simon Bolí-

var e tantos outros de "tiranos" e "assassinos", por se colocarem à frente das transformações exigidas pela história e pelos povos.

Quanto aos erros, naturalmente devem ter existido, em maior e menor gravidade, sem que, no caso, o erro do parto pusesse em risco a vida da mãe ou da criança. Como se viu até aqui, o presente artigo não se propõe a discutir os erros ou casos singulares da política soviética para as nacionalidades entre 1917 e 1953. O que aqui se pretende é demonstrar que só uma orientação verdadeiramente socialista seria capaz de produzir resultados tão fantásticos quanto o de erguer de nacionalidade atrasadas e embrutecidas pela opressão capitalista, latifundiária e colonialista um poderoso Estado socialista, inigualável em feitos de conquistas sociais e de progresso para os povos habitantes de suas fronteiras.

Ademais, quanto aos erros, vale a pena lembrar mais uma vez Lênin, na carta que escreveu em 1918 aos operários norte-americanos: "Que a imprensa burguesa corrupta grite aos quatro ventos acerca de cada erro cometido pela nossa revolução. Não temos medo dos nossos erros. Pelo fato de a revolução ter começado, os homens não se tornam santos. As classes que durante séculos foram oprimidas, embrutecidas e mantidas pela violência nas garras da miséria, da ignorância e asselvajamento não podem fazer a revolução sem erros. E é impossível, como já tive uma vez ocasião de assinalar, fechar o cadáver da sociedade burguesa num caixão e enterrá-lo. O capitalismo morto apodrece e decompõe-se entre nós, contaminando o ar com miasmas, envenenando a nossa vida, envolvendo aquilo que é novo, recente, jovem e vivo com milhares de fios e laços daquilo que é velho, podre e morto".

Na verdade, não é contra os erros e "crimes" de Stálin que gritam a burguesia e os novos capitalistas de Moscou. O que os move é o ódio profundo de classe, burguês e pequeno burguês, contra os êxitos do proletariado na construção do socialismo.

Kruschev proclama o "comunismo"

A partir de Kruschev (1956-1964) e do XX Congresso do PCUS, mudanças profundas afetaram o caráter do partido comunista, do Estado, da economia e da sociedade na União Soviética. Tais transformações prosseguiram mais lentamente no período Brejnev e adquirem um tom de radicalidade com Gorbachev, a *perestroika* e a *glasnost*.

Segundo Kruschev, na União Soviética já não havia necessidade do Estado de ditadura do proletariado, que passava a ser "Estado de todo o povo", o mesmo ocorrendo com o partido, que abandonava seu caráter de partido do proletariado para "partido de todo o povo".

No programa de 1961 Kruschev proclama solenemente: "a presente geração soviética viverá sob o comunismo". Tal proclamação soa tão absurda quanto alguém haver declarado em plena vigência do modo de produção escravista, que sua geração viveria a experiência da revolução industrial.

Com tais proclamações o que Kruschev desejava era livrar-se da ditadura do proletariado e do socialismo. Para acabar com estas duas coisas, como justificativa teórica, só existiam dois caminhos: ou proclamar abertamente o retorno ao capitalismo, o que os trabalhadores soviéticos não permitiriam, ou decretar a passagem para o comunismo, quando não haveria mesmo necessidade de ditadura do proletariado e a transição socialista já teria sido concluída.

"Estado de todo o povo" não passava de eufemismo para enganar os trabalhadores da União Soviética e do mundo, para introduzir na direção do partido comunista e do Estado a nova burguesia, principalmente russa, que se assenhoreava então dos destinos da União Soviética após dezenas de anos de luta tenaz contra o proletariado e os verdadeiros revolucionários.

Depois de liquidar o partido dirigente da revolução socialista, Kruschev abre a economia soviética aos mecanismos de mercado do capitalismo e golpeia a política leninista para as nacionalidades. Tomado de ares de "antropólogo", declara que a

União Soviética havia superado o conceito de nação e constituía agora uma etnia superior (Resolução do XXII Congresso, 1961).

O professor Horace B. Davis em seu livro "Para uma teoria marxista do nacionalismo" (Zahar Editores, 1979), assim escreveu sobre as manifestações kruschevistas a respeito dos problemas das nacionalidades:

"A resolução de Kruschev, segundo a qual 'as nações se aproximarão ainda mais, até que se consiga a unidade total', foi aprovada, tornando-se a política soviética sobre as nacionalidades. A resolução, embora fazendo as habituais referências à soberania e 'livre desenvolvimento' das várias repúblicas, dizia que 'o partido promoverá... a consolidação (das várias culturas nacionais) e com isso a formação

da única e futura cultura mundial da sociedade comunista' (Moscou News, 5 de agosto de 1961)".

Para quem dizia estar implantando o comunismo, não fazia mesmo sentido preservar qualquer autonomia ou identidade nacional. Se até o socialismo havia sido deixado para trás, quanto mais direitos nacionais... Tal era o "comunismo" de Kruschev.

Claro que certos círculos, particularmente da intelectualidade, perceberam as monstruosidades de Kruschev contra as minorias nacionais e protestaram. Alguns críticos foram encarcerados e outros, por fazerem a crítica de uma ótica também burguesa e nacionalista, não obtiveram ressonância. Mas os ventos semeados por Kruschev



Protesto nacionalista na Estônia, resultado do chauvinismo grão-russo restaurado.

não tardariam a gerar tempestades, senão para ele, para seus sucessores.

Passados vinte, trinta e mais anos da tentativa de Krushev de instaurar o "comunismo" por decreto (leia-se restaurar o capitalismo, como já dissemos), restou uma herança perversa de estagnação econômica, brutal violação dos direitos democráticos dos trabalhadores soviéticos, desagregação de inúmeros partidos comunistas em todo o mundo (transformaram-se em organizações reformistas, traidoras e contra-revolucionárias), corrupção e aguçamento dos conflitos nacionais.

Brejnev tocou o barco na mesma linha de Krushev, corrigindo alguns dos exageros do renegado anterior, mas sem mudar, no fundamental, a orientação de restauração capitalista implantada a partir do XX Congresso.

Nas pegadas de Krushev

Gorbachev chega falando em mudanças. Apresenta ao mundo a *perestroika* e a *Glasnost*. Procura dar a essas medidas ares de revolução, compara-as não apenas à grande Revolução de Outubro, mas também à Revolução Inglesa de 1688 e à Revolução Francesa de 1789.

Gorbachev não poderia persistir na tese de Krushev de passagem imediata, "ainda nesta geração", para o comunismo. Mas como seguir as pegadas do traidor Krushev sem declarar, mais uma vez, a volta ao capitalismo? Estava aí a solução: inventar uma nova "revolução" — a *perestroika*, continuadora dos feitos de Lênin e dos bolcheviques em 1917.

Mas o palavreado de Gorbachev não consegue esconder a verdade de que ele segue Krushev. Já na página 46 do seu "**Perestroika**" (Editora Best Seller, 1987), Gorbachev desmancha-se em elogios à orientação do XX Congresso do PCUS, que entronizou Nikita Krushev e o capitalismo na URSS:

"Um importante marco da nossa história foi o XX Congresso do PCUS. Constituiu uma grande contribuição para a teoria e a prática da edificação socialista. Durante e após esse congresso, foi feita uma grande tentativa de girar o leme para o progresso do país, a fim de dar

impulso para nos libertarmos dos aspectos da vida sócio-política engendrados pelo culto da personalidade de Stálin".

Mais adiante, ainda em seu livro, Gorbachev elogia as reformas de Kossiguin no governo Brejnev, (substituto de Krushev como primeiro-ministro em 1964), que introduziram novos mecanismos na economia da URSS, dando ênfase aos lucros e a outras medidas de caráter capitalista na economia soviética.

Para reintegrar a União Soviética no mundo e na economia capitalista, Krushev utilizou o subterfúgio da "passagem ao comunismo". Gorbachev aprofunda a corrida aos lucros e à economia de mercado com a *perestroika*, dando a isso o nome de "revolução". Diga-se, de passagem, que nunca se viu antes uma "revolução" tão bem recebida e festejada por contra-revolucionários tão notórios quanto o ex-presidente norte-americano Ronald Reagan, a

primeira-ministra britânica Margaret Thatcher ou o ex-ministro da economia da ditadura militar brasileira Delfim Netto.

Mas os executivos capitalistas do Kremlin não foram totalmente surpreendidos pelos protestos nacionalistas. Gorbachev pelo menos desconfiava de que ocorria algo de podre no reino da *perestroika*. Tanto é assim que ao discorrer em seu livro sobre as nacionalidades, abandona o tom brando e conciliador para verberar ameaças contra o risco da eclosão nacionalista.

Vejamos o que ele diz na altura da página 138 da "*Perestroika*":

"Naturalmente, há muitas pessoas no Ocidente, e no Leste também, que gostariam de solapar a coesão e a amizade dos povos da URSS. Todavia, esse é um assunto inteiramente diferente: a lei soviética está de guarda, protegendo as realizações da política de nacionalidade leninista" (grifo nosso).

"Partindo dessas posições, nos manteremos firmemente compro-

A nova burguesia

"O smenovezhismo* é uma ideologia da nova burguesia que cresce pouco a pouco e vai se fundindo com o *kulak* e a intelectualidade burocrática. A nova burguesia formulou a sua ideologia, a ideologia smenovezhista, segundo a qual o partido comunista tem de degenerar e a nova burguesia tem de consolidar-se. Ademais nós, os bolcheviques, temos de atingir imperceptivelmente os umbrais da república democrática, mais tarde cruzaremos esses umbrais e, com a ajuda de algum César, saído das fileiras militares ou civis, nos encontraremos na situação de uma república burguesa vulgar".

(Stálin)

"Os da *Smena Vekh* exprimem o estado de espírito de milhares e dezenas de milhares de burgueses ou de funcionários soviéticos, que participam na nossa política econômica. Este é o perigo principal e real. E por isso é preciso prestar a maior atenção a esta questão: quem vencerá efetivamente? Falei da emulação. Não nos atacam diretamente, não nos agarram pelo pesco-

ço. Ainda está por ver o que acontecerá amanhã, mas hoje não nos atacam de arma na mão, e apesar de tudo a luta contra a sociedade capitalista tornou-se cem vezes mais encarniçada e mais perigosa, porque nem sempre vemos com clareza onde está o inimigo que nos combate e quem é o nosso amigo".

(Lênin)

O smenovezhismo acabou triunfando apesar da advertência e da luta de Lênin e Stálin. A nova burguesia encontrou em Gorbachev o seu Júlio César, como antes havia tido em Krushev o seu Pompeu. Agora, quais os milhares de soldados e voluntários dessa guerra e em que condições triunfaram esses novos generais capitalistas?

É fácil concluir que o poder revolucionário não brota da antiga sociedade capitalista em estado de pureza — ao contrário, dela surge carregando muitas de suas mazelas e degenerações. Em volta do novo poder, como à sombra das árvores frondosas, crescem as espécies parasitárias, sempre prontas a

metidos com nossos princípios. Os sentimentos nacionalistas dos povos deverão ser respeitados e não podem ser ignorados; **porém especular com base neles é irresponsabilidade política ou até mesmo crime**" (grifo nosso), acrescenta Gorbachev.

Mas equivocam-se os que pensam que as potências capitalistas ocidentais trabalham, pelo menos por agora, para a desagregação do Estado multinacional soviético. Ao contrário, as lideranças dos países capitalistas não desejam que disputas nacionais atrapalhem a caminhada do gigante rumo ao capitalismo.

Da mesma forma que Gorbachev reconhece os "laços" históricos que unem os Estados Unidos à América Latina e declara não ter intenção de neles interferir, está implícito que as forças conservadoras do Ocidente aceitam a hegemonia russa sobre as demais repúblicas que compõem a URSS.

"Seria uma tragédia se a *perestroika* se afogasse nas águas

do nacionalismo" disse Margaret Thatcher a Gorbachev apenas dois dias antes do massacre de Tiblisi. Pelo mundo afora, raros foram os lamentos oficiais pelo sangue derramado por tropas russas na República da Geórgia.

Hoje a União Soviética é uma sociedade corroída pela desconfiança entre as nacionalidades, infestada pelo ódio nacional histórico das minorias nacionais pelos grão-russos, a maioria eslava usada pelos czares para oprimir as minorias não-russas.

Segundo o testemunho pessoal de um viajante que retornou recentemente da União Soviética, numa das repúblicas bálticas, ao perguntar a um homem do governo se ele falava russo, este respondeu com uma seqüência de palavras, no mais perfeito russo.

O ressurgimento do nacionalismo na URSS reflete as transformações de cunho capitalista a partir de Krushev, a emergência da nova burguesia que busca o mercado e o lucro para se

alimentar como a planta procura a luz do sol para realizar a fotossíntese.

Nacionalismo e socialismo não são paralelas que se encontram em algum ponto do infinito. O primeiro é o ideário burguês, da afirmação nacional com a negação do proletariado. O socialismo incorpora as reivindicações de caráter nacional com o conteúdo e os interesses da classe operária.

Na União Soviética as fronteiras dos movimentos nacionalistas não estão claramente definidas. Ora correspondem aos anseios das massas trabalhadoras das minorias nacionais e da intelectualidade pela manutenção da identidade nacional contra a política de assimilação imposta pelos russos, merecendo o apoio das correntes revolucionárias e progressistas do mundo inteiro.

Em outro momento são os antigo clãs e classes dirigentes de antes da revolução socialista que têm agora a oportunidade de retorno aos velhos privilégios. Os

tomar de assalto, não a árvore, mas a floresta inteira.

E o que fazer com milhares de pequenos-burgueses, de espírito mesquinho, que seguem na nova sociedade, muitos dentro do partido ou no aparelho administrativo do Estado, os seus projetos individualistas, pessoais, com o método de sempre, *sonso*, dissimulado?

Krushev era de origem operária, pode-se dizer. Ah, sim. Mas e os que o insuflaram e abanaram sua vaidade pessoal doentia? Um diplomata inglês ao retratar em suas memórias a impressão que teve de contatos pessoais com Trotsky, disse que ele seria capaz de morrer pela revolução desde que houvesse uma boa platéia para aplaudí-lo. Krushev tinha verdadeiros delírios de ambições pessoais, até o de que seria o dirigente da transição da sociedade soviética do socialismo ao comunismo.

Gorbachev ao comparar a *perestroika* a uma nova "revolução" se eleva à altura de Lênin e a de outras figuras da história — Cromwell, Bismarck etc.

Mesmo na sociedade socialista não há garantia completa contra os

mecanismos ideológicos que continuam a operar através de hábitos, costumes e vícios seculares da sociedade burguesa e que encontram situações favoráveis nos momentos de crises e dificuldades da construção do socialismo.

Vejamos o exemplo da luta heróica dos povos soviéticos e do partido comunista contra a invasão nazista. Ao cabo da guerra foram 20 milhões de mortos, destruição, desorganização da vida econômica e política. O Partido Comunista perdeu boa parte de seus melhores elementos nas frentes de combate contra o invasor. Para substituí-los, inclusive nas tarefas da resistência ao inimigo, entraram para o partido pessoas que sequer tinham simpatia para com o poder soviético, menos ainda para com os comunistas, mas que se comoveram com sua abnegação contra a barbárie nazista. Depois da derrota de Hitler, como se diz, morreu o afilhado, acabaram-se os compadres. Mas essas pessoas continuaram no partido, cumprindo, agora, que papel? Todos, menos o de comunistas, porque nunca o foram. Poder-se-ia ter evitado a entrada dessas pessoas no partido. Aquilo era a pior guerra que a humanidade

conheceu até hoje, não era um pequenique, onde tudo pudesse ser previsto e resolvido.

Os smenovezhistas esperaram décadas, pacientemente, e triunfaram. Mas a cercá-los hoje, há a memória da experiência socialista vitoriosa que será inevitavelmente comparada ao pântano capitalista para onde Krushev e Gorbachev reconduziram o povo soviético. A classe operária e os trabalhadores soviéticos logo compreenderão a face cruel de seus novos patrões, e se a nova burguesia encontrou seu Júlio César, os novos escravos do capital encontrarão o seu Espártaco.

* O smenovezhismo surgiu como corrente política burguesa em 1921, no exterior, entre os russos brancos exilados, particularmente na intelectualidade, como expressão da burguesia que havia renunciado à luta armada contra o poder soviético. Os smenovezhistas publicavam uma revista "Smena vek" ("Mudança do rumo"), tinham como líder o advogado Ustrialov e alimentavam a expectativa de que a NEP FOSSE O INSTRUMENTO DO FORTALECIMENTO DA NOVA BURGUESIA, QUE JUNTAMENTE COM A INTELECTUALIDADE BUROCRÁTICA ASSALTARIA O PODER AOS BOLSHEVIQUES. Através de suas publicações, orientavam seus seguidores para que cessassem as hostilidades contra o poder soviético e passassem a colaborar com ele visando transformá-lo numa república burguesa.

verdadeiros socialistas têm que demarcar limites de classe e de princípios com esses grupos contra-revolucionários, sempre lembrando que são os revisionistas os responsáveis pelo seu ressurgimento no cenário da vida política soviética.

Por enquanto o gigantesco proletariado soviético permanece adormecido. Esse verdadeiro hércules dos tempos modernos fez a Revolução Socialista de Outubro, venceu o exército branco e os ocupantes estrangeiros consolidando o poder soviético, realizou a coletivização da agricultura e a grande industrialização; derrotou o poderoso exército nazista de Adolf Hitler. Mas falta ainda um importante trabalho: varrer das cavalariças do Kremlin o esterco capitalista, hoje representado por Gorbachev e seus gerentes.

Bibliografia consultada:

Marx e Engels (Obras Escolhidas) - Editora Alfa-Omega, 1977-Lênin (Obras Escolhidas)- Editora Alfa-Omega, 1980 Stálin (O Marxismo e O Problema Nacional e Colonial) - Livraria Editora

Ciências Humanas, 1979. Stalin (Obras) - Editora Vitória, 1956. Dicionário do Pensamento Marxista (Jorge Zahar Editor), 1988. Mikhail Gorbachev (Perestroika), 1987, Editora Best Seeler. Programa Del Partido Comunista de la

Union Sovietica, Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1961. Horace B. Davis (Para uma Teoria Marxista do Nacionalismo), Zahar Editores, 1961. Jaime Pinsky (Questão Nacional e Marxismo) - Editora Brasiliense, 1980.

DIVISÃO TERRITORIAL

REPÚBLICAS SOCIALISTAS FEDERATIVAS SOVIÉTICAS	ÁREA (KM2)
R.S.F.S. DA RÚSSIA	17.075.400
R.S.F.S. DA UCRÂNIA	603.700
R.S.F.S. DA BIELORRÚSSIA	207.600
R.S.F.S. DA USBÉQUIA	449.600
R.S.F.S. DA CASÁQUIA	2.715.100
R.S.F.S. DA GEÓRGIA	69.700
R.S.F.S. DO AZERBAIDIJÃO	86.600
R.S.F.S. DA LITUÂNIA	65.200
R.S.F.S. DA MOLDÁVIA	33.700
R.S.F.S. DA LETÔNIA	63.700
R.S.F.S. DA QUIRGUÍZIA	198.500
R.S.F.S. DA TADJÍQUIA	143.100
R.S.F.S. DA ARMÊNIA	29.800
R.S.F.S. DA TURCOMÊNIA	488.100
R.S.F.S. DA ESTÔNIA	45.100

Nacionalismo × Internacionalismo

Nacionalismo e internacionalismo são expressões antagônicas de ideologias antagônicas. O primeiro corresponde à manifestação dos interesses políticos e de classe da burguesia, enquanto o segundo ressalta a unidade e os objetivos comuns do proletariado para além fronteiras.

Franco, em nome do nacionalismo, fez a guerra contra a classe operária e o povo espanhol, mas na verdade queria a submissão da Espanha aos interesses do imperialismo, como ficou provado. A classe operária espanhola, internacionalista, defendeu a verdadeira independência nacional da Espanha ao lado das "brigadas internacionais", destacamento internacionalista formado por voluntários de todo o mundo.

Sempre que as manifestações nacionais correspondiam aos interesses de classe do proletariado, Marx e Engels foram os primeiros a defendê-las como nos

casos da unidade nacional da Alemanha e da Itália e da luta pela independência da Polônia e da Irlanda.

Mais tarde, porém, Lênin denunciou os partidos socialistas que votaram os créditos de guerra para seus governos. Lênin disse que esses "sociais-traidores" colocavam os interesses de suas burguesias acima do interesse de classe do proletariado.

Na época da dominação imperialista as lutas da classe operária mesmo tendo caráter nacional assumem cada vez mais conteúdo internacionalista. Os trabalhadores brasileiros que fazem greves e manifestações contra a espoliação do Fundo Monetário Internacional estão objetivamente ajudando a luta dos trabalhadores de todos os países explorados pelo capital financeiro internacional e ao mesmo

tempo defendendo a soberania nacional.

O internacionalismo também não se confunde com o cosmopolitismo, particularidade da ideologia burguesa, que busca subjugar ideologicamente os povos a pretexto de que todos são "cidadãos do mundo", e com isso justificar a exploração e a dominação econômica, apagando as fronteiras de classes entre burguesia e proletariado. Gorbachev, por exemplo, troca o internacionalismo pelo cosmopolitismo; abandona a luta dos povos de todo o mundo contra o imperialismo para cuidar dos chamados interesses comuns da União Soviética e Estados Unidos, que não são outros que não a divisão do Planeta em áreas de hegemonia política, econômica e militar e a partilha do exército de escravos assalariados a serem explorados pelas duas superpotências.

“Perestroika: Nova fase de integração no mercado capitalista mundial”

Luis Fernandes *

A cobertura da *perestroika* pela grande imprensa do Brasil e do mundo procura apresentar a política de Gorbachev como um “corte radical” com a política oficial anterior de Brejnev. No terreno das relações econômicas externas, no entanto, um exame mais sério e aprofundado logo revela que a “nova política” atual **aprofunda** um processo em curso desde meados da década de ‘50: a reintegração da economia soviética no mercado capitalista mundial. Neste artigo, veremos como a política econômica externa do Estado soviético passou da perspectiva da **ruptura** com o mercado capitalista mundial (nos períodos de Lênin e Stalin) para uma perspectiva de **reintegração** (de Krushev em diante). A *perestroika* é o coroamento desta guinada.

Às vésperas da Revolução de Outubro, Lênin afirmava que a situação particular da Rússia a colocava a “meio caminho” entre o Ocidente e o Oriente. Isto tanto do ponto de vista geográfico como de desenvolvimento econômico-social. Ou seja, entre os países imperialistas da época, a Rússia era a potência mais atrasada, guardando uma série de características próprias dos países dependentes, coloniais e semi-coloniais. Por isto, ao tomar o poder, os bolcheviques ainda encaravam a sua revolução como uma “ponte” para a vitória de revoluções, mais ou menos imediatas, nos países capitalistas mais desenvolvidos. O jovem poder soviético apostava no surgimento de crises revolucionárias por toda a Europa, em função da destruição e do colapso provocados pela Primeira Guerra Mundial. Desta forma, o auxílio estatal de nações socialistas mais desenvolvidas

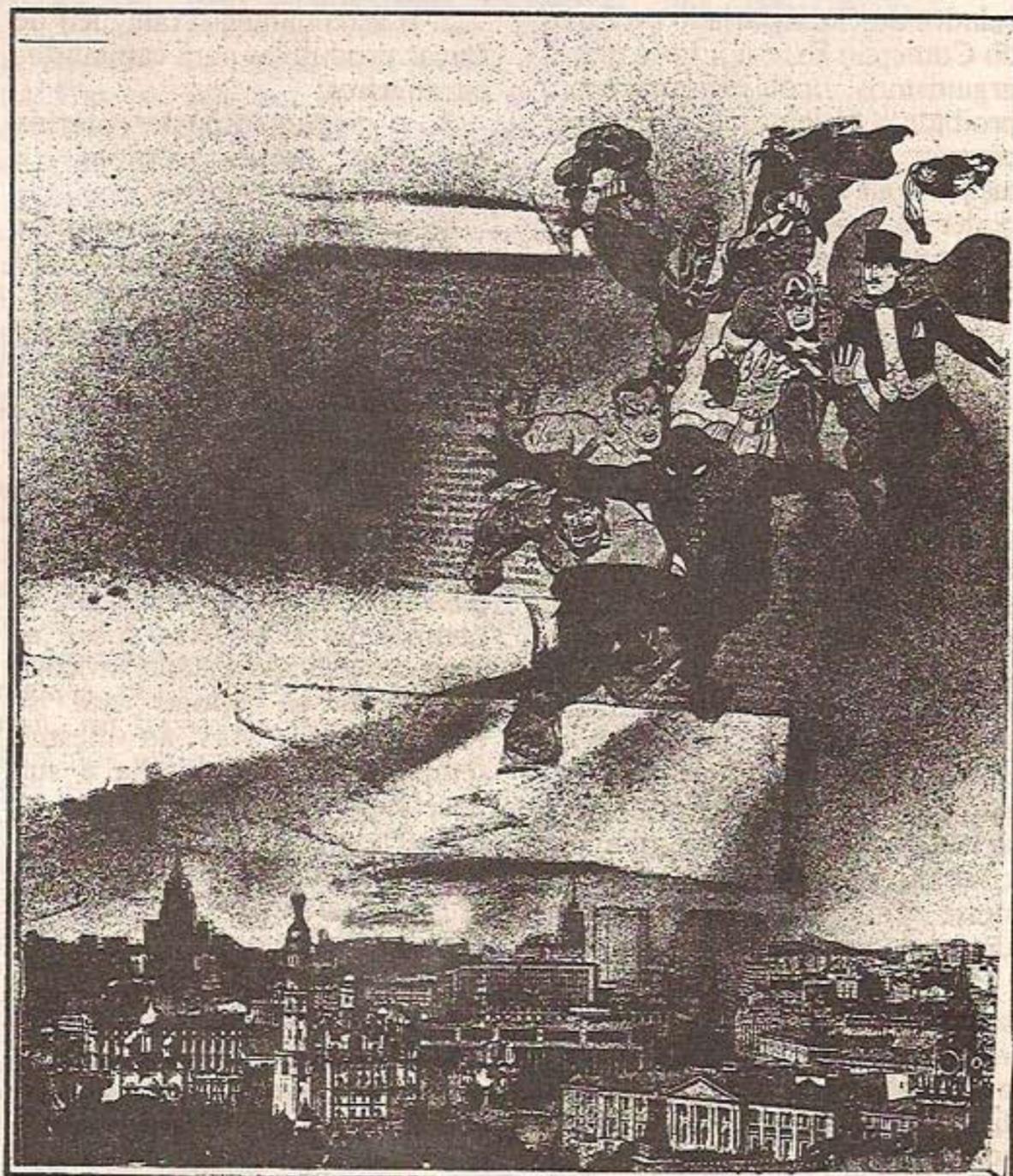
garantiria a passagem da URSS ao sistema socialista, que se espalharia rapidamente pelo mundo, em oposição ao capitalismo.

No início, a ruptura

Assim, desde o início, o poder soviético se orientou para a **ruptura** com o mercado capitalista mundial da era do imperialismo. Do ponto de vista das relações econômicas externas, isto se materializava numa política que admitia unicamente relações de **comércio** com os países capitalistas, e vetava qualquer fluxo de **capital**. Dentro desta perspectiva, o Comitê Executivo Central de Toda a Rússia logo tomou uma medida de grande impacto simbólico e alcance histórico — o

cancelamento de toda a dívida externa do antigo regime com as potências capitalistas centrais. Em janeiro de 1918, o próprio Lênin caracterizou esta medida como “um primeiro golpe no capital bancário, financeiro internacional, exprimindo a certeza de que o Poder Soviético continuará firmemente neste caminho até a vitória da insurreição operária internacional contra o jugo do capital”.¹

Outra medida de grande significado revolucionário, tomada pouco depois, foi a **renúncia** pelo poder soviético a todo capital investido pelo antigo Império Russo em países dependentes. Em 1921, a URSS assinou um acordo com o governo do Irã renunciando a todas as propriedades russas nesse país.



* Colaborador da *Princípios*, é mestre em Ciência Política pelo IUPERJ e professor-conferencista na Escola de Serviço Social da UFRJ.

Além das quantias em dinheiro, valores em papel e propriedades do antigo Banco Russo de Empréstimos, foram devolvidos ao Irã todas as instalações russas: caminhos de ferro, equipamento portuário, estações telefônicas, estações telegráficas, cais de embarque, armazens, etc. Neste mesmo ano, outro acordo idêntico foi firmado com o governo da Turquia. O significado destes acordos era evidente — o poder soviético repudiava e rompia com a política imperialista de exportação de capital para países dependentes, coloniais e semi-coloniais.

Mesmo no tocante às relações de comércio com os países capitalistas, Lênin considerava fundamental defender a independência econômica do Estado soviético em relação ao mercado capitalista mundial. Por isso, em abril de 1918, o Conselho de Comissários do Povo tomou outra medida histórica — decretou o monopólio estatal de todo o comércio exterior. Todas as operações comerciais com o exterior passaram a ser conduzidas por organismos especialmente montados para este fim, vinculados ao Comissariado do Povo do Comércio Externo. Fora destes organismos, ficou expressamente proibida a assinatura de qualquer contrato de importação ou exportação. Foi a arma encontrada pelo poder soviético para romper com a estrutura desigual de comércio do mercado capitalista mundial.

Esta perspectiva de ruptura com o mercado capitalista mundial não era encarada como um “modelo ideal”, a ser implementado de forma mecânica e dogmática, independente das condições históricas. Pelo contrário, era um desafio a ser enfrentado de forma concreta pelo poder soviético com tarefas adequadas ao contexto de cada fase do seu desenvolvimento. Em outras palavras, era preciso abordar **politicamente** o problema da ruptura com o capitalismo, achando soluções originais e criativas que permitissem avançar nesse caminho na situação particular da sociedade soviética.

Este desafio se impôs com força sobretudo a partir da derrota da vaga revolucionária no Ocidente, no início da década de 20. Já ficava claro que o jovem poder soviético não contaria com o

apoio estatal imediato de Estados socialistas mais desenvolvidos. Mesmo nestas condições, Lênin considerava possível a construção do socialismo na URSS, com base na aliança operário-camponesa interna. Mas esta ruptura com o capitalismo já não se daria tão rapidamente quanto antes se pensava. Era necessário passar por um período de concessões temporárias ao capitalismo, para recompor a economia destruída pela guerra e avançar no desenvolvimento das forças produtivas. Este período foi batizado de Nova Política Econômica (NEP), e tinha como objetivo central criar as bases materiais para a socialização plena da economia mais adiante.

Na NEP, concessões

No terreno das relações econômicas externas, a NEP adotou as seguintes concessões para o fluxo de capital entre a URSS e os países capitalistas:

1. as concessões, onde forças produtivas da economia soviética eram alocadas a capitalistas estrangeiros por prazos de tempo pré-determinados;

2. o arrendamento (aluguel) de forças produtivas para capitalistas estrangeiros;

3. o pagamento de salários elevados para técnicos e especialistas estrangeiros;

4. a montagem de empresas mistas, associando capital estrangeiro a empresas soviéticas;

5. a obtenção de empréstimos junto a bancos capitalistas estrangeiros.

Todas estas medidas eram apresentadas abertamente como concessões **em direção ao capitalismo**, que deveriam ser suspensas assim que fosse possível. Lênin, em particular, as comparava a muletas sobre as quais o debilitado Estado soviético tinha de se apoiar até se restabelecer. Mas ao mesmo tempo em que defendia a sua necessidade, conclamava os trabalhadores soviéticos a se manterem vigilantes contra os perigos que as concessões acarretavam para o socialismo:

“Ocultar às massas que a atração dos especialistas por meio de salários extraordinariamente elevados, é um desvio dos princípios da Comuna (de Paris), significaria des-

cer ao nível dos politiquinhos burgueses e enganar as massas. Explicar abertamente como e porque demos um passo atrás, discutir publicamente quais os meios que temos para recuperar o tempo perdido, significa educar as massas e aprender com a experiência, aprender juntamente com elas a construir o socialismo.” (2)

“Não dissimulamos de modo nenhum os perigos que estão ligados a esta política (de concessões) na República Soviética Socialista, e além disso num país fraco e atrasado. Enquanto a nossa República Soviética continuar a ser uma zona isolada, de fronteira, de todo mundo capitalista, seria uma fantasia e uma utopia completamente ridículas pensar na nossa total independência econômica e no desaparecimento destes ou doutros perigos.”³

Apesar do interesse por parte do poder soviético, o fluxo de investimentos estrangeiros para a URSS durante a NEP nunca alcançou maiores proporções. Segundo Alec Nove, nos anos 1924/25, somente 4.260 operários trabalhavam nas 13 empresas estrangeiras “concessionárias” mais importantes (4) Em 1928, a produção das 68 empresas “concessionárias” não passava de 0,6% da produção industrial global da URSS. No terreno dos empréstimos bancários os resultados também foram magros. A URSS só conseguiu alguns créditos comerciais de curto prazo. Nos círculos financeiros imperialistas havia predominado a opção de tentar **sufocar** economicamente o jovem poder soviético.

Fim das concessões

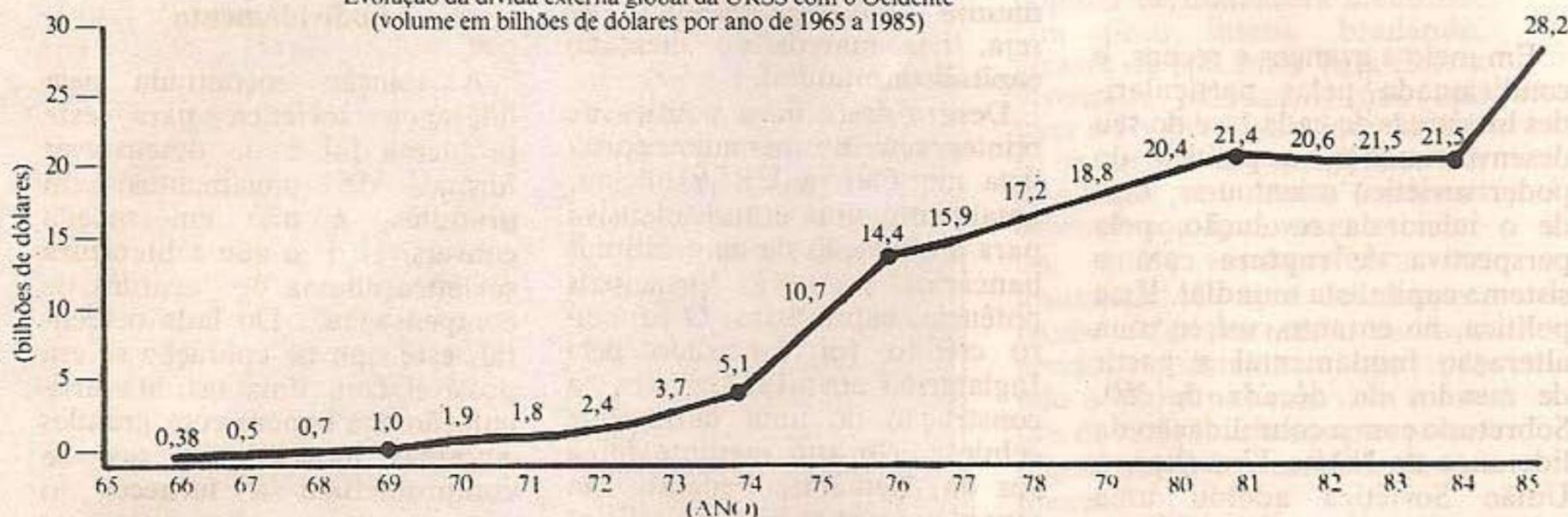
Após a morte de Lênin, Stálin deu continuidade a esta política formulada pelo grande dirigente da primeira revolução socialista no mundo. No final dos anos 20, o Estado e o partido soviéticos concluíram que já estavam amadurecidas as condições para terminar as concessões ao capitalismo e avançar na construção completa da base econômica do socialismo. Uma medida fundamental tomada em 1928 foi a de tornar o rublo soviético **inconvertível** nos mercados monetários ocidentais. Isto marcava a

intenção soviética de cortar todos os fluxos de capital com os países capitalistas. Ao lançar o Primeiro Plano Quinquenal, no mesmo ano, as concessões territoriais, as empresas arrendadas e as empresas mistas foram progressivamente eliminadas. Os emprésti-

própria China na Ásia, a partir de 1949, também orientados para a construção do socialismo. No seu livro "Problemas econômicos do socialismo na URSS" de 1952, Stálin analisava as conseqüências desse desenvolvimento para o mercado capitalista mundial nos seguintes termos:

externas da URSS com os países capitalistas e com os países socialistas. Entre estes, deveriam se desenvolver ao máximo relações de "cooperação e assistência econômica mútua", com a URSS colaborando para a mais rápida industrialização dos seus parceiros. Assim, admitia-se

Evolução da dívida externa global da URSS com o Ocidente
(volume em bilhões de dólares por ano de 1965 a 1985)

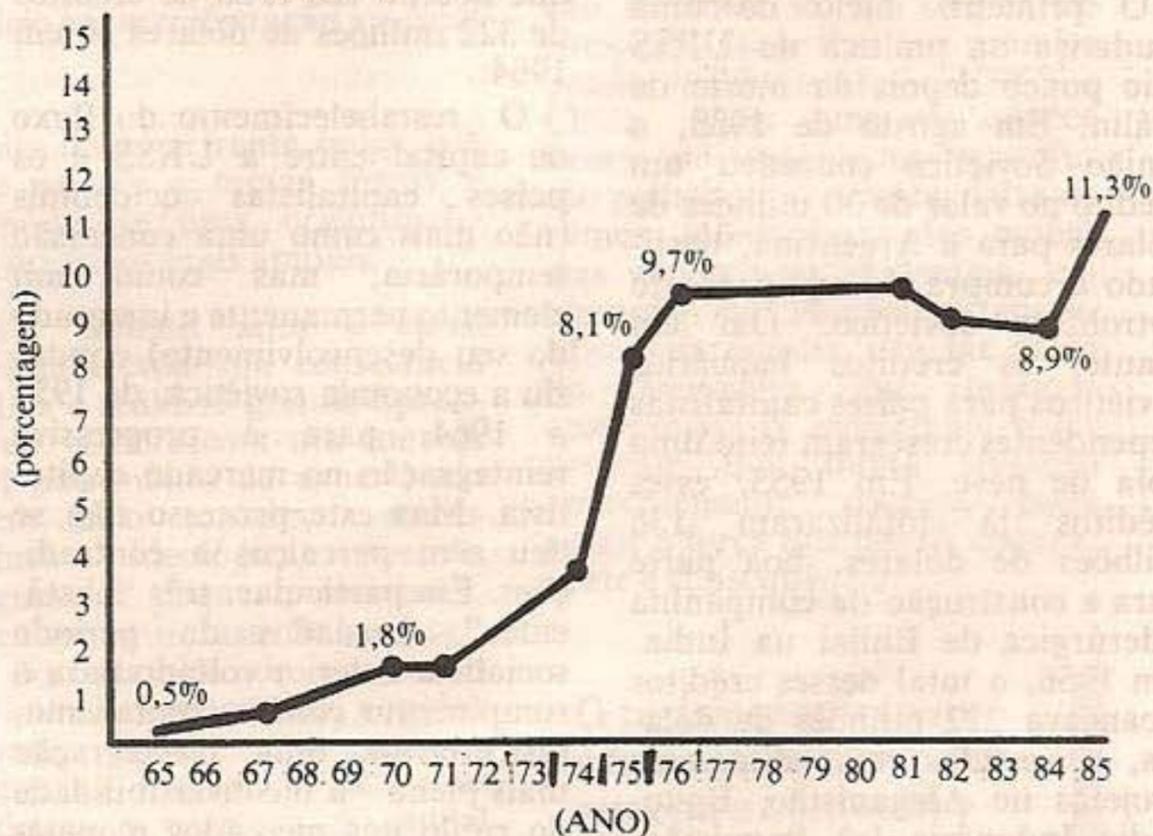


mos bancários ainda continuaram operando por mais algum tempo. A dívida externa da URSS passou de 415 milhões de rublos-ouro em 1929 para 1 bilhão 400 milhões em 1931 (cerca de 720 milhões de dólares na época). A partir deste ano, o poder soviético adotou a política de limitar os créditos contraídos junto a bancos capitalistas, até a sua virtual eliminação. No final de 1933, a dívida já tinha caído para 415 milhões de rublos-ouro e no fim de 1935 era de apenas 120 milhões de rublos-ouro. Em 1938, com a conclusão da construção da base econômica do socialismo na URSS, a dívida já havia sido praticamente eliminada.⁽⁵⁾

Este processo de ruptura da economia soviética com o mercado capitalista mundial foi violentamente interrompido com a invasão nazista na Segunda Guerra Mundial. Neste período, o fluxo de capital entre a economia soviética e os países capitalistas foi restabelecido em função do esforço de guerra dos países aliados contra o nazi-fascismo.

Para a União Soviética, o desdobramento mais importante da derrota das forças nazi-fascistas na Segunda Guerra Mundial foi a formação de um campo de Estados socialistas no mundo. A URSS deixou de ser o único e isolado país socialista no cenário internacional. Surgiram vários Estados no Leste europeu, e a

Tabela 2 — Montante da dívida externa global da URSS com o Ocidente como proporção do capital de investimento total no interior da sua economia (em %)



"A desintegração do mercado mundial único e universal deve ser considerada como o resultado econômico mais importante da Segunda Guerra Mundial e de suas conseqüências econômicas. Esta circunstância determinou um aprofundamento ainda maior da crise geral do sistema capitalista mundial (...) Uma conseqüência econômica da existência dos dois campos opostos foi a desagregação do mercado mundial único e universal; hoje temos a existência paralela de dois mercados mundiais, também opostos um ao outro".⁽⁶⁾

Esta análise levava à diferenciação das relações econômicas

a circulação de capital entre os países socialistas para a consecução de projetos comuns. Nestes termos, foi fundado em 1949 o Conselho de Assistência Econômica Mútua (CAME) com a função de coordenar o funcionamento do mercado socialista mundial dentro de uma ótica de ruptura com o mercado capitalista mundial. Por isso mesmo, os países socialistas voltaram a suspender os fluxos de capital entre o bloco e os países capitalistas, bem como se recusaram a aderir aos organismos econômicos e financeiros internacionais criados pelo mercado

capitalista no fim da guerra, entre os quais se destacavam o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (o BIRD, ou Banco Mundial).

Orientação revisionista

Em meio a avanços e recuos, e condicionada pelas particularidades históricas de cada fase do seu desenvolvimento, a política do poder soviético orientou-se, desde o início da revolução, pela perspectiva de **ruptura** com o sistema capitalista mundial. Essa política, no entanto, sofreu uma alteração fundamental a partir de meados da década de '50. Sobretudo com a consolidação da liderança de Nikita Krushev, a União Soviética adotou uma orientação inteiramente diferente — a da **pregressiva reintegração** no mercado capitalista mundial.

O primeiro início de uma mudança na política da URSS veio pouco depois da morte de Stálin. Em agosto de 1953, a União Soviética concedeu um crédito no valor de 30 milhões de dólares para a Argentina, destinado à compra de equipamento petrolífero soviético. Daí em diante, os créditos bancários soviéticos para países capitalistas dependentes cresceram feito uma bola de neve. Em 1955, esses créditos já totalizaram 136 milhões de dólares, boa parte para a construção da companhia siderúrgica de Bhilai na Índia. Em 1956, o total desses créditos alcançava 222 milhões de dólares, investidos em diferentes projetos no Afeganistão, Egito, Índia, Indonésia, Irã, Paquistão, Nepal, Sudão e Síria, entre outros. Em 1959, os créditos soviéticos para os países capitalistas dependentes chegaram a 885 milhões de dólares, concentrados, sobretudo, em países da Ásia e do Oriente Médio. Já era evidente de que não se tratava de “alguns casos isolados” e sim de uma nova política do Estado soviético nas suas relações econômicas com os países capitalistas dependentes.

Contagiado pelo “entusiasmo” de Krushev com sua nova política, o economista soviético Konstantin Ostrovitianov chegou

a afirmar no seu discurso para o 21º Congresso do PCUS, em 1959 que “o rublo está penetrando no mercado mundial, onde suplantará o dólar progressivamente”.⁷ Afora o tom voluntarista, este discurso revelava as bases da nova política soviética - a URSS passava a concorrer com os Estados Unidos nos **marcos do mesmo mercado mundial**, ou seja, nos marcos do **mercado capitalista mundial**.

Dentro desta nova política de reintegração no mercado capitalista mundial, a URSS iniciou, igualmente, uma grande ofensiva para a obtenção de empréstimos bancários junto às principais potências capitalistas. O primeiro crédito foi concedido pela Inglaterra em 1958, para a construção de uma fábrica de celulose. No ano seguinte foi a vez da Alemanha Federal. Em seguida vários países capitalistas europeus concederam créditos para a URSS, como a França, que liberou um total de créditos de 322 milhões de dólares só em 1964.

O restabelecimento do fluxo de capital entre a URSS e os países capitalistas ocidentais (não mais como uma concessão temporária, mas como um elemento permanente e integrado do seu desenvolvimento) conduziu a economia soviética, de 1954 a 1964, para a progressiva reintegração no mercado capitalista. Mas este processo não se deu sem percalços e contradições. Em particular, três “obstáculos”, herdados do período socialista anterior voltado para o rompimento com o capitalismo, dificultavam uma reintegração mais plena - a inconvertibilidade do rublo nos mercados monetários do Ocidente, o monopólio estatal das relações e econômica da URSS com o exterior e a proibição dos investimentos diretos de capital ocidental na economia soviética.

A liderança que assume a direção do partido e do Estado soviéticos em meados dos anos 60, encabeçada por Leonid Brejnev, inaugurou uma segunda fase de reintegração no mercado capitalista mundial, marcada por tentativas de **contornar** os obstáculos que citamos acima. Até esta época, os créditos dos bancos capitalistas ocidentais para a URSS eram pagos em

“moeda forte”, ou seja, moedas conversíveis nos mercados monetários do Ocidente. Isto colocava limites ao volume de empréstimos que a URSS podia contrair, já que o pagamento dos juros e do principal dependia da receita obtida em moeda conversível nas suas exportações.

Endividamento

A solução encontrada pela liderança soviética para este problema foi a de desenvolver formas de pagamentos **em produtos**, e não em moeda conversível. É o que a literatura soviética chama de “acordos de compensação”. Do lado ocidental, este tipo de operação só era possível com uma estreita articulação dos bancos com grandes empresas monopolistas que se comprometiam a fornecer os equipamentos ou comprar as mercadorias soviéticas que voltavam como pagamento. Os acordos só eram possíveis, portanto, em função do alto grau de integração de indústrias e bancos capitalistas no que Lênin chamava de capital financeiro da era do imperialismo.

O fato é que o fluxo de empréstimos bancários ocidentais aumenta enormemente durante a “administração” de Brejnev. A Tabela 1, ao lado, mostra a evolução da dívida externa da URSS com o Ocidente de 1965 a 1985. A tabela 2 ilustra o peso crescente dos créditos ocidentais para a economia soviética, calculando a proporção da dívidas externa da URSS para o capital de investimento total no interior da sua economia. Fica claro que não se trata, aqui, do recurso temporário e limitado a uma “concessão”, e sim a assimilação de um componente “permanente” e de importância crescente para a economia soviética.

Acompanhando o processo de ampliação e diversificação dos investimentos de capital ocidental na sua economia, a União Soviética também ampliou e diversificou a sua própria exportação para os países capitalistas, sobretudo os países capitalistas dependentes. Além de incorporar os mesmos mecanismos de “acordos de compensação” nos seus créditos para os países “em desenvolvimento” (que também

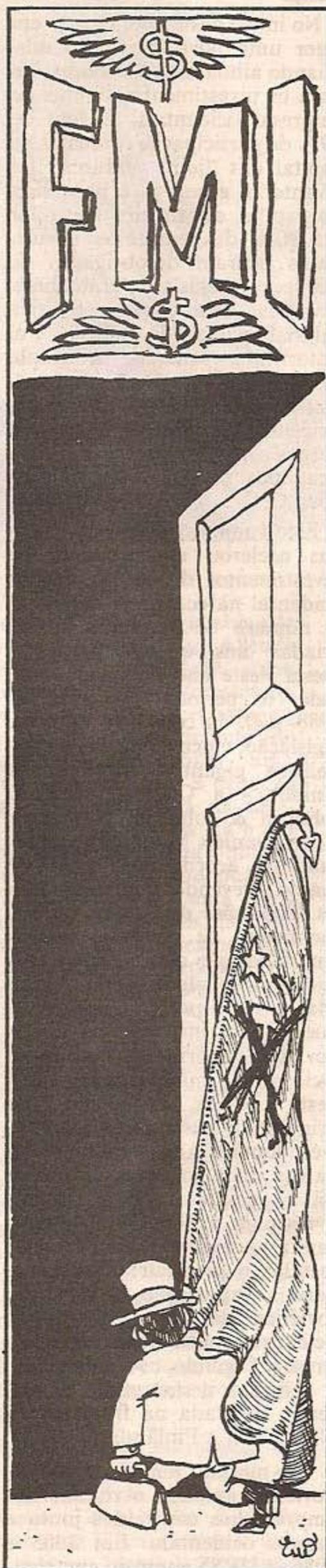
aumentaram enormemente no período de Brejnev), a URSS passou a adotar, também, diferentes modalidades de **investimentos diretos** no mundo capitalista.

Até o início dos anos 80, a União Soviética havia montado mais de 130 empresas em países capitalistas do Ocidente (tanto nos países "centrais" quanto nos países dependentes). 10 A maior parte destas empresas foi criada na década de 70. Algumas tinham sido criadas ainda na década de 20, com um papel de auxílio ao comércio externo da URSS, mas tiveram, agora, suas atividades reorientadas para abarcar diversas esferas da economia, inclusive a da produção. Entre estas empresas de capital soviético no Ocidente, se destacam sete bancos que operam em grandes centros financeiros como Londres, Paris, Viena, Zurique e Luxemburgo. Estes bancos passaram a operar ativamente no chamado "mercado eurodólar" na Europa a partir da década de 60, participando, inclusive, de inúmeras operações de empréstimo para o Brasil em conjunto com grandes bancos capitalistas ocidentais. Nesta base os ativos dos bancos soviéticos no Ocidente pularam de 222 milhões de dólares em 1958 para 8,7 bilhões em 1978.

Do ponto de vista das relações de comércio da URSS com o exterior, também foram implementadas uma série de mudanças. Foram tomadas seguidas medidas para "descentralizar" o monopólio estatal do comércio exterior. Assim, o número de empresas especializadas vinculadas ao Ministério do Comércio Exterior para operar no mercado mundial foi ampliado inicialmente para 45 no final da década de 70, e logo depois para 60. Mas esta descentralização ainda se deu nos marcos da **manutenção** do monopólio estatal do intercâmbio econômico com o exterior.

Durante o período de Brejnev, a União Soviética procurou se constituir em **pólo alternativo**, no mercado mundial, aos três "centros" do capitalismo ocidental - Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão. Neste sentido, ela procurou explorar conflitos

políticos nos países capitalistas dependentes que questionassem



a hegemonia destes centros, procurando abrir mercado para os seus próprios investimentos. Isto a levou a recorrer, em grande medida, a apoios e ações militares para a abertura de mercados, sob a bandeira de um pretenso "antiimperialismo". Mas o fato é que o seu atraso econômico e tecnológico em relação às potências imperialistas ocidentais, fora do âmbito militar, tornava difícil a consolidação das posições soviéticas no mercado mundial. Além da perda de importantes "aliados", como o Egito e o Iraque, este quadro criava situações muito incômodas para a URSS como a de Angola, onde armas **soviéticas** nas mãos de tropas **cubanas** protegem o patrimônio de grandes empresas petrolíferas **norte-americanas** contra ataques de grupos contra-revolucionários financiados pelos governos dos **Estados Unidos** e da **África do Sul!** No início dos anos 80, a URSS vinha claramente perdendo posições no mercado mundial - sobretudo em relação ao grande ascenso do Japão e da própria Europa Ocidental - e se sentia sufocada pelo peso da sua corrida armamentista com o imperialismo norte-americano.

Ao mesmo tempo, tornava-se evidente o esgotamento dos mecanismos da segunda fase de reintegração no mercado capitalista mundial. A política de "contornar" os obstáculos à reintegração chegara aos seus limites. Os complicados trâmites dos "acordos de compensação" não davam às empresas monopolistas ocidentais suficientes garantias para que estas elevassem o patamar das suas aplicações na economia soviética. A não-conversibilidade do rublo, e as limitações burocráticas criadas pelo monopólio estatal do comércio exterior, restringiam a rapidez e a flexibilidade das opções de investimento dos empresários ocidentais. O mesmo tipo de problemas emperravam os investimentos soviéticos nos países capitalistas dependentes. A continuidade do processo de reintegração exigia que este entrasse numa terceira fase, onde os obstáculos herdados do passado fossem enfrentados de frente, e não simplesmente "contornados" como na época de Brejnev.

Reintegração total

Esta terceira fase de reintegração no mercado capitalista mundial é deflagrada com a ascensão de Mikhail Gorbachev à liderança do Estado soviético. Um dos primeiros movimentos feitos por Gorbachev é justamente o de tentar estabelecer acordos com os Estados Unidos para "reduzir tensões" entre os dois países e viabilizar acordos parciais de desarmamento que permitissem a ambos reverter parte dos gastos bélicos para a modernização tecnológica de outros setores das suas economias. No momento presente, isto seria de interesse também para o próprio governo norte-americano, às voltas com graves dificuldades financeiras (expressas no seu astronômico déficit público) e com uma guerra comercial cada vez mais intensa com o Japão e a Europa Ocidental.

Do ponto de vista das relações econômicas com o exterior, Gorbachev não demorou em atacar de frente os obstáculos que dificultavam uma maior integração da URSS no mercado capitalista mundial. Neste terreno, sua medida mais significativa foi a liberação, a partir de janeiro de 1987, de investimentos **diretos** de capital ocidental na economia soviética através da montagem de "empresas mistas". Desde o início, o Estado soviético garantiu uma série de incentivos para estes investimentos diretos de capital ocidental. As empresas mistas só começarão a pagar impostos dois anos depois de realizar os seus primeiros lucros. A partir daí, estarão sujeitas ao imposto regular de 30% que opera na economia soviética. Os lucros reinvestidos na URSS ficarão isentos de impostos. Já os remetidos para o exterior terão de pagar 20% de imposto (no caso da lei brasileiras de remessa de lucros o imposto é de 25%).

As "joint ventures" tem garantias plenas para a sua operação na URSS. Tem autonomia financeira e administrativa, podendo comercializar os seus produtos inteiramente à margem do plano estatal. Podem buscar mercados externos por iniciativa própria. Em caso de liquidação, a empresa ocidental tem direito de repatriar integralmente sua

parte no capital da empresa mista.

No início deste ano, entrou em vigor uma nova legislação ampliando ainda mais as concessões para os investimentos diretos de empresas ocidentais. O teto de 49% de participação ocidental no capital das "joint ventures" foi levantado, e hoje já é permitido ao capital estrangeiro controlar até 90% das empresas mistas. Estas ficaram desobrigadas de obedecer à legislação trabalhista soviética, bem como a política salarial oficial da URSS. Foi autorizada, também, a ampla utilização de mão-de-obra estrangeira, e abandonou-se a exigência de que os principais cargos de direção fossem ocupados por cidadãos soviéticos.

Este conjunto de novas medidas acelerou enormemente os investimentos diretos de capital ocidental na economia soviética. O número de empresas mistas criadas nos quatro primeiros meses deste ano foi igual ao de todo o período de 1987 a 1988-200. Já com base na nova legislação, cinco empresas monopolistas gigantes dos Estados Unidos - a Chevron, Kodak, Johnson & Johnson, Nabisco e Arher Daniels Midland - assinaram um acordo no dia 31 de março prevendo o investimento de **10 bilhões de dólares** para a montagem de empresas mistas em associação com 23 empresas soviéticas e alguns ministérios. Mas a maior parte das empresas que vêm se instalando na União Soviética são oriundas da Europa Ocidental. Uma novidade dentro desta política, anunciada pelo principal assessor de Gorbachev, o economista Abel Aganbeguian, na sua visita ao Brasil em maio, foi a decisão de criar "zonas livres para exportação", onde o capital ocidental poderá se instalar e produzir diretamente para a exportação (é a versão soviética das ZPE's propostas pelo presidente Sarney para o Brasil). Segundo Aganbeguian, a primeira destas zona já está sendo montada na fronteira da URSS com a Finlândia.

Ao mesmo tempo, a União Soviética ampliou o volume dos empréstimos contraídos junto a bancos ocidentais. Em 1985 e 1986, a URSS contraiu emprésti-

mos no Ocidente no valor de 11 e 12,5 milhões de dólares, respectivamente. Descontando os pagamentos efetuados de obrigações passadas nesses dois anos, a dívida externa da União Soviética com bancos capitalistas ocidentais alcançou 38,2 bilhões de dólares em 1986. Isto equivale a 13,5% dos investimentos internos da economia soviética nesse ano.

Rublo conversível

Para viabilizar a intensificação do fluxo de investimentos ocidentais para a economia soviética, as autoridades soviéticas decidiram, por fim, transformar o rublo em moeda conversível nos mercados monetários ocidentais. Mas esta transformação deverá ser implementada de forma **gradual** e não imediata. Como é reconhecido abertamente num artigo do economista soviético Yuri Konstantinov, antes de tornar o rublo plenamente conversível, a URSS precisa se tornar mais competitiva no mercado mundial, principalmente no setor de bens e manufaturados de alta tecnologia. (11) Sem elevar a sua competitividade, a União Soviética se veria forçada a exportar basicamente matéria-prima e combustível, cujos preços vêm sofrendo uma acentuada queda nos últimos tempos. Ou seja, a URSS seria **vítima** e não **beneficiária** da estrutura desigual do comércio no mercado capitalista mundial. E isto implicaria na quebra da hegemonia soviética inclusive no âmbito do mercado do CAME.

A liderança soviética pretende tornar o rublo plenamente conversível até meados da década de 90. Mas desde já estão sendo implementadas medidas que instituem a conversibilidade, ainda que de forma limitada. Assim o governo já autorizou empresas com moedas ocidentais em caixa, fruto das suas exportações, a vender essas moedas no interior da URSS, com a cotação do rublo flutuando livremente, à margem da cotação oficial. Aganbeguian informou, ainda, que face à pressão de empresários ocidentais, o governo soviético está estudando a possibilidade da introdução ime-

diata de uma segunda moeda nacional, desde já plenamente conversível nos mercados monetários ocidentais. As autoridades ainda não se decidiram quanto a esta medida, pois temem que ela levaria ao esvaziamento completo do rublo.

Denro desta nova fase de reintegração no mercado capitalista mundial, Gorbachev virtualmente eliminou o monopólio estatal do comércio exterior. A partir de 1987, 23 ministérios e as 80 empresas mais importantes da URSS foram autorizadas a se relacionar diretamente com parceiros econômicos ocidentais, sem ter de passar pelo Ministério das Relações Econômicas Exteriores. Já vimos antes como as empresas mistas também foram autorizadas a estabelecer vínculos econômicos diretos com a exterior. No âmbito do CAME, o governo liberou o estabelecimento de "laços diretos" entre empresas da URSS e de outros países membros do conselho, passando inteiramente à margem dos planos estatais e das empresas de comércio externo dos países envolvidos. Segundo um estudo da Unctae, até julho de 1987, 640 acordos deste tipo já estavam em operação na URSS e outros 114 já estavam acertados. (12)

Acompanhando todas estas medidas, as autoridades da URSS também reviram sua postura perante os organismos econômicos e financeiros internacionais do mercado capitalista. Em 1986, a URSS solicitou oficialmente a sua admissão no GATT (organismo que procura regular as relações de comércio no mercado mundial). A liderança soviética indicou, também, o seu interesse numa aproximação e até mesmo admissão ao FMI e ao Banco Mundial, seguindo, assim, os passos revisionistas da Polônia, Hungria e China. Em maio deste ano, uma delegação da URSS participou pela primeira vez de uma reunião do Banco Mundial em Paris.

Assim, as medidas implementadas pela *perestroika* de Gorbachev, no terreno das relações econômicas externas, cooam o processo de reintegração da economia soviética no mercado mundial, iniciado em meados da década de 50. Do ponto de vista teórico/ideológico, isto se expressa no que Gorbachev chamou de "novo pensamento" na política externa. A contribui-

ção "original" de Gorbachev neste terreno é a defesa aberta da necessidade de substituir a análise de classe da situação internacional por outra calcada nos "interesses gerais de toda a humanidade". (13)

A introdução da análise de classe dos fenômenos sociais, de forma profunda e conseqüente, foi uma contribuição e inovação fundamental da teoria marxista, sobretudo ao revelar os limites dos próprios pressupostos do liberalismo. Ela revelou a impossibilidade de garantir a plena realização humana e o florescimento da individualidade da **maioria** dos membros da sociedade, se estes objetivos **humanistas** estiverem desvinculados da perspectiva de suprimir a divisão dessa sociedade em classes. A análise de classe, marxista, é que dá ao humanismo bases reais e conseqüentes. Neste terreno, como em outros, Gorbachev dá um passo atrás em relação à autêntica revolução operada por Marx no pensamento social.

A conseqüência deste "novo pensamento" de Gorbachev é o abandono de qualquer vestígio de postura "antiimperialista". Ele mesmo deixa isso mais do que claro no seu famoso livro "Perestroika":

"Tenho repetido em inúmeras ocasiões que não alimentamos quaisquer animosidades em relação aos interesses ocidentais. Sabemos que o Oriente Médio, a

Ásia, a América Latina e outras regiões do Terceiro Mundo, assim como a África do Sul, são importantes para a economia norte-americana e da Europa Ocidental, em primeiro lugar como regiões fornecedores de matéria-prima. Não desejamos de modo algum, forçar o rompimento desses laços e tampouco provocar rupturas em relações de interesse econômico mútuo historicamente estabelecidos". (14)

No caso específico da América Latina, o raciocínio é o mesmo:

"Não faremos qualquer tentativa para nos beneficiarmos do sentimento antiamericano, não o estimularemos, nem temos qualquer disposição de intervir nos laços tradicionais que unem América Latina e EUA". (15)

Como se vê, de novo este pensamento não tem nada. Representa, na verdade, a aceitação da velha e conhecida política imperialista de partilha do mundo em esferas de influência. É justamente a negação da perspectiva **verdadeiramente nova** inaugurada pela revolução socialista soviética: a do rompimento com o mercado capitalista mundial, formado nos últimos seis séculos com base em mecanismos nada humanistas como a pilhagem colonial, o genocídio de povos indígenas, o monopólio mercantil, a troca desigual e, por fim, a espoliação do capital financeiro.

Notas

1. V.I. Lênin, "Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado", publicado nas suas Obras Escolhidas, Volume 2, Edições AVANTE!, Lisboa, 1978, p. 449.
2. V.I. Lênin, "As Tarefas Imediatas do Poder Soviético", publicado nas suas Obras Escolhidas, Volume 2, Edições AVANTE!, Lisboa, 1978, p. 567.
3. V.I. Lênin, "VIII Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia", publicado nas suas Obras Escolhidas, Volume 3, Edições AVANTE!, Lisboa, 1979, p. 413.
4. Alec Nove, "An Economic History of the URSS", Penguin Books, Middlesex, 1984, p. 89.
5. Ibid., p. 212.
6. J. Stálin, "Problemas Econômicos do Socialismo na URSS", Editora Anita Garibaldi, São Paulo, 1985, p. 26 e 27.
7. "Vneocherednoi XXI S'ezd KPSS. Stenograficheskii otchet 3", Gospolitizdat, Moscou, 1959, p. 160.
8. Este gráfico foi composto com dados extraídos dos relatórios dos bancos ocidentais, que constam dos seguintes artigos publicados pela Comissão Econômica Conjunta do Congresso norte-ameri-

- cano: J. Farrell, "Soviet Payments Problems in Trade with the West" (1973); P. Ericson e R. Miller, "Soviet Foreign Economic Behavior: a Balance of Payments Perspective" (1979); J. Meintyre "The USSR's Hard Currency Trade and Payment Position" (1987).
9. Este gráfico foi composto com base nos dados sobre a dívida externa soviética das fontes acima e nos dados oficiais soviéticos sobre o volume dos investimentos internos da sua economia para os anos correspondentes.
10. E. Obminsky, "Open for Stocktaking", International Affairs 8-1988, Moscou, p. 37.
11. Y. Konstantinov, "Can the Ruble Become a Convertible Currency?", International Affairs, 3-1988, Moscou.
12. Unctad, "USSR New management mechanism in foreign economic relations", UNCTAD/ST/TSC/10, 2 de outubro de 1987, p. 12.
13. M. Gorbachev, "Perestroika", Editora Best Seller, São Paulo, 1987, p. 169.
14. Ibid., p. 209.
15. Ibid., p. 222.

A experiência da NEP e a farsa histórica de Gorbachev

“Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caussidière por Danton, Luís Blanc por Robespierre, a Montanha de 1848-1851 pela Montanha de 1793-1795, o sobrinho pelo tio”. A história encena neste momento a mesma caricatura constatada por Karl Marx na abertura do seu livro “O 18 Brumário”, também em circunstâncias que caracterizam um retrocesso em sua marcha. Desta vez os personagens são Gorbachev, que se faz passar por Lênin, e sua *perestroika*, apresentada

como uma Nova Política Econômica (NEP). A comédia é complementada por figurantes de parentesco indiscutível: à NEP correspondiam os *nepmans*, caricaturados hoje com inegável talento pelos agentes sociais da *perestroika* — no campo os *kulaks* são representados pelos novos proprietários particulares; nas cidades, renascem pequenos empreendimentos capitalistas; e as concessões ao capital estrangeiro estão na multidão de *joint-ventures* instaladas no território soviético. A diferença entre um e outro momento, que transforma a repetição numa farsa, é que os *nepmans*, sob Lênin, viviam sitiados; sob Gorbachev os novos *nepmans* estão no poder.

Agenor da Silva * e
Umberto Martins **

As medidas econômicas que estão sendo aplicadas hoje por Gorbachev na União Soviética conduzem à plena restauração do mercado como mecanismo regulador da produção e da propriedade privada. Ao lado das empresas estatais estão surgindo empresas privadas com total liberdade de comercializar suas mercadorias. Meios de produção voltam a ser comprados e vendidos sem restrições. Ensaia-se, inclusive, a venda de empresas através da criação de bolsas de valores. Está em pleno desenvolvimento a liberalização dos mercados financeiros.

E tudo isto é apresentado como um avanço, uma nova etapa do desenvolvimento do socialismo, em que se integram no regime socialista as “vantagens” do capitalismo e se cria uma sociedade sem as “malvadezas” do “Estado stalinista”, onde o lucro era proibido e toda a produção era realizada nas estatais e nas cooperativas.

Gorbachev conjura em seu auxílio o espírito de Lênin. No seu já famoso livro (“Perestroika-

novas idéias para o meu país e o mundo”) sustenta que está “voltando a Lênin, fonte ideológica da *perestroika*” e, aparentando humildade, compara: “Talvez este seja o programa de reforma mais importante e radical que nosso país já teve desde que Lênin introduziu sua *Nova Política Econômica*, em 1921”.

Seus fiéis escudeiros, os economistas da *perestroika*, tratam de complementar o raciocínio do chefe argumentando que o fim da NEP constituiu um trágico desvio do leninismo. Em entrevista à revista “Tempos Novos” (nº 50), por exemplo, o economista e professor Nikolai Chmeliov ensina que todos os males da União Soviética surgiram “quando começou a desmontagem da Nova Política Econômica (NEP). Até então, o modelo leninista da economia socialista funcionou esplendidamente.”

Na coletânea “El fenómeno Stálin” (publicado pela “Editorial de la Agência de Prensa Novosti”, em 1988) Anatoli Butenko, doutor em filosofia, assim descreve o suposto desvio: “Depois do desaparecimento físico de Lênin, Stálin em numerosas ocasiões abandonou as idéias leninistas. Assim, ele interpretou à sua maneira a Nova Política Econômica que propunha

edificar o socialismo com a ajuda dos métodos econômicos. Para Stálin a NEP não era mais que um ‘retrocesso temporário’ que de pronto ele liquidou.”

A lógica é simples, e de uma clareza meridiana: se o mal provém de Stálin e o desvio está no abandono da NEP, cumpre recuperar o leninismo restaurando a NEP de forma que se possa “edificar o socialismo com a ajuda dos métodos econômicos”. E quem melhor que Gorbachev para representar Lênin? Como se vê, a referência à NEP pelos líderes da *perestroika* não é casual, menos ainda quando se verifica que foram ressuscitadas também categorias sociais características da Nova Política Econômica implantada em 1921 — são novos *nepmans*, cujos interesses estão fielmente representados nas idéias de Gorbachev e Cia.

A NEP, que substituiu o comunismo de guerra (1918-21), foi de fato um instrumento indispensável ao soerguimento e desenvolvimento das forças produtivas e à consolidação do poder proletário instalado em 1917 na Rússia. Não obstante, foi um conjunto de concessões — e em expressiva escala — ao capitalismo. Consistiu na implantação de mecanismos e métodos evidentemente capitalistas, daí

também o paralelo de Gorbachev. E se foi um fator de progresso durante a vida de Lênin, por que não seria agora?

Para o marxismo não constitui segredo o aparente paradoxo da Nova Política Econômica. A NEP foi a forma de estabelecer na Rússia daquele período uma relação de correspondência e harmonia entre forças produtivas e relações de produção. Na ocasião, os dirigentes soviéticos se orientaram segundo uma conhecida observação de Karl Marx: “Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que cabem dentro dela e jamais aparecem novas e mais elevadas relações de produção antes que as condições materiais para a sua existência tenham amadurecido no seio da própria sociedade antiga”.

Como se sabe, a Rússia que os revolucionários herdaram era um país capitalista atrasado, inculto, onde subsistiam em larga escala formações econômicas pré-capitalistas. Ao lado disto, os anos de guerra e de bloqueio causaram um dano apreciável à economia, calculados pelo historiador Iván Katorguin (no livro “Experiência histórica de aplicação da NEP pelo PCUS”, 1975, Editorial Progresso), “segundo dados incompletos”, em 76.544.970.000 rublos ouro, o que equivalia a “mais da metade da riqueza nacional de que dispunha o país em 1913”.

A produção global da indústria russa em 1920 era sete vezes menor do que o nível de pré-guerra; a extração de minérios, 73 vezes inferior; a colheita total de

cereais correspondia a 57,5% da de 1913. A parte correspondente à Rússia na produção mundial diminuiu de 2,6% naquele ano para 0,5% em 1921. Entre 1915 e 1921 o campo obteve menos maquinaria e equipamentos do que em apenas um ano antes da guerra.

O campo abrigava 84,5% da população, com milhões de minúsculas e pequenas propriedades, depois da expropriação dos latifundiários em 1917. Eram 17.786.000 fazendas, das quais 62,7% pequenas, 23% médias e 14,2% mais prósperas. No campo de batalha a Rússia perdeu 14 milhões de pessoas; fome, epidemias e falta de assistência médica mataram 17,4 milhões. Em 1920 a população total era de 134 milhões, tendo sido de 159,2 milhões em 1913. Em 1920-21 trabalhavam na grande indústria russa 1.188.600 operários contra 2.428.800 em 1917 e 3,5 milhões em 1913.

Diante do quadro de atraso e destruição de forças produtivas o poder proletário estaria condenado ao fracasso se mantivesse a orientação econômica adotada no período de “comunismo de guerra”. “Nosso ‘comunismo’, demasiado apressado, linear e não preparado”- escrevia Lênin— “foi produto da guerra e da impossibilidade de obter mercadorias e fazer marchar as fábricas”.

Nessas condições, a NEP foi uma política que evidenciou a extrema habilidade dos revolucionários e do partido marxista russo, a capacidade de usar em proveito do poder soviético, do socialismo, medidas que, no campo econômico, estabeleciam mecanismos capitalistas, a

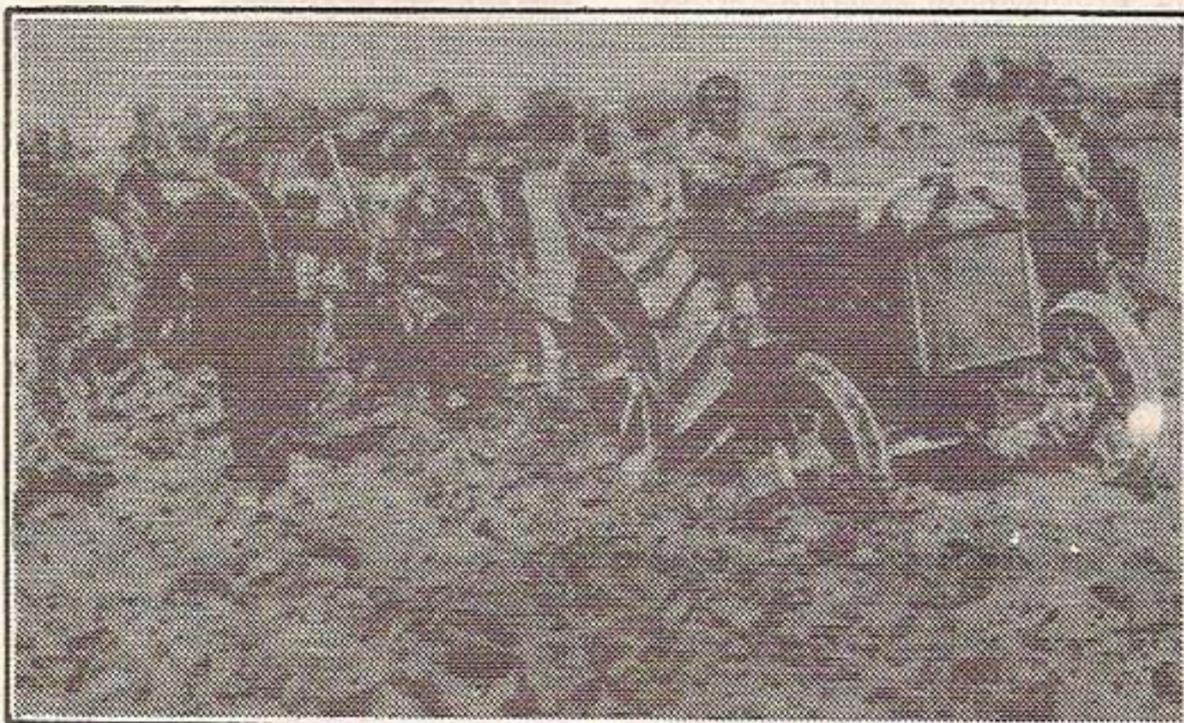
sagacidade de colocar a serviço da classe operária os interesses cegos da burguesia, que ajudaram o país a progredir.

Lênin salientava: “Como ainda não dispomos de força para realizar a passagem direta da pequena produção individual ao socialismo, o capitalismo, consequência natural da pequena produção e das trocas, é indispensável até certo ponto”, acrescentando: “Somos estúpidos e fracos; tomamos o hábito de dizer que o socialismo é um bem e o capitalismo, um mal. Mas o capitalismo só é um mal em relação ao socialismo; em relação à Idade Média em que se detém a Rússia, o capitalismo é um bem”. A NEP não foi bem compreendida por todos, de forma que “entre algumas pessoas surgiram queixas, desencanto, abatimento, indignação”, conforme as observações de Lênin. Trotski, por exemplo, em 1923 divulgava a aberrante opinião de que “a NEP é uma política forçada pelo ritmo lento da revolução mundial”.

As opiniões leninistas de que a nova política “no sentido econômico e político nos assegura a plena possibilidade de construir o fundamento da economia socialista”, assim como assegura “o auge máximo das forças produtivas e o melhoramento da situação dos operários e camponeses”, foram comprovados pela história.

As taxas de crescimento anual da indústria durante os primeiros cinco anos da NEP são ilustrativas: 42,1% em 1921; 30,7% em 1922; 52,9% em 1923; 16,4% em 1924; e 66,1% em 1925. O incremento da produção de máquinas agrícolas também foi acentuado. A produção de arados em 1925 era 6,3 vezes maior que em 1921; secadoras e colhedoras, 10,8 vezes mais; moedoras e selecionadoras, 31,5 vezes; máquinas trilhadoras, 36,5 vezes; gradadoras, 28 vezes. De 1923 a 1925 as fábricas Krasny e Putilovets de Leningrado e a fábrica de locomotivas de Jarkov lançaram os primeiros 550 tratores russos. E em 1925 o campo (que progredia, tendo a área semeada alcançando 88% do nível de 1913 naquele ano e a produção de cereais ultrapassado a dos anos anteriores à guerra) recebeu maior quantidade de máquinas agrícolas do que em qualquer ano pré-belico.

Apesar da abertura para a



O primeiro trator numa aldeia soviética, em 1925

produção capitalista, a burguesia sofria sérias restrições do poder proletário. Vivia sitiada. As concessões ao capital estrangeiro, por exemplo, ocorriam sob normas rigorosas. Em 1922, entre mais de 300 proposições de empreendimentos feitas por empresários de outros países apenas 14 foram consideradas admissíveis; em 1923, entre 600 propostas, foram aceitas apenas 44, sendo que 17 foram anuladas em pouco tempo devido ao fato de que os capitalis-

As concessões durante a NEP foram submetidas a um rigoroso controle pelo poder proletário

tas não cumpriram as obrigações estipuladas pelos revolucionários.

Em 1925 havia na Rússia apenas 92 concessões ao capital estrangeiro, nas quais trabalhavam ao redor de 54 mil operários. A burguesia engordava com a NEP, mas a produção da indústria socialista evoluía muito mais rapidamente. Em 1925/1926 as concessões não representavam mais do que 0,4% da produção global do país, enquanto as empresas capitalistas privadas, em seu conjunto, respondiam apenas por 3,62% de forma que o produto se repartia da seguinte forma (em rublos, segundo os preços de 1926):

Setor	produção total	
	1923/24	1925/26
Estatual	4.064,5	8.531
Cooperativa	210	610
Privado	193	391

Uma resolução do XIV Congresso do PC (b) da URSS descrevia da seguinte forma o fenômeno: “o crescimento absoluto do capital privado, com um descenso relativo de seu papel... o crescimento das fazendas dos *kalaks* na aldeia paralelamente a uma mais acentuada diferenciação nelas; o crescimento da nova burguesia urbana que trata de unir-se economicamente com as empresas capitalistas comerciais e as fazendas dos *kulakas* na luta para subordinar o grosso das fazendas e dos camponeses médios”.

“Ao implantar a NEP, o partido previu a inevitabilidade de uma luta encarniçada na frente econômica entre o socialismo em construção e o capitalismo renascente, luta que se desenvolverá

segundo o princípio ‘quem vencerá quem?’”, como destacou o historiador soviético Ivan Katorguin.

Lênin não só compreendia muito bem isto como também tinha uma posição muito nítida a respeito. No texto “Sobre as tarefas do Comissariado do Povo de Justiça durante a aplicação da NEP”, ele assinalava: “Temos que reconhecer que não valem nada aqueles comunistas que não tenham compreendido sua tarefa, consistente em limitar, refrear, controlar, colher em flagrante delito e castigar severamente a **todo capitalismo** que ultrapasse o marco do capitalismo do Estado — é assim como entendemos o conceito e as tarefas do Estado (...) **Castigar sem piedade, até o fuzilamento, e rapidamente** por abusar da Nova Política Econômica” (os grifos são do próprio autor). Convenhamos que é uma abordagem bem distinta da *perestroika* do senhor Gorbachev.

O controle da produção é o primeiro passo na direção de um novo regime e do socialismo

É preciso dizer, ainda, que em nenhum momento o Estado perdeu o controle sobre a economia. Diferentemente das revoluções burguesas, quando o proletariado toma o poder político não se encontra na sociedade nada de relações socialistas de produção. O proletariado tem, portanto, de construir a base econômica do novo modo de produção, que corresponde à socialização dos meios de produção, à implantação da propriedade coletiva, social, sobre os meios de produção. Neste período, o proletariado, mesmo detendo o poder de Estado e o controle da economia, terá que conviver ainda com formas de produção não socialistas.

As primeiras medidas econômicas do poder proletário destinam-se, antes de tudo, a estabelecer o controle sobre a produção e distribuição, incluindo medidas como a estatização do sistema bancário e do comércio externo, o estabelecimento de um sólido sistema de abastecimento, a nacionalização das empresas de capital estrangeiro e das terras, entre outras.

O período inicial do poder proletário na Rússia comportou ainda a convivência com o capitalismo na forma de capitalismo de Estado, com concessões à burguesia para propiciar o crescimento da produção, o que é um imperativo para o fortalecimento do poder proletário. E por isto Lênin declarava em 1921: “o interesse principal e mais fundamental do proletariado depois de haver conquistado o poder estatal é o aumento da quantidade de produtos e a elevação em grande escala das forças produtivas”.

Não se trata simplesmente de administrar o aumento da produção nos marcos do regime capitalista. Todo o esforço inicial tem como objetivo consolidar o poder proletário para passar à socialização dos meios de produção. Assim, no informe pronunciado no IV Congresso da Internacional Comunista, em novembro de 1922, fazendo um balanço dos cinco anos de Revolução Russa, Lênin acentua: “para nós, o mais importante era preparar, no aspecto econômico, a economia socialista. Não podíamos prepará-la diretamente e nos vimos obrigados a fazê-lo de modo indireto.”

As experiências das revoluções socialistas têm demonstrado que a socialização dos meios de produção na indústria é implantada de maneira relativamente mais fácil e também muito mais rapidamente. A NEP, como política, perdurou até 1929 e ao término de 1933 toda a indústria soviética estava socializada.

Uma vez que as forças produtivas foram restabelecidas e atingiram um grau mais elevado era um imperativo do seu próprio desenvolvimento a alteração das relações de produção. As formas capitalistas não mais constituíam fator de progresso, estavam superadas historicamente e se revelavam sério obstáculo ao crescimento econômico. Era, portanto, a vez da política de liquidação das formas capitalistas — e, por conseqüência, das categorias sociais a elas correspondentes.

No campo isto ocorreu por meio da coletivização da agricultura. O proletariado no poder não pode conviver por um longo período com a pequena produção mercantil. Esta configura-se como importante base de apoio para o desenvolvimento do

capitalismo, não somente na sua forma clássica como também como elemento de deformação da base e da superestrutura socialista.

Na economia o problema básico é a circulação de mercadorias, que tem de ser restringida

O centro da polêmica, do ponto de vista econômico, localiza-se na circulação de mercadorias no socialismo. As concessões ao mercado na época de Lênin eram vistas somente como preparação para a efetiva socialização de todos os meios de produção. Abordando a questão em relação ao campo, ele argumentava: "Com a NEP fizemos uma concessão ao camponês como comerciante, fizemos uma concessão ao princípio do comércio privado. Disto precisamente emana (ao contrário do que crêem alguns) a gigantesca importância da cooperativa". Ou seja, era preciso desenvolver ao mesmo tempo formas socialistas de produção.

O processo de coletivização da agricultura, que no fundamental foi concluído em 1933/34, não só elevou o nível de vida dos camponeses como, ao mesmo tempo, propiciou o crescimento da produtividade no campo e garantiu a mecanização em larga escala da produção nas fazendas. Com a estrutura fundiária anterior à coletivização — pequenas e minúsculas propriedades, ao lado das fazendas do *kulak* (burguesia rural) — era impossível dotar a agricultura de máquinas e de uma técnica moderna, bem como aumentar o fornecimento de alimentos à cidade. A indústria estaria condenada ao atraso, as forças produtivas recuariam se o governo soviético não iniciasse a tempo o processo de coletivização.

Os dados sobre evolução da produção, do nível de vida de operários e camponeses e outros, apesar dos abalos decorrentes da violenta luta de classes entre a ditadura do proletariado e os *kulaks* (dezenas de milhões de cabeças de bovinos, eqüinos, suínos e ovinos foram mortas durante o período de coletivização pelos *kulaks*, que recorreram a todo tipo de sabotagem contra o governo), comprovam a superiori-

dade das relações de produção socialistas sobre as capitalistas.

O próprio Gorbachev, apesar de, na prática, promover um ataque sem disfarce às cooperativas e fazendas estatais (restaurando a propriedade privada no campo), não pôde deixar de reconhecer em seu livro "Perestroika" a "importância, necessidade e inevitabilidade da coletivização em nosso país".

"A coletivização", escreveu "criou uma base social para atualizar o setor agrícola da economia e possibilitou a introdução de métodos modernos de agricultura. Garantiu o aumento da produtividade e um crescimento ulterior do rendimento que não teríamos obtido se o campo tivesse sido deixado intato em seu estado anterior, realmente medieval". O XIX Congresso do PC (b) da URSS, realizado em outubro de 1952, constatava que, após o crescimento ininterrupto da produção nos anos posteriores à Segunda Guerra, a agricultura soviética tornara o país autosuficiente em alimentos e outros produtos agropecuários.

A coletivização, contudo, não significou que as relações de produção no campo tinham atingido seu último patamar. Exatamente por ser o socialismo o regime de transição entre capitalismo e comunismo, mesmo após o processo de coletivização persiste ainda a produção mercantil. As cooperativas, cuja forma de propriedade correspondente é a de um grupo de cooperados, vendem sua produção para o Estado obtendo deste recursos na forma dinheiro, que são distribuídos entre os membros da empresa de acordo com o trabalho que cada um realizou. Deriva daí o caráter socialista das cooperativas — da distribuição segundo o trabalho, forma que corresponde ao nível de desenvolvimento das forças produtivas durante a passagem ao comunismo.

As relações econômicas entre esses dois setores da produção socialista — o estatal e o cooperativista — são fundamentalmente mercantis, a exemplo do que ocorria com a circulação dos meios de consumo e com o comércio exterior, os produtos

trocados entre cooperativas e Estado, com a exceção dos meios de produção, assumiam a forma de mercadorias.

A questão econômica central no período de passagem do socialismo ao comunismo relaciona-se à circulação de mercadorias e resolve-se com a elevação do nível das relações de produção. A produção mercantil — e com ela, a circulação de mercadorias — é, como dizia Stálin, incompatível com a perspectiva e com a sociedade comunistas.

Kruschev andou para trás, o resultado foi a crise e perda da autosuficiência agrícola

No caso da agricultura cabia elevar o nível da propriedade cooperativa ao de propriedade de todo o povo, tal como sustentava Stálin e indicava o XIX Congresso do Partido Comunista soviético. Ao chegar ao poder, contudo, Kruschev revisou esta orientação política, transformou inclusive os meios de produção em mercadorias (ao transferir as Estações de Máquinas e Tratores às cooperativas), ampliando com isto a área de atuação da produção mercantil e preparando o caminho para a crise da agricultura. Há muito a União Soviética deixou de ser autosuficiente em produção agropecuária, os gêneros escasseiam em todo país e convive-se continuamente no campo com que queda do produto. Até mesmo o historiador revisionista Medvedev, apesar de detestar Stálin, em sua biografia de Gorbachev atribui a crise da agricultura soviética àquela decisão de Kruschev.

A experiência histórica mostra que as relações de produção capitalistas, embora sejam progressistas em certos estágios e condições históricas, são infinitamente menos desenvolvidas que as socialistas; constituem um entrave ao crescimento econômico e conduzem inapelavelmente à crise. Muito mais num país que já havia percorrido a fase de transição do capitalismo ao socialismo. É só observar a evolução da economia na URSS desde Kruschev (veja matéria na página 23) para se convencer disto.

Gorbachev e seu 'moinho satânico'

José Carlos Ruy* e Antonio Martins**

A ação das "forças de mercado" é imprescindível à eficiência de qualquer sistema econômico? A democracia parlamentar baseada no voto secreto é o método político que melhor reflete os interesses do povo? Por pensar que a resposta a estas duas perguntas é sim, parte expressiva da opinião pública apóia a *perestroika* e a *glasnost* de Gorbachev.

Há mais de um século, no entanto, Marx e Engels já haviam desmistificado tanto o sistema parlamentar burguês quanto o mercado, demonstrando que ao invés de impulsionar eles impedem a construção de uma nova sociedade. O mercado, em especial, chegou a ser chamado de "moinho satânico", mesmo por pensadores progressistas não ligados diretamente ao marxismo, que estudaram sua ação devastadora contra os trabalhadores.

Em fins de 1978, quando uma greve geral dos metalúrgicos da cidade de S. Paulo ameaçou abalar os alicerces da política de arrocho salarial mantida pelos governos militares, o então presidente do sindicato, Joaquim dos Santos Andrade, que mantinha vínculos estreitos e evidentes com a ditadura, alterou repentinamente o processo de tomada de decisões pela categoria, introduzindo o voto secreto como instrumento de deliberação. Isso ajudou a abortar o movimento grevista. Joaquim dissolveu uma assembléia dos metalúrgicos e, depois de discursar aos operários advertindo-os contra a continuidade da paralisação, forçou-os a pronunciarem-se sobre o prosseguimento da greve *individualmente*, na cabine eleitoral. Impedidos de opinar coletivamente sobre algo que era essencial para sua luta, os operários acabaram, em sua maioria, dizendo *não* à greve. O método

* Jornalista, cientista político e colaborador de "Princípios"

** Redator de "A Classe Operária" e colaborador de "Princípios"

de Joaquim — que alias está reproduzido na lei de greve que o governo Sarney acaba de enviar ao Congresso — foi condenado unanimemente pelos militantes progressistas.

No início de 1989 o secretário geral do PCUS, Mikhail Gorbachev, anunciou uma reforma política de grandes proporções na União Soviética. A principal característica das mudanças era a introdução do voto individual e secreto como método fundamental para a democracia. O debate aberto entre o povo no interior dos conselhos populares, prática que *formalmente* ainda era o alicerce do sistema político do país, foi abandonado. Gorbachev foi calorosamente saudado pelos veículos de comunicação e pelos políticos conservadores, como era de se esperar. Mas além disso a maioria dos ativistas da esquerda não viu em suas decisões nada que ferisse a democracia socialista, e sim "um

aperfeiçoamento das instituições políticas soviéticas".

Registrar a mudança de atitude de amplas parcelas do povo em relação à decisão de Joaquinão e à de Gorbachev é importante, mais pelo que esta mudança tem de simbólico que pelos fatos em si. O período compreendido entre as duas datas coincide com mais uma ampla ofensiva ideológica desencadeada no mundo inteiro pelas forças conservadoras contra o marxismo, e que surtiu efeito mesmo entre setores da opinião progressista. De um modo geral disseminou-se neste último período a idéia de que o socialismo, embora seja um modo de produção teoricamente mais "justo" revelou-se uma catástrofe quando se tentou aplicá-lo à vida social concreta.

O socialismo teria se revelado um sistema social *ineficiente* tanto para concretizar o aumento da produção de bens e a melhora constante das condições de vida quanto para esta-



Mulheres soviéticas oferecem seus produtos numa feira em Moscou. Para Marx, comércio livre não é compatível com sociedade nova.

belecer formas de participação política que se igualassem às que estão em vigor há séculos nas grandes democracias ocidentais. Uma declaração feita a um grupo de economistas brasileiros em agosto de 1988 por Abel Aganbenguián, considerado o principal teórico da *perestroika* seria a demonstração cabal deste fracasso. "Senhores, é justamente o padrão de vida do cidadão americano que queremos para o nosso povo", disse ele.

Certamente o fracasso de inúmeras experiências socialistas tentadas neste século permitiu que a burguesia obtivesse sucesso inegável em seu esforço para "demonstrar" que o modo de produção capitalista não é algo próprio de uma determinada época histórica, e sim de um sistema "natural", derivado da própria condição humana e por isso indispensável para assegurar o bem-estar e o progresso.

Entretanto, as bases desta teoria foram lançadas em meados do século XVIII pelo economista inglês Adam Smith. Smith, que viveu uma fase inicial do capitalismo, foi um dos teóricos da apropriação privada das riquezas. Ele não pôde enxergar outra forma de organizar a vida social. Smith pensava que a satisfação das necessidades coletivas não era algo que pudesse ser feito consciente e coletivamente pelos homens. Cada ser humano, argumentava ele, é capaz de raciocinar e agir apenas segundo seu próprio interesse egoístico. No entanto, os resultados do trabalho de cada indivíduo encontram-se, relacionam-se entre si obrigatoriamente no *mercado capitalista*, uma instituição que possui uma espécie de *mão invisível*, um mecanismo, que é inteiramente independente da ação consciente dos homens, mas que é capaz de fazer com que as ações individuais egoísticas atendam, em seu conjunto, às necessidades sociais, promovendo a felicidade coletiva.

Os seguidores modernos de Adam Smith vêem o mercado e sua "mão invisível" como algo universalmente capaz de estimular a iniciativa e garantir a eficiência, tanto dos indivíduos quanto das empresas. Uma empresa só é capaz de continuar

funcionando e de prosperar, dizem eles, se der lucro. E ela só dá lucro se for capaz de atender às necessidades da sociedade, expressas através do mercado. Da mesma forma, acrescentam, os trabalhadores são levados a competir uns com os outros para atender mais eficazmente às necessidades do mercado de trabalho, e ganhar mais.

Segundo este mesmo raciocínio, o socialismo, que para os conservadores se resume em "estatismo", é um modo de produção incapaz de promover o progresso, porque desconhece essa "natureza humana", conduz à ineficiência das empresas, e freia a iniciativa dos indivíduos. As primeiras são submetidas ao planejamento estatal, que inibe a iniciativa própria. Os segundos deixam de contar com o único mecanismo capaz de impedir que sejam indolentes. Como não temem o desemprego (porque o socialismo assegura o pleno emprego), perdem os estímulos para se desenvolverem pessoal e profissionalmente, que resultariam da concorrência. Outro fator destes desestímulos à tendência ao igualamento salarial, existente na sociedade socialista.

Que é mais democrático: o voto secreto, na cabine indevassável, ou debate nos conselhos?

A argumentação ideológica dos apologistas do capitalismo não se limita a anunciar a inviabilidade do modo de produzir do socialismo. Ela investe também contra a forma de organização política socialista, e procura igualmente apresentar a democracia burguesa como algo a-histórico, eterno, como a forma acabada e mais desenvolvida de organização política. Eles silenciam a respeito dos limites desse sistema, onde a participação política da esmagadora maioria dos indivíduos esgota-se na cabine eleitoral. A tarefa de administrar o Estado, mesmo nas democracias burguesas mais avançadas, cabe a um grupo restrito de pessoas, os políticos profissionais.

A propaganda da direita, porém, procura afirmar que a "natureza do homem" é incapaz de convi-

ver com um sistema melhor. A alternativa, diz ela, seria um regime de Estado onipresente, onde as opções individuais seriam inapelavelmente sufocadas pelos burocratas de plantão, ou pelas massas ensandecidas. No Brasil, durante os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, por exemplo, os políticos conservadores e a grande e imprensa foram unânimes em anunciar a existência de graves ameaças à "democracia" quando entidades sindicais organizaram manifestações para pressionar os parlamentares e espalharam cartazes apontando aos eleitores os deputados que haviam votado contra os interesses populares. A prosseguirem estas práticas, dizia-se, estaria aberto um caminho capaz de conduzir rapidamente à derrocada das instituições, e ao "totalitarismo".

É inegável que quando Gorbachev anunciou a *perestroika* os conservadores, que já se encontravam em campanha aberta contra as formas de organização econômica e política propostas pelo marxismo, viram no fato a confirmação de todas as suas teses. As mudanças anunciadas pela União Soviética significavam a revisão declarada das idéias de Marx que guardavam incompatibilidade com o modo de produção capitalista. Era como se partisse, do país que as massas haviam se acostumado a ver como símbolo do socialismo, a confirmação de uma outra grande tese conservadora: a idéia de que o marxismo é, nos tempos "modernos" que vivemos, uma ideologia ultrapassada, útil apenas se puder ser esvaziada de seu conteúdo revolucionário; se puder ser empregada para "melhorar" a sociedade capitalista "eterna", que só pode funcionar eficientemente quando respeita o mercado, preserva as formas de democracia burguesa e elimina a igualdade entre os homens.

"O mercado tem um papel insubstituível na economia", afirmou Vadim Medvedev, novo ideólogo oficial do PCUS. "Falar em certas idéias marxistas neste final de século chega a ser ridículo" - disse no Rio de Janeiro o filósofo soviético Alexandre Cipko. "Devemos perguntar o que ficou do marxismo. Sem dú-

vida ficaram valores humanísticos”.

Esta declaração de falência da essência revolucionária do marxismo, como todas as que foram feitas desde o século passado, precisa ser demonstrada. O próprio Marx destacou certa vez o que pensava ser o mérito de sua obra. Em carta dirigida a José Weidemeyer, líder socialista na Alemanha e nos Estados Unidos, ele afirmou: “No que me refere, não me cabe o mérito de ter descoberto a existência das classes na sociedade moderna, nem a luta entre elas. (...) O que eu trouxe de novo foi demonstrar: 1) que a existência das classes só ocorre em determinada fase da história da produção; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura não é mais que a transição até a abolição de todas as classes, e até uma sociedade sem classes”.

Marx e Engels estudaram a sociedade capitalista numa fase posterior à vivida por Adam Smith. Puderam analisar muito mais profundamente seus fundamentos e foram capazes de identificar inúmeros erros e insuficiências nas conclusões do economista inglês, cujos compromissos burgueses faziam-no cego para as mazelas do capitalismo.

Eles demonstraram, por exemplo, que o mercado não é algo inerente à sociedades humanas, mas um mecanismo que atua apenas durante uma fase histórica precisa, e torna-se absoluto com o capitalismo. E a partir desta formação social, onde as forças produtivas e a divisão do trabalho já alcançaram certo grau de desenvolvimento, que os homens passam a produzir não mais para si próprios, mas principalmente para vender seus produtos no mercado. Tais produtos são, por isso, *mercadorias*, e a própria força de trabalho se transforma numa mercadoria capaz de produzir outras.

As relações de troca entre as mercadorias parecem “provir da natureza dos produtos”, diz Marx. Porém, ele esclarece que o caráter de mercadoria de que se revestem todos os produtos, visto como “natural”, é resultado de relações sociais próprias de um modo de produção espe-

cífico, o capitalismo. A transformação dos produtos em mercadorias não é, portanto, algo “trivial”, existente desde que o homem se organizou em sociedade. Ela é fruto de uma época em que o dinheiro (a mercadoria das mercadorias) se transforma na medida de todas as coisas. Uma época em que bens, sentimentos, honra, a dignidade pessoal, as numerosas liberdades, as ilusões religiosas e políticas, as atividades reputadas veneráveis, tudo se torna vendável e comprável.

Fala o filósofo da *perestroika*: “certas idéias marxistas chegam a ser ridículas”

Marx e Engels demonstraram além disso, e já no século passado, que as sociedades baseadas no mercado representam a partir de certo ponto um entrave para o desenvolvimento das forças produtivas. “Toda sociedade baseada na produção de mercadorias” — diz Engels em sua célebre obra, o “Anti-Dühring” — “apresenta a particularidade de que nela os produtores perdem o comando sobre suas próprias relações sociais. Cada qual produz para si, com os meios de produção de que consegue dispor, e para as necessidades do seu intercâmbio privado. Ninguém sabe qual a quantidade de artigos do mesmo tipo que os demais lançam no mercado, nem a quantidade que o mercado necessita; ninguém sabe se o seu produto individual corresponde a uma procura efetiva, nem se poderá cobrir os gastos, nem sequer, em geral, se poderá vendê-lo. A anarquia impera na produção social”.

Esta crítica ao mercado foi secundada por outros estudiosos, que mostraram a consequência da ação da “mão invisível” sobre os trabalhadores. O economista austríaco Karl Polanyi, um acadêmico progressista, escreveu em 1944, numa obra notável (“A grande transformação: as origens de nossa época”) que “em termos ligeiramente mais técnicos, é uma economia dirigida pelos preços do mercado e nada além dos preços do mercado”.

Polanyi faz um retrospecto da introdução da economia de mercado na Europa Ocidental, depois do século XVIII, e mostra a forte resistência que ela encontrou. “A sociedade resistiu, inconscientemente, a qualquer tentativa de transformá-la em mero apêndice do mercado”, diz ele. “A transformação implicava numa mudança da motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio em cada articulação da vida industrial. Todas as rendas devem derivar da venda de alguma coisa e, qualquer que seja a verdadeira fonte da renda de uma pessoa, ela deve ser vista como resultante de uma venda”.

Polanyi descreve essa economia como um “moinho satânico” que “triturou os homens transformando-os em massa”. Longe de ser uma característica “natural” e “eterna” do homem, a economia de mercado, baseada no dinheiro e no louro, foi imposta cruamente aos homens desde suas primeiras manifestações, no final da Idade Média. Marx descreve, em *O Capital* (cap. XXIV, item 3), a legislação sanguinária adotada desde o século XV em toda a Europa Ocidental, contra os camponeses expulsos de suas terras e transformados “em massas de esmoleiros, assaltantes, vagabundos”. Durante os 38 anos do reinado de Henrique VIII, na Inglaterra (1509-1547), foram executados 72 mil pequenos e grandes ladrões, carnificina que continuou sob os reinados seguintes. Nos outros lugares da Europa, não era diferente. A transformação gradual dos pobres em “uma classe de trabalhadores livres” foi o resultado conjunto da feroz perseguição à vagabundagem e do patrocínio da indústria doméstica, poderosamente auxiliados pela contínua expansão do comércio exterior”, diz Polanyi.

Como se viu até aqui a economia de mercado não é portanto, algo “natural” nem “próprio do ser humano”. Ao contrário, sua implantação foi uma

calamidade para os trabalhadores e outros setores sociais, e encontrou intensa resistência. É por isso que Marx e Engels propuseram não a “humanização” e sim a destruição do capitalismo, da economia de mercado. E é necessário esclarecer pontos fundamentais a respeito do modo de produção e do sistema político que eles propuseram em seu lugar.

Marx e Engels, ao contrário de Adam Smith, enxergaram já no fim do século passado que o próprio capitalismo criava condições para o surgimento de um novo modo de produção, onde o atendimento das necessidades sociais seria garantido através não mais da “mão invisível do mercado”, e sim do planejamento consciente feito pelos próprios homens.

Eles enxergaram que sob o capitalismo “a anarquia da produção social aguça-se cada vez mais”. Mas que ao mesmo tempo a burguesia, ao desenvolver como em nenhuma época anterior a produção de mercadorias, não podia fazê-lo sem “transformar os meios de produção em *meios sociais*, só manejáveis por *uma coletividade de homens*”.

“A roça, o tear manual e o martelo do ferreiro foram substituídos pela máquina de fiar, pelo tear mecânico, pelo martelo movido a vapor; a oficina individual deu lugar à fábrica, que impõe a cooperação de centenas e milhares de operários. (...) O fio, as telas, os artigos de metal que agora saíam da fábrica eram produto do trabalho coletivo de um grande número de operários, por cujas mãos tinham de passar sucessivamente para a sua elaboração. Já ninguém podia dizer: isto foi feito por *mim, este produto é meu.*”

A produção é obra portanto de *um coletivo* de trabalhadores. Porém, ela é apropriada *individualmente* pelo capitalista. A anarquia ainda impera na produção social — e pela primeira vez desde que o homem se organizou em sociedades — os produtos são fabricados de forma *coletiva e organizada*, embora sob a direção de um único capitalista.

São estes dois antagonismos que serão responsáveis pelas crises do capitalismo, e que torna-

rão seu fim não apenas algo realizável, mas também uma necessidade histórica.

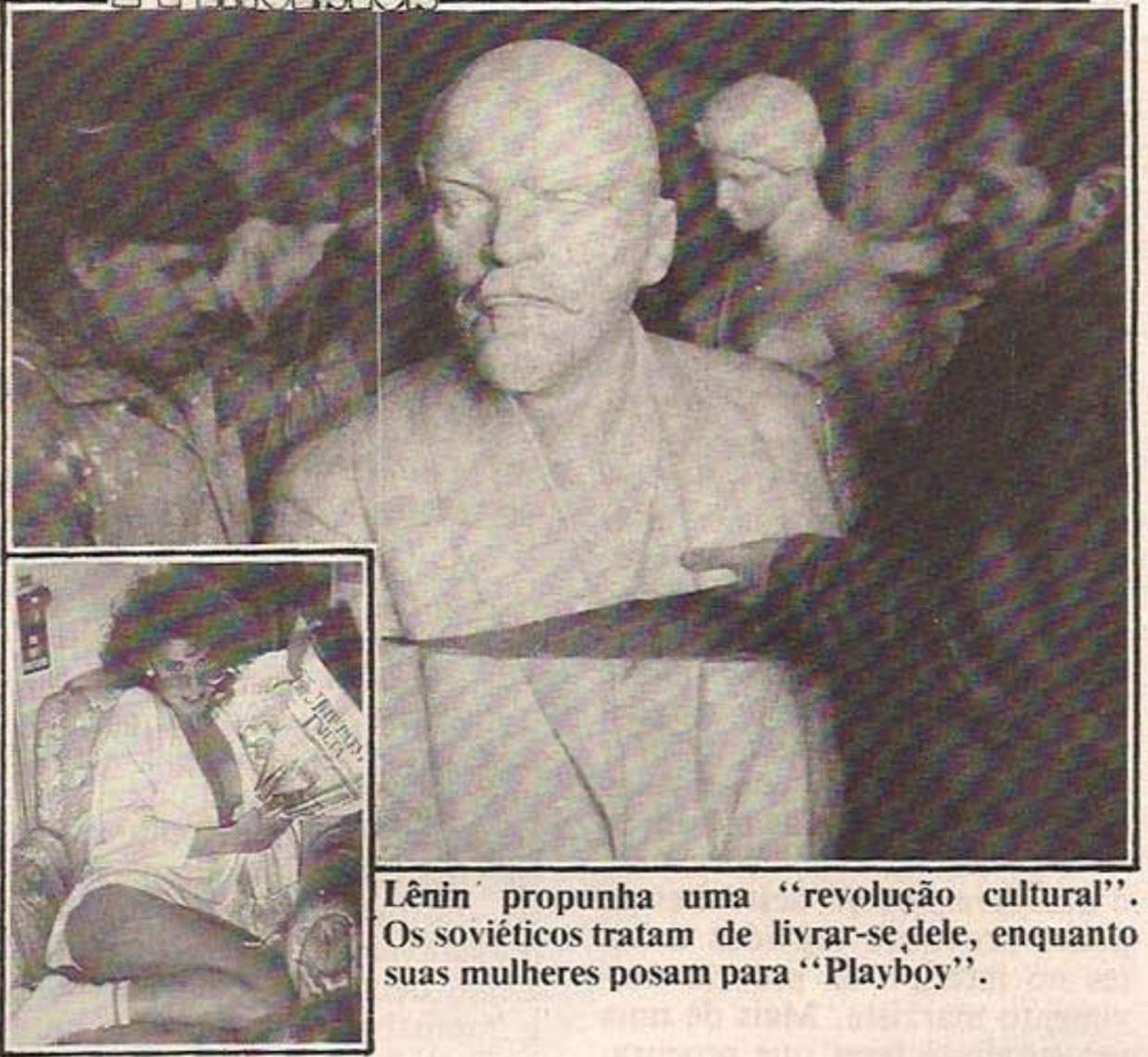
Engels mostra, ainda no “Anti-Duhring”, que o surgimento do novo modo de produção que substituirá o capitalismo é um processo cujo primeiro passo é a *expropriação* dos meios de produção da burguesia. “O proletariado toma nas mãos o poder do Estado, e converte os meios de produção em propriedade estatal”. Não há senão este caminho”, diz Engels, para desencadear todas as transformações sociais que caracterizarão o advento de uma nova época.

Mais adiante, ele explica com clareza cristalina que se este período representa um salto histórico de enormes proporções é precisamente por *substituir* a “mão invisível” do mercado por um mecanismo muito mais poderoso, e por *livrar* os homens da necessidade animal de viverem e de competirem entre si apenas para garantir a própria sobrevivência. “Ao apossar-se a sociedade dos meios de produção, cessa a produção de mercadorias e, com ela, o domínio do produto sobre os produtores. A anarquia reinante no seio da produção social cede lugar a uma organização planejada e consciente. Cessa a luta pela existência individual. Assim, em certo sentido, o homem sai defi-

nitivamente do reino animal e sobrepõe-se às condições animais de existência, para se submeter a condições de vida verdadeiramente humanas. (...) A própria existência social do homem, que até aqui era enfrentada como algo imposto pela natureza e a história é, de agora em diante, obra livre sua. (...) Só a partir de então, ele começa traçar a sua história com plena consciência do que faz. (...) É o salto da humanidade do reino da necessidade para o reino da liberdade.”

Da mesma forma, só os deturpadores mais grosseiros podem alegar que o socialismo científico propõe em seu programa a existência de um Estado todo-poderoso, que controla cada passo da vida dos indivíduos. Embora tivessem polemizado incessantemente com os anarquistas, que propõem “abolir” o Estado sem dizer que relações sociais concretas podem substituí-lo, Marx e Engels sempre deixaram claro que o controle estatal dos meios de produção era apenas um passo necessário para criar condições que permitissem a *extinção* do Estado.

Quando termina de transformar os meios de produção em propriedades coletivas, diz o “Anti-Duhring”, o proletariado destrói “toda a diferença e todo o antagonismo de classes, e com isso o Estado como tal”.



Lênin propunha uma “revolução cultural”. Os soviéticos tratam de livrar-se dele, enquanto suas mulheres posam para “Playboy”.

Engels lembra que a sociedade sempre precisou do Estado, com todos os seus múltiplos aparelhos, para “manter pela força a classe explorada nas condições de opressão”. No entanto, raciocina, “quando o Estado se converter, finalmente, em representante efetivo de toda a sociedade tornar-se-á por si mesmo supérfluo. Quando não existir já nenhuma classe que precise ser submetida, (...) nada mais haverá para reprimir, nem haverá necessidade, portanto, dessa força especial de repressão que é o Estado.”

O aparente paradoxo entre a necessidade de reforçar o poder do Estado — para controlar o conjunto dos meios de produção — e a de criar condições para o *desaparecimento* deste mesmo poder provocou seguidos debates no interior do próprio movimento marxista. Mais de uma vez surgiram teses que procuravam negar a necessidade do definhamento da máquina estatal. A polêmica contra tais teses, no entanto, permitiu ao marxismo definir com clareza ainda maior certas questões.

Um dos debates mais famosos opôs, em 1917, Lênin, o líder do Partido Bolchevique russo, a Karl Kautsky, que havia sido colaborador pessoal de Engels e principal líder dos marxistas alemães, mas que havia assumido posições anti-revolucionárias. Este debate é de enorme atualidade, porque demonstra que já no início deste século surgira e se desenvolvera uma ampla discussão sobre o caráter das instituições políticas capazes de levar ao comunismo.

Entre outros pontos, Kautsky propunha a preservação de instituições políticas e da máquina estatal burguesa, que apenas *mudariam de mãos* quando os marxistas chegassem ao poder; e dizia que suprimi-las era um objetivo dos anarquistas.

Lênin combateu ambos os pontos de vista. Sustentou que o marxismo jamais poderia abandonar o objetivo de pôr fim ao Estado, e criticou asperamente a forma utilizada por Kautsky para abordar a polêmica com os anarquistas. Procurou mostrar ainda que as instituições políticas a serem estabelecidas a partir da tomada do poder pelo proletariado dever

riam servir tanto para esmagar as tentativas da burguesia de retomar o poder quanto para preparar o terreno para o estabelecimento da sociedade sem classes e sem Estado.

Redução das diferenças salariais: mais uma idéia que a perestroika abandonou

Marx havia dito que entre a sociedade capitalista e a sociedade sem classes (comunista) é necessário um período de transformação revolucionária da sociedade. E acrescentara: “A este período corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser outro a não ser a *ditadura revolucionária do proletariado*”. Lênin deixa claro inclusive que é impossível “fixar prazos para a duração deste período”. O advento desta nova fase, lembra ele, “pressupõe uma produtividade do trabalho que não é a atual e homens que não são os atuais”.

Ao lado disso, no entanto, ele vai demonstrar que o poder socialista, ao mesmo tempo em que se reforça para sufocar as tentativas de retrocesso, precisa gradativamente ir criando as condições para seu próprio desaparecimento. Entre estas condições, demonstra Lenin, está não a conservação, e sim a indispensável *substituição* das instituições políticas e da máquina de Estado burguesa por instrumentos inteiramente distintos - os *soviets*, ou conselhos populares. Exatamente o contrário das reformas introduzidas por Gorbachev.

A democracia burguesa, como se viu, permite ao povo participar das decisões políticas apenas nas eleições. Sob o socialismo, diz Lênin, é preciso preparar todo o povo para discutir e decidir sobre as questões do Estado. “Pela primeira vez na história das sociedades civilizadas a *massa da população se levanta para intervir por conta própria* não só em votações e eleições, *mas também no trabalho diário da administração*. Sob o socialismo *todos* interferirão na direção e se habituarão rapidamente a que *ninguém* dirija.

Ainda em “O Estado e a revolução” o líder dos comunistas russos mostra que para chegar à sociedade sem classes é necessário reduzir a jornada de trabalho, outro conselho desprezado por Gorbachev e seus seguidores. Esta já é uma medida plenamente possível e necessária, dizia Lênin. Possível porque com os meios de produção sob propriedade coletiva o avanço da técnica, das máquinas, da automatização resulta não em desemprego, mas na melhora geral das condições de trabalho. E necessária porque só assim os trabalhadores terão mais tempo para se ocuparem da administração do Estado.

Por fim, Lênin mostra que é necessário caminhar no sentido da redução progressiva das diferenças salariais, uma idéia que a *perestroika* também tenta destruir. Mesmo os salários dos funcionários do Estado, diz ele, devem ser paulatinamente equiparados ao salário de um operário, para evitar o surgimento de uma casta burocrática privilegiada.

Mais tarde, já com a experiência das dificuldades dos primeiros anos do governo soviético, Lênin enfatizou mais um aspecto fundamental para o avanço do socialismo que não é levado em conta pelo atual governo soviético. Ele já dissera anteriormente que o comunismo surgirá com “homens que não são os atuais”, vorazes por bens e recompensas materiais. Agora, no poder, acrescenta que o *homem novo* necessário para a construção do comunismo seria resultado de uma “revolução cultural”, um método que implica não só no desenvolvimento material da sociedade, mas também em mobilização política constante e em profunda revisão dos valores burgueses.

Os interesses *individuais*, e a luta por sua satisfação invocados por Gorbachev resultam das condições impostas pelo mecanismo do mercado à sociedade. A concorrência é o combustível que move o “moinho satânico”, a guerra aberta de todos contra todos. A concorrência feroz entre todos não é apanágio apenas das grandes empresas, mas instala-se entre os próprios trabalhadores, dando sólido fundamento ao individualismo

e minando as bases da cooperação.

Gorbachev ataca da mesma forma a igualdade entre os homens, que procura tratar de modo pejorativo. "O socialismo não tem nada a ver com igualitarismo", garante no livro "*Perestroika*". Engels já havia destruído este argumento. Mas é importante notar que no próprio bloco dos países ligados à URSS vozes importantes se levantam contra idéias como esta. O dirigente cubano Fidel Castro, por exemplo, num discurso em 8 de janeiro de 1989, disse: "Parece-me insultuoso ao ideal revolucionário, às idéias revolucionárias, a pretensão de que o homem só age por interesses de tipo material. (...) Não pode existir socialismo, nem pode desenvolver-se uma sociedade comunista, sem educação, sem que certas idéias se tornem princípios éticos irrenunciáveis de cada cidadão, de cada ser humano."

A reforma dos preços é outro aspecto fundamental para a implantação do sistema de mercado. "Sem a reforma dos preços não poderemos criar relações econômicas normais na economia nacional", dizem as resoluções da 19ª Conferência. Esta fase, em sua candidez, trai o segredo das mudanças em curso. Em vez de relações econômicas "normais", dependentes dos preços estabelecidos pelo mecanismo de mercado, seria melhor dizer a palavra correta para designar o que se pretende: *capitalismo*.

Acabar com os preços administrados, aumentar aluguéis, alimentos, transportes e telefones

Outros defensores da *perestroika* esclarecem o significado dessa frase. Seweryn Bialer, especialista em URSS da Universidade de Colúmbia, Nova York, diz que o sistema previdenciário soviético, que o secretário do PCUS quer liquidar, "controla preços ridiculamente baixos de aluguéis de apartamentos, gêneros de primeira necessidade, transportes e telefones."

Os ingredientes para a construção do "moinho satânico" estão ameaçadoramente presen-

tes nestas propostas: liberdade de preços e com ela a inflação e o crescimento do custo de vida; desemprego e com ele o arrocho salarial; e, finalmente, a institucionalização da desigualdade, isto é, a repartição desigual a riqueza produzida pelos trabalhadores soviéticos, do fruto do esforço comum, como em qualquer país capitalista.

Os trabalhadores soviéticos estão à frente de um inimigo que, há pela menos cinco séculos, é enfrentado pelos trabalhadores dos países capitalistas - o mercado. Ele já faz estragos visíveis. E. Gambeeva, responsável por uma fazenda leiteira num *kolkhoz* na região de Orel diz que o "trabalho em brigadas autogeridas levou a um forte aumento dos salários. Chegamos a receber 400 rublos, mas eu estou preocupada pelo fato de o dinheiro começar a interessar mais que tudo". Um operário denunciou, na 19ª Conferência, que a *perestroika* não trouxe nenhum benefício aos trabalhadores. A presidente do Comitê das Mulheres Soviéticas, por sua vez, denunciou que as reformas econômicas atingiram "o setor mais vulnerável da força de trabalho: as mulheres e as crianças. As empresas que precisam demitir para cortar os seus custos estão dispensando primeiro as mulheres. Mulheres com filhos estão se tornando uma força de trabalho indesejável."

O sociólogo Gennady Batygin, sub-editor da revista *Estudos Sociológicos*, diz que constata uma falta de entusiasmo nas pessoas; elas "não querem fazer força", diz ele. "Só as camadas superiores, os intelectuais, têm entusiasmo" Entre os camponeses, há também sinais de resistência. O húngaro Andras Nagi referiu-se, no Seminário Internacional sobre a *Perestroika* realizado em São Paulo e Rio de Janeiro, em 1988, a muitas famílias de camponeses que chegam a destruir equipamentos agrícolas daquelas que optaram pelo sistema de autogestão.

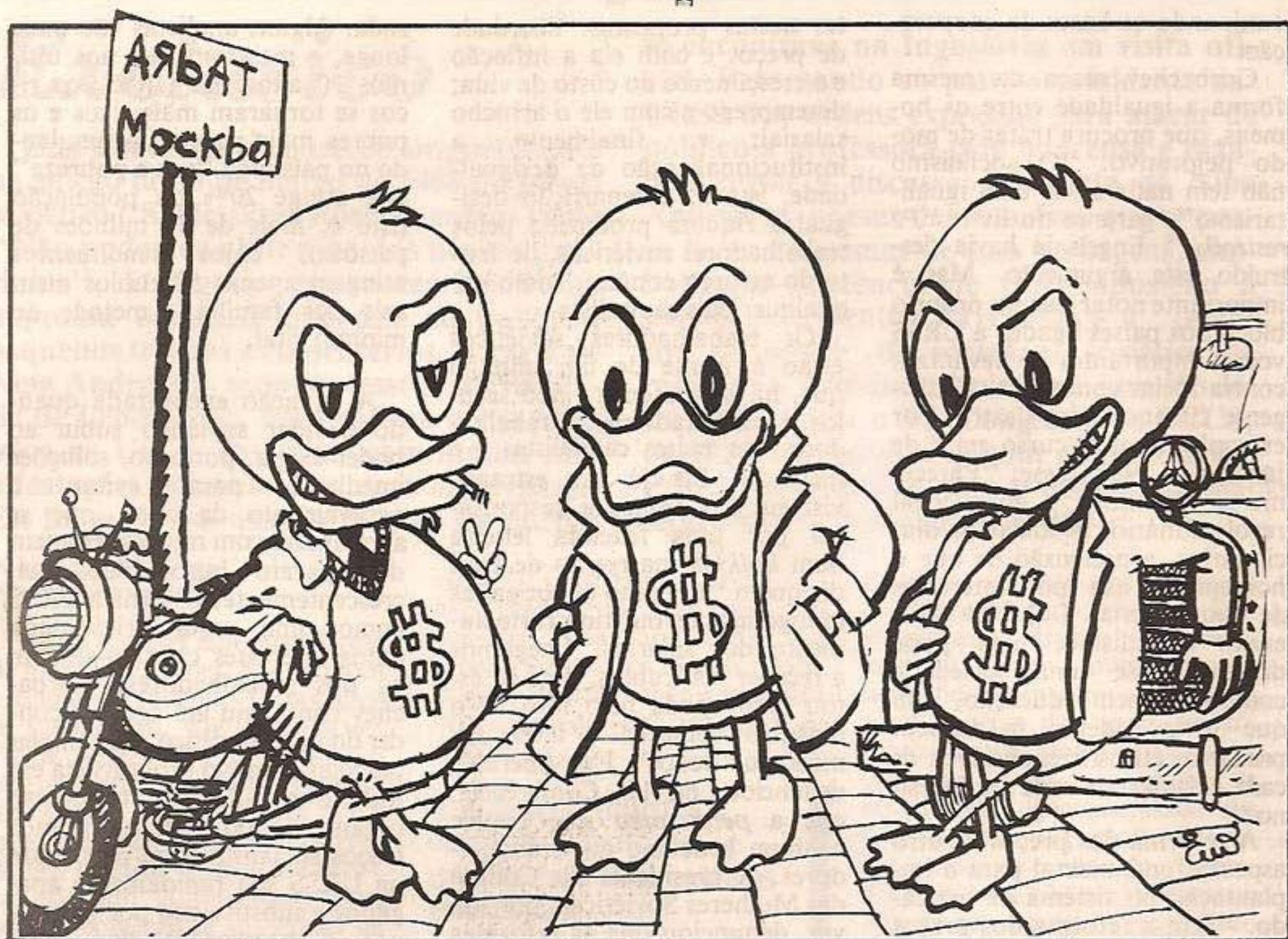
Gorbachev tem descrito com cores fortes a crise da URSS. Queda de crescimento econômico; ineficiência produtiva; planificação mal feita e conseqüente uso desequilibrado de recursos econômicos; corrupção generali-

zada. Alguns analistas vão mais longe, e mostram que nos últimos 30 anos, na URSS, os ricos se tornaram mais ricos e os pobres mais pobres, acumulando no país uma "nova pobreza" que atinge 20% da população (isto é, mais de 50 milhões de pessoas), cujos rendimentos atingem apenas 50 rublos mensais por família - metade do mínimo vital.

A situação encontrada quando o líder soviético subiu ao poder exigia, portanto, soluções imediatas para evitar o agravamento da crise, que se aproximava com rapidez. Homem do aparato burocrático que, crescentemente, governa a URSS como uma casta privilegiada cujos interesses chocam-se com os dos trabalhadores, Gorbachev conseguiu até agora esconder do povo soviético, e de amplas parcelas do povo progressista em todo o mundo, um retrocesso organizado no qual os últimos traços socialistas que persistiam na URSS são rapidamente apagados e substituídos por incentivos e motivações claramente capitalistas.

Mas a apologia do mercado - em todas as fórmulas em que a palavra aparece - mal consegue esconder o destino final do retrocesso comandado por Gorbachev - a criação de mecanismos que viabilizem uma via capitalista clássica para aquele país. Vadim Medvedev reconhece esse fato ao declarar que "as vias de desenvolvimento do capitalismo e do socialismo se cruzam inevitavelmente numa única civilização humana".

Ao contrário do que pensa Medvedev, ao prever uma combinação de capitalismo e socialismo, sempre que a humanidade encontrou-se numa encruzilhada, que impunha a implantação de novas formas de vida, ela se viu obrigada a um enorme esforço intelectual para *distinguir* com clareza o velho do novo, e *impedir* que o passado entrave a marcha do progresso. A mudança do modo de produção implica uma mudança radical de todas as relações entre os homens, mesmos daquelas vistas ilusoriamente como "naturais" e "eternas".



O renegado da rua Arbat

Carlos Pompe *

Um acontecimento no mercado editorial. O livro "Os filhos da rua Arbat" já vendeu, segundo dados de fevereiro, 8 milhões de exemplares somente na União Soviética. Foi traduzido para 20 línguas e pode ser encontrado nas livrarias de mais de 40 países. A edição inglesa alcançou 6 milhões de exemplares. No Brasil, foi publicado pela Editora Best-Seller em janeiro.

Por trás desses números está o aparelho estatal soviético. Proibido durante a gestão de Leonid Brejnev, o livro foi publicado entre abril e junho de 1987 na revista "Druzhba Narodov" por interferência direta de Mikhail Gorbachev. Ievgueni Ievtuschenko, festejado poeta oficial russo, foi acionado para apresentar a obra. E não deixou por menos: "Um grande livro, um grande momento de nossa literatura", escreveu o poeta preferido de Nikita Krushev.

Se no país da "perestroika" a divulgação foi assim, no chama-

do "Mundo Ocidental" a propaganda também foi massiva. Os escribas de aluguel colocaram a máquina publicitária para funcionar. A revista estadunidense "Time" deu o tom: "Trata-se de um dos raros trabalhos verdadeiramente importantes de ficção histórica surgidos na URSS nos tempos modernos". E os papagaios brasileiros matraquearam em suas máquinas: "a obra maior dada à luz no período Gorbachev" (Jornal do Brasil); "um texto sempre elegante e fluente" (revista "Veja"); "justifica a fama do autor como um dos mais importantes da moderna literatura soviética" (Folha de S. Paulo).

"Os filhos da rua Arbat" é um romance político. São jornalistas políticos, na sua maioria, os que têm se debruçado sobre ele e feito comentários sobre seu teor, em especial sobre a figura de José Stálin, dirigente máximo da União Soviética no período em que se passa a trama (de 1933 a 1935) e um dos personagens do romance. A obra está dividida em três partes. Na primeira, o

leitor é apresentado a Sacha Pankrátov e seus amigos que moram ou convivem com ele na rua Arbat, um centro intelectual de Moscou. Sacha é condenado ao exílio na Sibéria por ações contra-revolucionárias. Na segunda, enquanto Sacha toma contato com o mundo do exílio, seus colegas concluem o curso escolar e ingressam na vida profissional. Especial destaque é dado para a adolescente Vária Ivânovna, seu despertar amoroso e seu interesse e solidariedade para com o amigo Sacha e a mãe deste. O segmento termina com Vária envolvendo-se com um aventureiro, Cóstia, e Sacha, já na Sibéria, rumando para a aldeia onde viverá o exílio. A terceira parte aborda a vida de Sacha e outros exilados na aldeia de Mosgova; Vária separa-se de Cóstia, começa a trabalhar e escreve para Sacha. Ocorre o assassinato de Serguê Kírov, e um exilado comenta com Sacha: "tempos negros estão começando" (o livro insinua que Stálin teria ordenado o assassinato). Há ainda um "Posfácio", onde

*Jornalista, colaborador da Princípios

Sacha, em 1944, major do Exército Vermelho durante a II Guerra Mundial, encontra-se com um ex-colega da rua Arbat, agora general. É o autor, Anatoli Ribakov, intervém diretamente no texto para anunciar ao leitor que pretende levar “esta narração até 1956, ao XX Congresso”. Essa é a sequência, digamos, “cronológica”, do livro.

A narração é linear, mas, seguindo o trecho, poderíamos fazer uma outra síntese do livro, buscando seu “filão romanesco” propriamente dito. Teria também neste caso três partes. A primeira, a biografia de Sacha. E nela, há muito da própria vida do autor. Como Sacha, Anatoli Ribakov viveu sua mocidade na rua Arbat, cursou o Instituto de Transportes após trabalhar como carregador, foi condenado a três anos de exílio na Sibéria e integrou o Exército Vermelho durante a II Guerra. Uma segunda parte seriam as relações e desenvolvimento das vidas dos companheiros de Sacha. Vária, sua irmã Nina, seus problemas familiares e amorosos. Iúri Charoc, operário que acaba ingressando na polícia política. Maxím e Serafim, que ingressam na carreira militar, entre outros. Muitos dos personagens somem tão rápido quanto aparecem no livro. E uma terceira parte, distribuída ao longo dos 70 capítulos da obra, diz respeito ao Estado soviético e seus dirigentes, em particular Stálin— sobre o qual trataremos mais adiante.

Ribakov tinha objetivos marcadamente políticos ao escrever “Os filhos da rua Arbat”. Numa das tantas entrevistas que concedeu a jornalistas brasileiros (“é do interesse de minha editora”, confessou), o autor afirmou que seu livro “pela primeira vez disse a verdade sobre os anos 30 e sobre Stálin como personalidade. (...) temos que nos livrar da herança de Stálin, que se impôs a nós durante 30 anos”. Diz que “o romance está bem escrito” e o coloca como integrante da “literatura clássica”. Insinua uma comparação entre seu livro e as obras de Shakespeare e Tolstói. Porém, aqueles que atentaram para o livro também como obra literária (e não como um mero panfleto anti-stalinista) não viram nele tanto valor. O jornalista José Onofre escreveu que “à arte faltou volume para se dizer que, finalmente, o Ricardo

III da revolução russa” (Stálin) “achou seu cronista”, acrescentando que Ribakov não é “um criador capaz de chegar perto de qualquer um dos grandes escritores russos do século XIX ou do início deste”. Outro jornalista, Tão Gomes Pinto, considera que alguns golpes perpetrados contra Stálin no livro são “desajeitados e inúteis”...

Mas, se não estamos diante de uma “literatura clássica”, como almejaria seu autor, estamos, sem dúvida, diante de uma obra polêmica. Vale, portanto, buscarmos sua medula, seu conteúdo, as idéias que advoga, o que o autor pensa a respeito da vida e da sociedade em que vivia. Nisso reside o interesse que o governo de Gorbachev e a imprensa capitalista mundial tiveram pela obra.

Os jovens da rua Arbat retratados por Ribakov: uma pequena burguesia passiva e contrariada

Que Ribakov mesmo fale sobre o que pensa. Ele afirmou à imprensa que o período em que Stálin comandou a União Soviética “foram os anos trágicos em nossas vidas. (...) As feridas mais profundas em nosso coração foram feitas pelos anos 30” (note-se: **anos 30**. O ataque nazista e a II Guerra, que nos anos 40 ceifaram a vida de 20 milhões de soviéticos não sensibilizaram tanto o escritor quanto os “anos 30”). Diz que na época de Stálin “as pessoas não podiam expressar nenhuma iniciativa. Não tinham como desenvolver seu potencial e, em consequência, nosso país sofreu um grande atraso econômico, técnico, científico.”

Como se vê, o autor não esconde seu ódio a Stálin e ao período da ditadura do proletariado na URSS. E o ódio não é jamais um bom companheiro para a verdade - talvez por isso a verdade seja tão rara em “Os filhos da rua Arbat”. Assim, a ascensão de Stálin ao comando do partido e do Estado é apresentada por Ribakov como um erro que só trouxe sofrimento ao povo. A adesão de intelectuais e políticos à construção do socialismo sob o comando do PCUS é mero oportunismo. O Estado é apresentado como algo acima das classes, a serviço tão somente de políticos ambiciosos, promotor da liquidação física ou

moral das opiniões divergentes. O povo, o grande agente da história, é apenas pressuposto no livro. Contrariando a tradição dos grandes autores russos que percebem e destacam a beleza, a energia e a riqueza espiritual das massas em movimento na ação histórica, Ribakov não sabe onde colocar o povo em seu romance.

Os jovens da rua Arbat, tal como os pinta Ribakov, são gente passiva diante de seu destino. De uma covardia pequeno-burguesa diante dos acontecimentos (a idéia de um abaixo-assinado em defesa do Sacha perseguido é logo abandonada pelos seus amigos - que o crêem inocente - temendo represálias do Estado). Os poucos operários que passam pelo livro são pessoas desprezíveis. É o caso de Iúri Charoc, operário filho de pequeno burguês que entra no Consomol (contra o voto de Sacha) visando garantir sua ascensão social, força sua namorada a um aborto clandestino que quase a mata, e sua falta de escrúpulos o capacita para trabalhar na polícia secreta. Mesmo assim, eis como Ribakov refere-se a este “operário”: “Não fazia idéia de como viveria em outro sistema, mas não tinha dúvida de que viveria melhor”... Outro operário a desfilar pelo livro é o pai de Sacha, que abandonou sua mulher e nunca lhe deu assistência, e sequer busca saber do filho quando Sacha é preso. Escreve Ribakov sobre o pai de Sacha: “Aquele pedantismo beligerante, absurdo e insuportável na vida familiar era o reverso do seu respeito pelo trabalho. Era um bom funcionário, um especialista de alta qualificação, gostava do que fazia, era dotado de uma capacidade de trabalho impressionante (...) Além do trabalho, dos inventos e das propostas de racionalização nada o interessava, não falava de nenhum outro assunto”. Um exemplo do lugar que cabe aos operários soviéticos na “literatura clássica” do período de Gorbachev.

Diferente é o tratamento dado aos opositores de Stálin e da política do PCUS. As pessoas com que Sacha estabelece relações no exílio são afáveis, sinceras, dedicadas, abnegadas... Vítimas do déspota. Assim são apresentados os trotsquistas, zinovievistas, anarquistas e mesmo alguns czaristas. Numa determinada passagem do livro, a mãe de Sacha afirma que nos tempos do

czar a vida era melhor do que sob o socialismo! E Ribakov faz a apologia incondicional dos inimigos da ditadura do proletariado. Desta forma na sua obra, ele faz o "julgamento" do início da década de 30 na União Soviética. Um julgamento em que não há defensores da Revolução e do Socialismo.

É o período em que, na opinião de Ribakov, "as pessoas não podiam expressar nenhuma iniciativa" e em que o país "sofreu um grande atraso econômico, técnico, científico e social". São os pressupostos com os quais ele escreve seu livro. De fato, o papel aceita tudo. Mas convém que deixemos um pouco de lado a ficção de Ribakov e busquemos alguns dados da realidade dessa época.

O final dos anos 20 e início da década de 30 é o período em que a URSS inaugura a aplicação dos planos quinquenais (os "Planos Stalinistas", como eram chamados). Objetivaram lançar os fundamentos do socialismo, em meio ao cerco agressivo dos capitalistas. Visavam a construção de grandes indústrias capazes de fabricar máquinas para todos os ramos de economia; criar as explorações coletivas no campo; liquidar os elementos capitalistas na cidade e no campo. Nessa época em que o país sofreu um "grande atraso", segundo Ribakov, o mundo capitalista amargava uma crise profunda. As indústrias dos principais países capitalistas reduziram, entre 1929 e 1933, sua produção em média 25%, enquanto a indústria soviética cresceu em mais do dobro. Nessa época em que o povo não podia "expressar nenhuma iniciativa",

segundo Ribakov, foram construídos os complexos industriais de Dnieprostrói, Magnistostrói, Kusnietskstrói, Kheliabstrói, Bóbriki, Uralmashstrói, Kam-

Ficção, calúnias e a deturpação de um período histórico heróico e grandioso

masstrói, além de serem reconstruídas as velhas fábricas - e a URSS se transformou de país agrário em país industrial; de país de pequenas explorações agrícolas individuais em país de grande agricultura coletiva mecanizada. No mundo capitalista ascendia o fascismo obscurantista, inimigo jurado de qualquer manifestação da inteligência, e a URSS realizava uma verdadeira revolução cultural. Nessa época, considerada por Ribakov como um período em que as pessoas "não tinham como desenvolver seu potencial", o analfabetismo caiu de 33% em 1930 para 10% em 1933; o número de estudantes (em todos os graus) saltou de 14 milhões e 358 mil em 1929 para 26 milhões e 419 mil em 1933; o número de clubes de cultura aumentou de 32 mil em 1929 para 54 mil em 1933; as salas de cinema, que eram 9.800 em 1929, foram para 29.200 em 1933; a tiragem diária dos jornais, que era de 12 milhões e meio em 1929, foi para 36 milhões e meio em 1933. Estes são êxitos de três ou quatro anos - num período em que a crise grassava pelo mundo. Na URSS o desemprego deixou de existir justamente nestes anos, enquanto os Estados Unidos apresentavam 17 milhões de desemprega-

dos em 1932.

Em torno de Sacha Pankrátov erguia-se o gigante socialista; a classe operária demonstrava o seu potencial no comando do Estado, construía o mundo do trabalho, sem exploradores ou explorados. Mas o gênio personagem de Ribakov, cercado de inimigos da Revolução por todos os lados, só tem pensamentos para si próprio. Transcorria na URSS uma transformação difícil, pioneira, da construção de uma sociedade de novo tipo, que só pode ser avaliada do ponto de vista dos interesses sociais, do ponto de vista do homem que coloca antes e acima de tudo o povo. Mas Ribakov só pensa nos indivíduos. Mais especificamente, nos azares dos elementos que se opõem à criação da nova vida. Daí suas constantes referências aos "bons tempos" da Nova Política Econômica (a NEP, que Lênin considerava um recuo para o capitalismo, um recuo necessário, mas sempre um recuo). Na opinião de Ribakov a NEP deveria ser "para muito tempo". Daí a extrema simpatia com que ele constrói os personagens pequenos comerciantes, pequenos proprietários rurais e outras camadas da pequena burguesia urbana e rural.

O livro de Ribakov não é objetivo do ponto de vista histórico. É profundamente anti-socialista e não leva em conta os interesses do povo. Seu ódio maior ele o dedica a Stálin, justamente o homem que sucedeu Lênin à frente do Partido Bolchevique no momento da construção da base material do socialismo - o sistema social a que Ribakov deplora.

Logo no capítulo 1, a primeira referência a Stálin. Um tio de Sacha, Mark, é chamado para uma reunião com Stálin. Quando encontra com Sacha, este lhe pergunta: "É verdade que Lênin escreveu que Stálin é grosseiro e desleal?"

A entrada em cena de Stálin, no capítulo 2: "Stálin andava pelo gabinete e parou quando a porta se abriu. Usava túnica militar cáqui, quase marrom, e calça idêntica enfiada nas botas. Parecia abaixo da estatura mediana, corpulento, rosto com marcas de varíola, olhos levemente mongóis. Na cabeleira vasta sobre uma testa baixa apareciam cabelos grisalhos. Stálin deu alguns passos leves, elásticos em direção em direção a



Escola de liquidação do analfabetismo: em 1935, toda a população adulta sabia ler e escrever

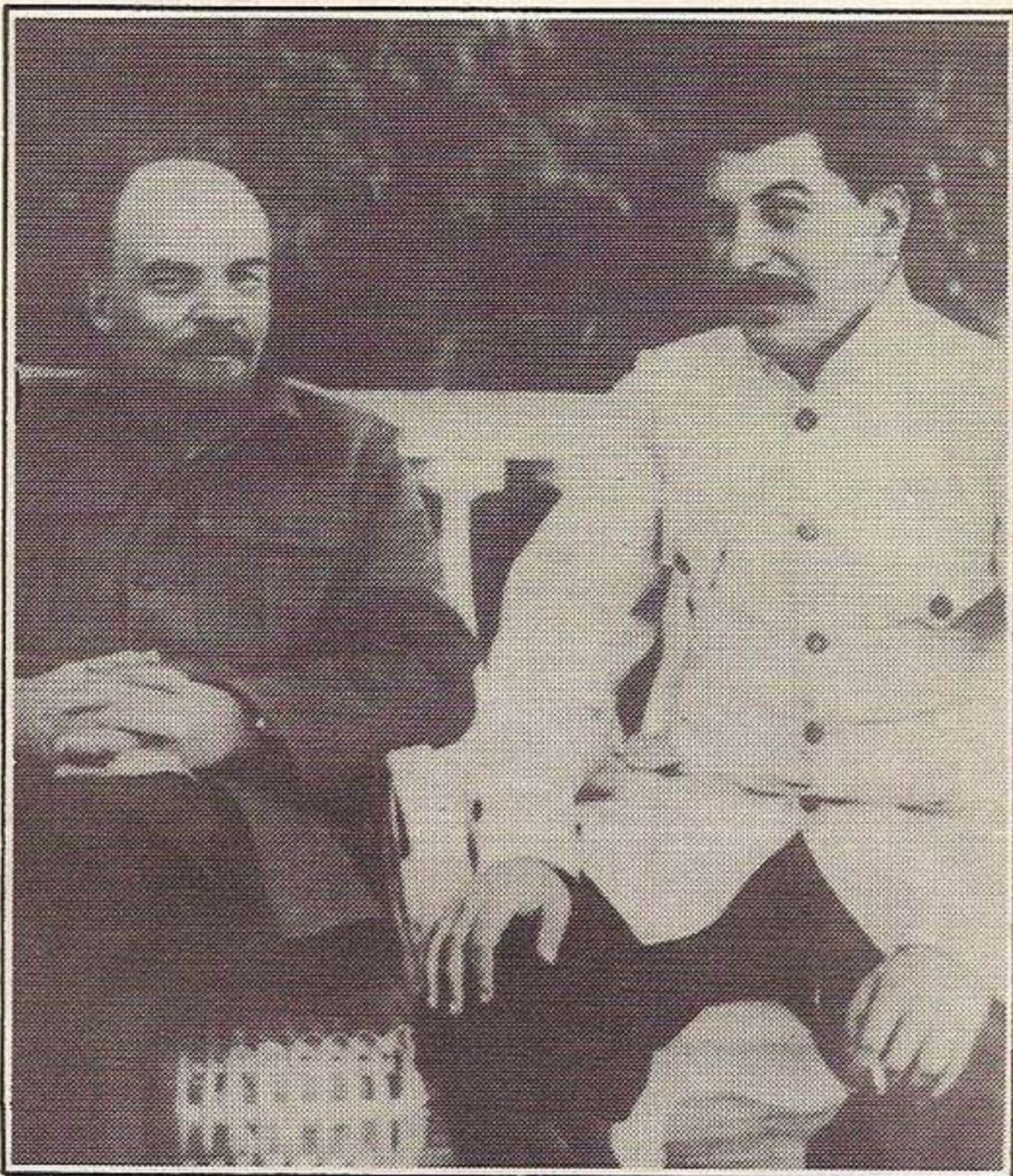
Mark Alieksandrovitch e lhe estendeu a mão, de forma simples, correta, mas consciente do significado desse aperto de mão. Depois afastou da mesa duas cadeiras. Sentaram-se. Mark Alieksandrovitch viu bem de perto os olhos de Stálin: castanho-claros, vivos, pareceram-lhe até alegres.

Mark Alieksandrovitch começou seu relatório pela descrição geral da obra. Stálin o interrompeu imediatamente:

— Camarada Riazânov, não perca tempo! O Comitê Central e seu secretário sabem onde fica a obra e para que serve”.

No capítulo 21 é traçado um perfil de Stálin, um homem que, no exílio, “deixara de falar com um companheiro que brincara com seu hábito de dormir de meias” pois “tomava essas brincadeiras como evidenciação de sua inadaptação, de sua fraqueza”; “em polêmica ele também parecia indefeso”; “um adversário de idéias se tornava para ele um inimigo pessoal”. “Com seus caprichos, ofensas, mal-entendidos pesados, era insuportável”, um “georgiano solitário e intransigente”, desleal, grosseiro e ambicioso de ter “o poder absoluto”.

No capítulo 23 é dito: “Stálin não conhecia a Europa, desprezava os intelectuais do Partido, emigrantes, presunçosos, oniscientes, feitos da mesma massa que os líderes operários ocidentais de fraque e cartola”. Quando participou do V. Congresso do Partido, em Londres, “se fez de caprichoso”, “mirrado e fraco desde a infância, era morbidamente sensível a tudo o que pusesse em dúvida sua força física e sua coragem — estado de espírito de onde medrou a desconfiança”. Ofende a “badalada classe operária inglesa, tão colonizadora quanto os seus patrões”; um homem que “renegava facilmente suas simpatias; as antipatias, nunca”; “convencido de sua infalibilidade”... Temos no capítulo 17 da terceira parte um “diálogo” entre Stálin e seu dentista: “Então é isso — disse com imponência Stálin. — Leve em conta uma coisa: ao camarada Stálin PODE DIZER TUDO, ao camarada Stálin NADA SE PODE ESCONDER. E mais: do camarada Stálin NADA É POSSÍVEL esconder. Mais cedo ou mais tarde o camarada Stálin saberá a verdade”. A partir de determinado capítulo,



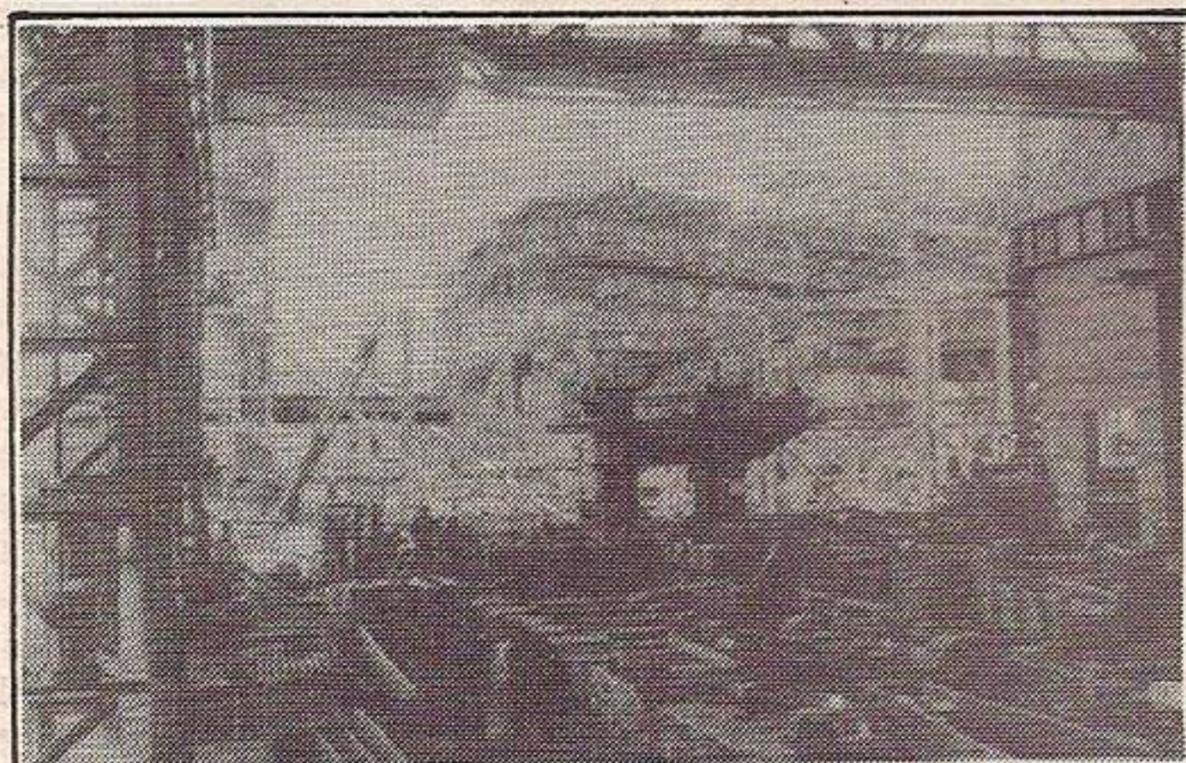
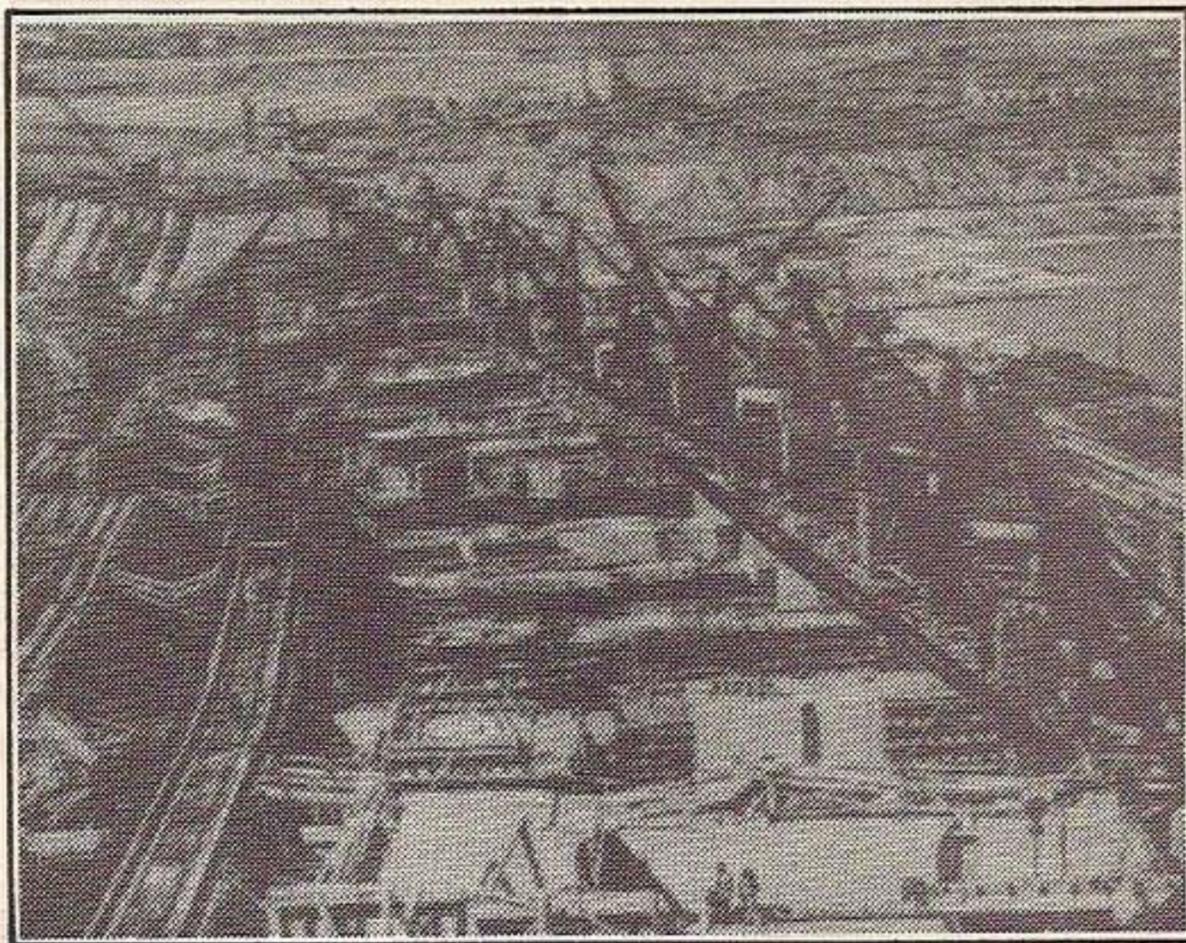
Stálin ao lado de Lênin: para Ribakov, um sujeito medíocre, com medo do dentista.

Ribakov passa a referir-se a Stálin somente com maiúsculas. É o caso deste trecho do capítulo 2 da segunda parte: “Stálin ficou satisfeito com a reunião. Ele se apresentou nela não apenas como iniciador e organizador da reconstrução de Moscou, ELE conservou para a Rússia essa cidade, cujo nome é caro a cada russo. ELE manteve Moscou tal qual a conhece e imagina cada russo. Não esses intelectuais de testa grande, que ficam sentados nas salas decantando preocupação pela cultura da Rússia, mas foi ELE, precisamente ELE e só ELE que satisfaz ao sentimento profundamente russo de amor a Moscou e admiração por Moscou. E por isso Moscou é agora a sua cidade, a futura Moscou será um monumento a ELE.”

Desnecessário perder tempo analisando o primarismo do recurso literário e da construção do personagem. O rancor de Ribakov contra Stálin é tamanho que o impede de refletir um pingão que seja da alma humana por trás de um homem que foi o dirigente da URSS por várias décadas; que despertou a admi-

ração dos proletários, não só de seu país, mas de todo o mundo; um homem cujo nome era pronunciado como um grito de batalha durante a II Guerra Mundial e em várias lutas de libertação nacional. As tintas com que Ribakov pinta Stálin não são as de uma “literatura clássica”, mas as de um folhetim de inclassificável categoria.

Contudo, o ódio que o autor deposita contra sua personagem é tamanho, que Ribakov deixa o campo da ficção para ingressar no mais aberto delírio contra Stálin. Chega mesmo a elaborar situações e pensamentos deploráveis, e os atribui a Stálin com pérfido cinismo. Numa das entrevistas feitas para servir aos interesses de sua editora, Ribakov classifica Stálin como um homem “cruel, astuto, velhaco e implacável”. E apesar dessa visão tão depreciativa, o autor diz que pode “falar como Stálin, sei como ele se expressa e se repete”. Com base nesse argumento, passa a expressar, como se fossem da autoria de Stálin, os pensamentos mais autoritários e



Central hidroelétrica no Dnieper e complexo metalúrgico na Sibéria: só o ingênuo Sacha não viu...

absolutistas no seu romance. Os exemplos são muitos. Mas fiquemos neste, sobre o que é ser revolucionário. São pensamentos atribuídos por Ribakov a Stálin:

“Qual é a motivação de um revolucionário, o que o conduz pelo caminho espinhoso? A idéia? As idéias se apossam de muitos, mas por acaso todos se tornam revolucionários? O amor à humanidade? Amor à humanidade é coisa de babões, batistas e tolstoianos. Não! A idéia é apenas um motivo para o revolucionário. A felicidade geral, a igualdade e a fraternidade, uma nova sociedade, o socialismo e o comunismo são lemas que levantam as massas para a luta. Revolucionário é um caráter, é um protesto contra sua própria humilhação, é uma afirmação de

sua personalidade. Ele foi preso cinco vezes, desterrado, fugiu do desterro, escondeu-se, passou fome, perdeu noites de sono em prol de quê? Em prol dos camponeses, que nada mais querem saber senão do seu próprio estreme? Em prol do ‘proletariado’, esses trabalhadores?”

Mas eram estes realmente os pensamentos de Stálin? Onde Ribakov os encontrou? São fantasias. O que Stálin pensava sobre o revolucionário ele o disse no discurso sobre a morte de Lênin, em 1924, por exemplo. E isto não é ficção. São palavras do próprio Stálin: “Camaradas: Nós, os comunistas, somos homens de têmpera especial. Somo feitos de tecedura especial. Nós formamos o exérci-

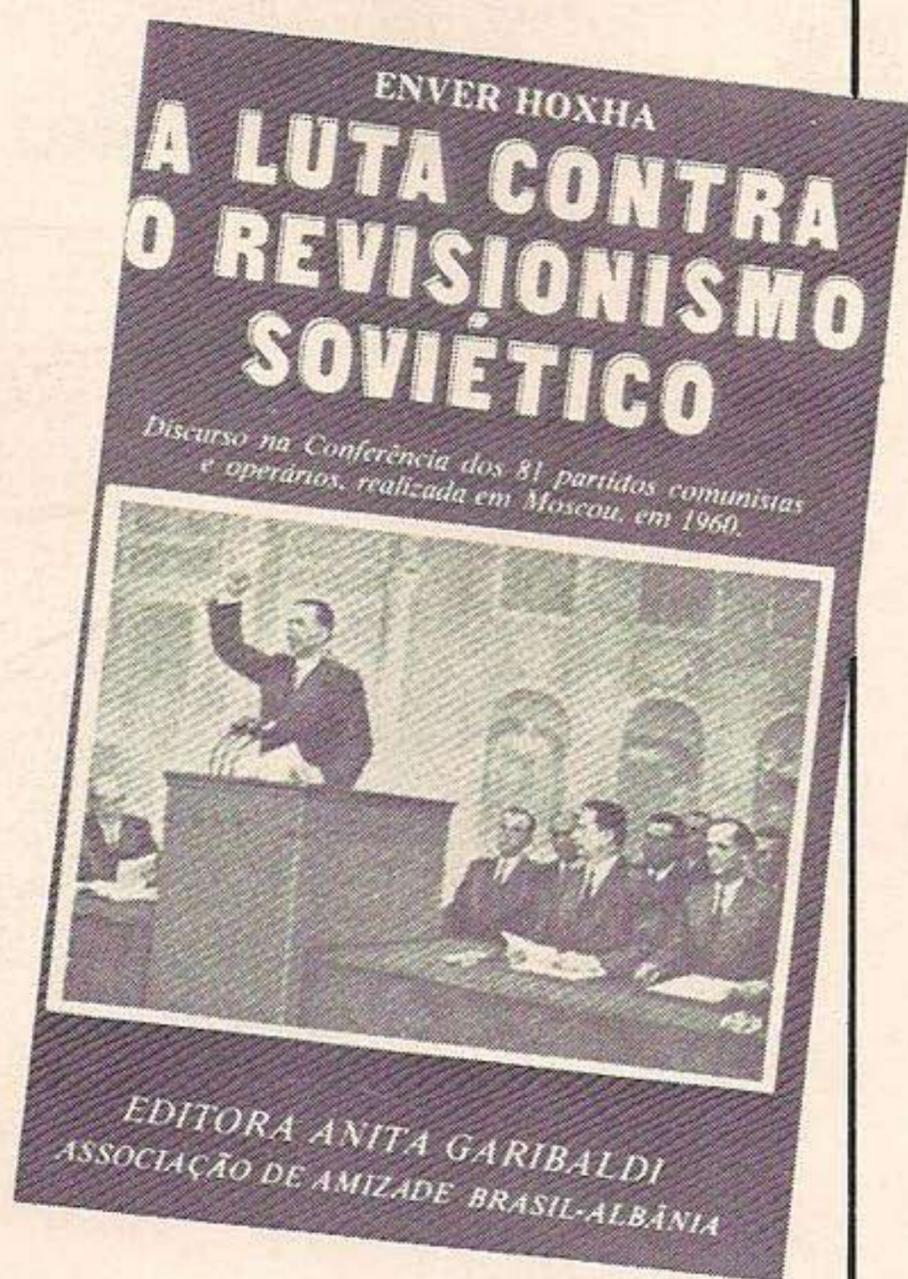
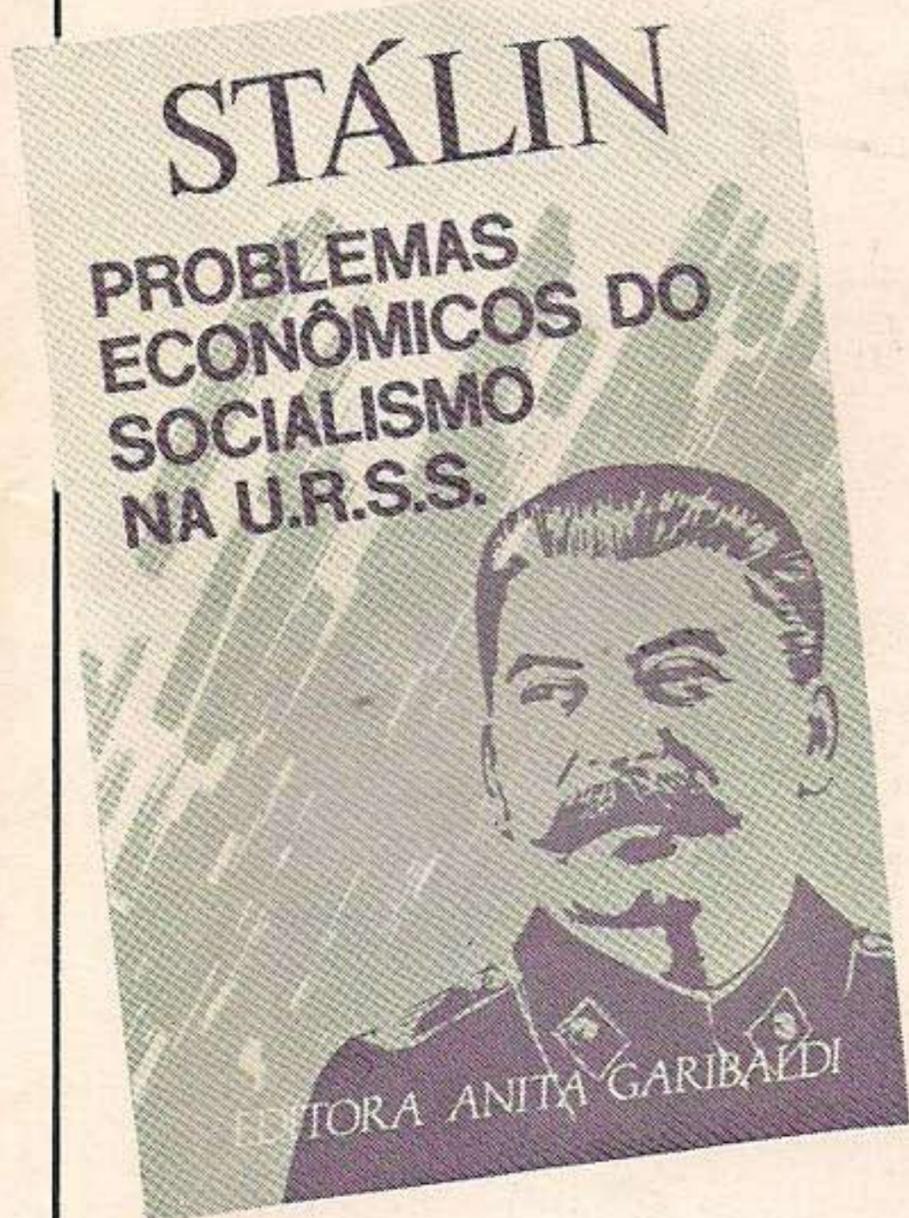
to do grande estrategista proletário, o exército do camarada Lênin. Não há nada mais elevado que a honra de pertencer a este exército. Não há nada mais elevado que o título de membro do Partido cujo fundador e chefe é o camarada Lênin. Nós somos membros deste Partido. Os filhos da classe operária, filhos da miséria e da luta, filhos de privações inconcebíveis e de esforços heróicos; estes são, antes de todos, os que devem militar neste Partido. Por isso, o Partido dos leninistas, o Partido dos comunistas, se chama também o Partido da classe operária”.

No início de 1907, homenageando G. Télia, um comunista morto devido a uma enfermidade fatal, Stálin descreve o que caracteriza um revolucionário: “sede de saber, independência, progresso contínuo, firmeza, amor ao trabalho, força moral”... Assim pensava realmente Stálin.

No entanto... No entanto é justamente o perfil pífilo de Stálin o que agradou a burguesia e a levou a fazer cantilenas em torno da obra de Ribakov. O “Jornal do Brasil” elogia a imagem fictícia de Stálin feita em “Os filhos da rua Arbat”: “uma personalidade insegura e autoritária ao extremo, que confia na disseminação do medo como única forma de governar”. A “Veja” festeja: “O Stálin revelado por Ribakov tem motivos de sobra para ser inseguro. Sob diversos aspectos, era incompetente”. Ievtuschenko, o poeta oficial de Krushev e Gorbachev, diz que o perfil de Stálin foi feito “sem cega idealização ou ódio cego”!

Bem, agora é abrir os olhos e ver. Não há surpresa: o romance de Ribakov foi eleito um grande acontecimento literário justamente por favorecer os interesses daqueles que o elegeram. Trata de conter os ímpetus revolucionários do proletariado. Busca denegrir—com a ficção, já que a realidade do período retratado o desmente fato a fato — os anos de progresso econômico e social da construção do socialismo na União Soviética. Investe com ferocidade contra os proletários, suas lideranças e seu projeto social, a serviço da reação e dos exploradores. Não é um grande livro e nem um grande momento da literatura soviética. Mas é, sem dúvida, um grande serviço prestado aos donos do capital, aos inimigos da classe operária e da revolução.

Leia ainda,
sobre o
revisionismo:



Aguarde, para breve

Terceira edição, ampliada, do livro "Socialismo — ideal da classe operária, aspiração de todos os povos", de João Amazonas.
Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Rua Bororós, 51, 3.º andar — CEP 01320, São Paulo — SP. Telefone (011) 278-3220

**Leia e
assine
o jornal**

“A Classe Operária”

A Classe Operária 
ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
ANO 65 — VI FASE — Nº 21 — DE 15 A 28 DE JUNHO DE 1989 NCz\$ 0,50

CHINA

O imperialismo propaga a ideia que os crimes cometidos pela camarilha reacionária dominante da China mostram "a morte do comunismo". Em artigo na página 21 José Renato Rabelo demonstra que a China nunca foi comunista.

O Partido Comunista do Brasil protestou com veemência contra a ação militarista do governo chinês sobre estudantes e populares. Além da nota assinada pela direção nacional, publicamos trechos de pronunciamentos de parlamentares comunistas. Página 20.

OS MOTIVOS DO MASSACRE

Lula cresce com atos de massa Cobertura da campanha do candidato da FBP. Págs. 4 a 9	A Conam livre da direita Num congresso com a participação de quase 10 mil líderes comunitários, a Confederação Nacional das Associações de Moradores aprova um programa de mobilização e de apoio à unidade popular, exclui as forças comprometidas com o fisiologismo e elege uma diretoria de unidade dos setores progressistas. Cobertura completa do congresso, na página 14.
Fonteles: a luta continua A homenagem do Pará ao líder da reforma agrária. Pág. 15	

Uma
opinião
precisa
sobre os
principais
acontecimentos
no Brasil
e no
mundo,
de um
ponto
de vista
socialista.